



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**ABREU XAVIER NDUMBO NGOWA**

**A ressurreição de Jesus de Nazaré**

**Fundamento da fé cristã no pensamento de  
Joseph Ratzinger**

**Dissertação Final**

**sob orientação de:**

**Professor Doutor Alexandre Coutinho Lopes de  
Brito Palma**

**Lisboa**

**2025**

## DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho aos jovens, pois a minha vocação é um dom especial de Deus, marcado pela predileção por eles. Como Salesiano de Dom Bosco, assumo com amor e responsabilidade o chamamento a servi-los, guiado pelo ensinamento inspirador: «Basta que sejais jovens, para que eu vos ame intensamente».<sup>1</sup> Pelo bem dos jovens, ofereço generosamente o meu tempo, os meus dotes pessoais e a minha saúde, fazendo eco das palavras do nosso Santo Fundador: «Por vós estudo, por vós trabalho, por vós estou mesmo disposto a dar a vida». Foi por eles que empreendi esta jornada académica no Mestrado Integrado em Teologia.

Dedico este trabalho aos meus amados pais, Jorge Ngowa e Teresa Nengenha, cuja vida e testemunho de fé moldaram a minha caminhada vocacional. Dedico-o também aos meus queridos irmãos: Domingos Nangolo Ngowa, Damião Kayonda Ngowa, Isaac Pacheco Ngowa, Anderson Daniel Ngowa, Ezequiel Ngowa, Pedro Tchinanga Ngowa; e às minhas irmãs: Neidy Ngowa, Marcelina Ngowa, Tatiana Ngowa. A presença de cada um deles enriquece e fortalece o meu caminhar.

Dedico este trabalho com especial carinho aos meus irmãos Salesianos da minha Inspeção de origem, Mamã Muxima de Angola, cuja fraternidade e testemunho salesiano são um constante alento.

Dedico-o de modo muito especial ao Professor José Carlos Silva de Carvalho, cuja orientação e dedicação marcaram profundamente o meu percurso académico na Universidade Católica Portuguesa - Porto.

Expresso a minha profunda gratidão aos meus extremosos pais, pelo apoio incondicional e amor inestimável.

Expresso o meu sincero agradecimento aos Salesianos da Inspeção Mamã Muxima, em particular a Dom Martín Lazarte, ao meu Inspetor Padre Victor Luís

---

<sup>1</sup> DB, II *Giovane Provveduto*, Torino 1847, 7 [OE II, 187].

Sequeira, ao Padre Filiberto Rodrigues, ao Padre Santiago Dultra e ao Padre Mauro Costantini, pelo apoio e incentivo ao longo da minha caminhada.

Estendo o meu agradecimento aos Salesianos da Província Portuguesa, especialmente ao Padre José Aníbal Mendonça, ao Padre Tarcízio Morais, ao Irmão José Armando Gomes, ao Padre Joaquim Teixeira, ao Padre David Teixeira, ao Padre Diogo Almeida, ao Padre Artur Pereira, ao Padre José Cordeiro e ao Padre Rui Alberto. O vosso acolhimento e amizade foram essenciais na minha formação e no crescimento espiritual e académico.

Agradeço à senhora Patrícia Maurício, pelo apoio e motivação incondicional. E peço a Deus Pai que a recompense.

Agradeço também aos professores que me acompanharam nesta aventura do estudo da Teologia, nomeadamente ao Professor Doutor Dom Alexandre Coutinho Lopes de Brito Palma, orientador desta dissertação, pela proximidade, amizade e pelo trabalho em conjunto. Igualmente, expresso a minha gratidão à Professora Doutora Ana Maria Jorge, diretora da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, e à Professora Luísa Maria Resende, cuja orientação e paciência foram determinantes na minha compreensão do Grego Bíblico. Através dela, estendo o meu reconhecimento a todos os docentes com quem tive a honra de aprender nesta prestigiada Universidade.

Agradeço aos meus irmãos estudantes de teologia, que desde 2020 demos início aos estudos teológicos: Diácono Daniel Feka Kaliquita, Diácono Jacob Francisco Culembe; aos estudantes de teologia Eduardo Nzinga Viegas, Eustáquio Soares, Francisco Chimuco e Pedro Ferreira.

A Deus, Senhor da minha vida e da minha vocação, toda a honra e toda a glória, pois Nele encontro força e sentido para o meu chamado e para este percurso académico e pastoral.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>CAPÍTULO I – O DEBATE SOBRE A RESSURREIÇÃO NA TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA</b> .....	10
<b>1. Historicidade: a Ressurreição, evento histórico e transcendente</b> .....	12
1.1. A dupla forma de entender a história.....	12
1.2. A historicidade na visão de Edward Schillebeeckx, Walter Kasper e Wolfhart.....	13
1.2.1. Edward Schillebeeckx.....	14
1.2.2. Walter Kasper.....	15
1.2.3. Wolfhart.....	17
<b>2. Corporeidade: interação entre os aspectos físicos, espirituais e teológicos</b> .....	18
2.1. Contributo de Walter Kasper sobre a corporeidade.....	19
2.2. O ser humano como unidade de corpo e alma: uma aproximação contemporânea.....	21
2.2.1. O ser humano como unidade indissociável: tradição e desafios.....	22
2.2.2. A unidade corpo-alma na perspectiva de Xavier Zubiri.....	23
2.2.3. Corpo e alma como símbolo e mistério: a visão de Karl Rahner.....	23
2.2.4. Joseph Ratzinger: o ser humano à luz da criação e da redenção .....	24
2.3. Creio na ressurreição da carne.....	25
<b>3. Sinais da Ressurreição de Jesus</b> .....	26
3.1. O sepulcro vazio.....	27
3.2. A interpretação do sepulcro vazio no Evangelho de São João .....	27
3.3. Os comentários de Ratzinger e Andrés Torres Queiruga sobre o Sepulcro Vazio .....	32
3.3.1. O sepulcro vazio: Realidade Histórica ou Construção Simbólica? .....	33
3.3.2. Ressurreição: Evento Histórico-Teológico ou Experiência de Fé? .....	34
3.3.3. Convergências e Divergências: Tradição e Atualização.....	35
<b>4. As aparições de Jesus</b> .....	35
<b>5. Síntese teológica conclusiva do capítulo I</b> .....	40
<b>CAPÍTULO II – A MORTE E A RESSURREIÇÃO DE JESUS DE NAZARÉ SEGUNDO JOSEPH RATZINGER</b> .....	42
<b>1. A morte de Jesus de Nazaré</b> .....	43
1.1. A cruz como manifestação do amor de Deus.....	46
1.2. O escândalo da cruz e a crise da fé .....	49

1.3. <i>O clamor de Jesus e a obediência ao Pai</i> .....	50
1.4. <i>A morte de Jesus e o plano divino</i> .....	51
<b>2. <i>O Mistério Pascal e a Centralidade da Ressurreição, fundamento da fé cristã.</i></b> .....	<b>52</b>
2.1. <i>A experiência dos discípulos e o evento transformador.</i> .....	53
2.2. <i>O caráter singular da Ressurreição: mais do que um retorno à vida terrena.</i> .....	54
2.3. <i>A Ressurreição na compreensão bíblica e teológica</i> .....	55
<b>3. <i>Importância dos dois tipos de testemunho presentes no Novo Testamento</i></b> .....	<b>57</b>
3.1. <i>Tradição sob a forma de profissão de fé</i> .....	57
3.2. <i>Tradição sob a forma de narrativa</i> .....	59
3.3. <i>As narrativas pascais nos Evangelhos e sua historicidade</i> .....	59
3.4. <i>A tradição paulina e a fé na Ressurreição (1Cor 15, 3-8)</i> .....	61
<b>4. <i>A ressurreição como cumprimento das Escrituras e da promessa de Deus.</i></b> .....	<b>62</b>
<b>5. <i>O caráter ontológico e escatológico da ressurreição</i></b> .....	<b>63</b>
5.1. <i>A ressurreição como um evento histórico e meta-histórico</i> .....	63
5.2. <i>O corpo ressuscitado: identidade e transformação.</i> .....	65
5.3. <i>A ressurreição como início da nova criação.</i> .....	66
<b>6. <i>Síntese teológica conclusiva do capítulo II</i></b> .....	<b>67</b>
<b><i>CAPÍTULO III – A RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO: FUNDAMENTO DA FÉ CRISTÃ E PORTA DA NOVA CRIAÇÃO</i></b> .....	<b>69</b>
<b>1. <i>Ressurreição, como fundamento da fé cristã</i></b> .....	<b>69</b>
<b>2. <i>Ressurreição e identidade de Cristo</i></b> .....	<b>73</b>
<b>3. <i>A fé como resposta ao Ressuscitado</i></b> .....	<b>75</b>
<b>4. <i>Porta da Nova Criação</i></b> .....	<b>78</b>
<b>5. <i>Corporeidade glorificada</i></b> .....	<b>80</b>
<b>6. <i>Esperança Glorificada</i></b> .....	<b>83</b>
<b>7. <i>Implicações para a vida cristã</i></b> .....	<b>86</b>
7.1. <i>Vida como testemunho</i> .....	87
7.2. <i>Missão e evangelização</i> .....	89
7.3. <i>Eucaristia e ressurreição</i> .....	91
<b>8. <i>Síntese teológica conclusiva do capítulo III</i></b> .....	<b>93</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>95</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>97</b>

## RESUMO

A presente dissertação, intitulada *A Ressurreição de Jesus Cristo. Fundamento da Fé Cristã no pensamento de Joseph Ratzinger*, analisa a Ressurreição de Cristo como o núcleo da Cristologia e da Escatologia de Ratzinger, evidenciando a sua centralidade na fé cristã e na vida do crente. Esta investigação examina obras fundamentais do autor, como *Jesus de Nazaré – Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição e Introdução ao Cristianismo*, situando o seu pensamento no contexto do debate teológico contemporâneo.

O estudo estrutura-se em três capítulos: no primeiro, contextualiza-se o debate teológico contemporâneo sobre a Ressurreição; o segundo, dedica-se ao estudo e apresentação da Cristologia de Ratzinger; e, o terceiro, procura relacionar essa teologia da Ressurreição com a existência cristã. Aborda-se, assim, a Ressurreição como evento histórico e transcendente, que inaugura a nova criação e revela a plenitude da comunhão trinitária. Na perspectiva do autor, a Ressurreição é o cumprimento escatológico da história da salvação, fundamento da fé cristã e porta para a comunhão eterna com Deus. As suas implicações escatológicas iluminam a vida cristã, fundamentando a esperança no Reino de Deus e a missão eclesial de testemunhar o Ressuscitado. Conclui-se que, para Joseph Ratzinger, a Ressurreição não é apenas o centro da história da salvação, mas o evento que sustenta a fé, orienta a vida sacramental e fundamenta a missão da Igreja como portadora da esperança escatológica no mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Ressurreição; Jesus; Cristo; Ratzinger; Cristologia; Escatologia; Teologia.

## ABSTRACT

This dissertation, entitled *The Resurrection of Jesus Christ. Foundation of the Christian Faith in the thought of Joseph Ratzinger*, analyses the Resurrection of Christ as the core of Ratzinger's Christology and Eschatology, highlighting its centrality in the Christian faith and in the life of the believer. This research examines the author's fundamental works, such as *Jesus of Nazareth: From the Entry into Jerusalem to the Resurrection* and *Introduction to Christianity*, placing his thought in the context of contemporary theological debate.

The study is structured in three chapters: the first contextualises the contemporary theological debate on the Resurrection; the second is dedicated to the study and presentation of Ratzinger's Christology; and the third seeks to relate this theology of the Resurrection to Christian existence. In this way, the Resurrection is approached as a historical and transcendent event, which inaugurates the new creation and reveals the fullness of Trinitarian communion. From the author's perspective, the Resurrection is the eschatological fulfilment of salvation history, the foundation of the Christian faith and the gateway to eternal communion with God. Its eschatological implications illuminate Christian life, underpinning hope in the Kingdom of God and the Church's mission to bear witness to the Risen Lord. The conclusion is that, for Joseph Ratzinger, the Resurrection is not only the centre of salvation history, but the event that sustains faith, guides sacramental life and underpins the Church's mission as the bearer of eschatological hope in the contemporary world.

The conclusion is that, for Joseph Ratzinger, the Resurrection is not only the centre of salvation history, but the event that sustains faith, guides sacramental life, and underpins the Church's mission as the bearer of eschatological hope in the contemporary world.

**Keywords:** Resurrection; Jesus; Christ; Ratzinger; Christology; Eschatology; Theology

## **ABREVIATURAS DOS LIVROS DA BÍBLIA CITADOS**

1 Cor – 1.<sup>a</sup> Carta aos Coríntios

2 Cor – 2.<sup>a</sup> Carta aos Coríntios

2 Cro – 2.<sup>o</sup> Livro das Crónicas

1 Jo – 1.<sup>a</sup> Carta de João

1 Mac – 1.<sup>o</sup> Livro dos Macabeus

Act – Atos dos Apóstolos

Dt – Livro do Deuterónimo

Ef – Carta aos Efésios

Ex – Livro do Êxodo

Fl – Carta aos Filipenses

Gl – Carta aos Gálatas

Gn – Livro do Génesis

Hb – Carta aos Hebreus

Is – Profecia de Isaías

Jr – Profecia de Jeremias

Jo – Evangelho segundo João

Lc – Evangelho segundo Lucas

Lv – Livro do Levítico

Mc – Evangelho segundo Marcos

Mt – Evangelho segundo Mateus

Rm – Carta aos Romanos

Sl – Livro dos Salmos

## INTRODUÇÃO

A ressurreição de Jesus Cristo constitui o fundamento essencial da fé cristã e o ápice da história da salvação. Este evento, que transcende os limites da compreensão humana, inaugura a nova criação em Cristo, oferecendo ao mundo a reconciliação com Deus e uma esperança escatológica que transforma radicalmente a existência humana. Desde os primeiros testemunhos apostólicos até às reflexões teológicas contemporâneas, a Ressurreição é interpretada como o núcleo da proclamação cristã, conferindo significado à cruz e autenticidade à vida de fé.

No pensamento teológico de Joseph Ratzinger, a ressurreição de Jesus Cristo é abordada como realidade histórica e transcendente, assumindo um papel central na sua Cristologia e Soteriologia. Nas suas obras, homilias e catequeses, Ratzinger articula uma visão que integra a historicidade do evento e o seu impacto salvífico universal, destacando a ressurreição como fundamento não apenas da identidade de Cristo, mas também da vida e da missão do cristão. A sua obra *Introdução ao Cristianismo*, um marco no pensamento teológico do século XX, fornece uma visão ampla e fundamentada sobre a essência da fé cristã, incluindo o significado central da ressurreição no contexto do Credo Apostólico. Para ele, a ressurreição não é apenas um evento entre outros na vida de Jesus, mas o ponto culminante que revela o verdadeiro significado da Encarnação e da Redenção.

A presente dissertação, intitulada *A Ressurreição de Jesus Cristo. Fundamento da Fé Cristã no pensamento de Joseph Ratzinger*, constitui o trabalho final do do Mestrado Integrado em Teologia, da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. O objetivo desta investigação é compreender como, no pensamento de Joseph Ratzinger, a ressurreição de Jesus Cristo fundamenta a fé cristã e ilumina a existência do crente. Este estudo será orientado pela pergunta central: de que modo a ressurreição de Jesus, no pensamento de Ratzinger, fundamenta a fé cristã e molda a vida do cristão?

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro apresenta uma contextualização do debate teológico contemporâneo sobre a ressurreição, abordando questões cruciais como a historicidade, a corporeidade e o testemunho apostólico, dialogando com teólogos como Edward Schillebeeckx, Wolfhart Pannenberg e Walter

Kasper. O segundo capítulo é dedicado à Cristologia de Joseph Ratzinger, examinando como ele integra a ressurreição em sua teologia como evento salvífico central e resposta definitiva à condição humana. Por fim, o terceiro capítulo explora as implicações da Ressurreição para a vida cristã, destacando-a como fundamento de uma vida de fé, esperança e caridade, com ênfase em sua relação com a missão eclesial e a celebração sacramental, especialmente a Eucaristia.

A metodologia adotada consiste na análise crítico-interpretativa dos textos de Ratzinger, especialmente *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, a *Introdução ao Cristianismo* e os volumes VI/2 e X de suas *Obras Completas*. Esta análise será complementada pelo diálogo com outros teólogos contemporâneos, de modo a situar o pensamento de Ratzinger no horizonte mais amplo da teologia atual.

Esta investigação pretende não apenas aprofundar a compreensão da teologia de Joseph Ratzinger sobre a ressurreição, mas também evidenciar como esta realidade ilumina e fundamenta a existência cristã, reafirmando a sua centralidade na vida da Igreja e na esperança do mundo. Ao fazê-lo, busca-se também contribuir para a reflexão teológica contemporânea, sublinhando a pertinência e a profundidade do pensamento de Ratzinger no contexto da fé cristã no século XXI.

## CAPÍTULO I – O DEBATE SOBRE A RESSURREIÇÃO NA TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA

O primeiro capítulo introduz o debate teológico contemporâneo sobre a ressurreição de Jesus, com especial atenção para a sua historicidade, a corporeidade, os sinais e as aparições. A partir da análise de diferentes correntes teológicas, procura-se compreender como esse evento é interpretado dentro da tradição cristã e dos desafios atuais.

A *historicidade da ressurreição* é um dos primeiros aspectos abordados, questionando se ela pode ser compreendida como um facto histórico ou como um evento transcendente. Para isso, explora-se a dupla forma de entender a história e o pensamento de teólogos como Edward Schillebeeckx, Walter Kasper e Wolfhart Pannenberg, que oferecem diferentes abordagens sobre a relação entre fé e história.

Em seguida, discute-se a *corporeidade da ressurreição*, ou seja, a interação entre os aspectos físicos, espirituais e teológicos do evento. É analisado o pensamento de Walter Kasper sobre a corporeidade, seguindo-se uma abordagem mais ampla sobre a unidade do ser humano como corpo e alma, destacando as contribuições de Xavier Zubiri, Karl Rahner e Joseph Ratzinger. A crença na “ressurreição da carne” também é examinada dentro da tradição cristã.

Outro ponto central são os *sinais da ressurreição*, com ênfase no sepulcro vazio e a sua interpretação nos Evangelhos. A análise inclui os comentários de Joseph Ratzinger e Andrés Torres Queiruga, discutindo se o sepulcro vazio deve ser visto como um evento histórico ou uma construção simbólica. A reflexão estende-se à natureza da ressurreição: teria sido um evento histórico e teológico ou apenas uma experiência de fé?

Por fim, examinam-se as *aparições de Jesus* e a relevância do testemunho apostólico no anúncio da ressurreição.

Essa abordagem insere-se na temática central da dissertação “*A Ressurreição de Jesus de Nazaré: Fundamento da fé cristã no pensamento de Joseph Ratzinger*”, uma vez que a reflexão do teólogo alemão sobre a ressurreição ocupa um lugar central em sua

teologia cristológica. Ratzinger vê a ressurreição não apenas como um evento histórico singular, mas como o fundamento da fé cristã, que ilumina a identidade de Jesus e dá sentido à redenção. Dessa forma, o presente estudo busca aprofundar essa perspectiva, demonstrando como a ressurreição de Cristo constitui o núcleo essencial da fé cristã e da esperança escatológica.

O Homem do século XXI, crente ou ateu, racionalista ou místico, mesmo que procure abafá-lo, continua preocupado com o problema da morte, tão antigo como o aparecimento da humanidade na Terra. O ser humano será apenas um epifenómeno destinado ao nada ou será imortal? Sabemos que somos mortais, mas continuamos sem saber o que é a morte. Como notou André Malraux, «o problema não é que temos de morrer, mas que eu vou morrer».<sup>2</sup>

A este respeito, afirma Michel Hubaut:

“Entre as diferentes crenças no além, o cristianismo fez prevalecer no Ocidente, durante muito tempo, a noção de “ressurreição”. Todavia, temos de nos render à evidência de que a “ressurreição” é hoje, para uma grande parte dos nossos contemporâneos, um conceito vazio. Segundo uma sondagem *CSA-Le Monde des religions*, 58% daqueles que se dizem católicos acreditam na ressurreição de Cristo e apenas 10% afirmam acreditar na ressurreição dos mortos; 8% acreditam na reencarnação e 53% respondem que “há qualquer coisa, mas não sei o quê”; 26% destes católicos afirmam até que “não há nada”.<sup>3</sup>

A ressurreição de Jesus tem, no cristianismo, uma importância central: «Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé», pois «ainda estais em vossos pecados» e «aqueles que adormeceram... estão perdidos» (1Cor 15,14.17s). Nos dias de hoje muitos cristãos situam a questão da Ressurreição exclusivamente no campo da fé: devemos simplesmente acreditar, sem mais problematizações. Ora, a sociedade contemporânea aceita cada vez menos declarações dogmáticas sem as interrogar. A geração atual demanda aprofundamento da argumentação.

Neste primeiro capítulo abordaremos a contextualização da ressurreição na teologia contemporânea, tentando circunscrever os termos e o alcance do debate hodierno sobre o tema, tendo em conta pensamento teológico dos teólogos Edward Schillebeeckx, Walter Kasper e Wolfhart Pannenberg, que são contemporâneos de Joseph Ratzinger.

---

<sup>2</sup>A. Malraux, citado em Michel Hubaut, *Do corpo mortal ao corpo de luz: Fundamentos e significado da ressurreição* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2014), 9.

<sup>3</sup> Hubaut, *Do Corpo Mortal ao Corpo de Luz*, 12.

## ***1. Historicidade: a Ressurreição, evento histórico e transcendente***

A historicidade da ressurreição de Cristo é um assunto intensamente debatido na teologia cristã. De facto, os relatos pascais dos evangelhos, referentes ao sepulcro vazio, levantam complexos problemas exegéticos. Por isso mesmo, este tema suscitou sempre grandes debates teológicos.

Antes de apresentarmos o pensamento dos teólogos Edward Schillebeeckx, Walter Kasper e Wolfhart Pannenberg acerca da Historicidade da Ressurreição, vamos desenvolver de forma sucinta a distinção entre “*Historie*” e “*Geschichte*”, que é extremamente rica e útil para explorar a historicidade no contexto cristológico. Na teologia e na filosofia, essas duas formas de entender a história ajudam a estruturar discussões sobre a encarnação, a redenção e a interpretação dos eventos bíblicos e teológicos.

### *1.1. A dupla forma de entender a história*

A distinção entre “*Historie*” e “*Geschichte*” é fundamental para entender a historicidade na teologia cristológica.

“... a “*Historie*” baseava-se em experiências próprias e, naquilo que se tratava sobre o passado, em experiências de outrem, carácter que, para Koselleck, a transformava em uma “ciência de experiências” com aspeto temporal duplo ao pressupor a unidade entre o mundo da natureza e o mundo dos homens, e com duas formas de representação, a descritiva e a narrativa”.<sup>4</sup>

O parágrafo citado acima apresenta um conceito fundamental na obra de Reinhart Koselleck, um dos principais teóricos da história do século XX. O autor descreve o pensamento de que a história é construída a partir de experiências vividas (sejam elas próprias ou dos outros) e, portanto, caracteriza-se como uma “ciência de experiência”.

Em suma, “*Historie*” refere-se à história como uma coleção de factos e eventos objetivos. É a narrativa cronológica e factual dos acontecimentos.

---

<sup>4</sup>Reinhart Koselleck, *O Conceito de História* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2013), 166-167.

“*Geschichte*”, por outro lado, refere-se ao significado e à interpretação desses eventos. É a história como experiência vivida e interpretada, carregada de sentido e significado.

Na teologia cristológica, essa distinção pode ajudar a compreender como os eventos da vida de Jesus (“*Historie*”) são interpretados e compreendidos em termos de seu significado teológico e espiritual (“*Geschichte*”). Isso permite uma compreensão mais profunda da ressurreição e de outros eventos cruciais, não apenas como factos históricos, mas como acontecimentos que têm um impacto duradouro e transformador na fé e na vida dos crentes.

O *Lexikon für Theologie und Kirche*, define *Geschichte* como:

“... *Geschichte* é a sucessão de mudanças das condições de vida do homem, na medida em que as decisões livres desempenham um papel essencial nessas mudanças e na medida em que podem ser reconstruídas através da interpretação de testemunhos”.<sup>5</sup>

O parágrafo acima apresenta uma definição nominal do conceito de “*Geschichte*” (termo alemão para “história”) -, que encerra elementos fundamentais da abordagem histórica e filosófica. Essa definição destaca alguns aspetos centrais sobre o que constitui a História enquanto disciplina e objeto de estudo.

A dualidade entre “*Historie*” e “*Geschichte*” permite um entendimento mais rico e multidimensional da História. No ramo da teologia cristológica, essa distinção não apenas organiza a compreensão factual dos eventos da vida de Jesus, mas também oferece um alicerce para explorar os seus significados teológicos e espirituais profundos.

### 1.2. A historicidade na visão de Edward Schillebeeckx, Walter Kasper e Wolfhart Pannenberg

Após o desenvolvimento sucinto sobre a dupla forma de entender a História, apresentaremos o pensamento de três teólogos contemporâneos de Joseph Ratzinger – Edward Schillebeeckx, Walter Kasper e Wolfhart Pannenberg – acerca da Historicidade da Ressurreição.

---

<sup>5</sup> Karl Schmidt, ed., *Lexikon für Theologie und Kirche*, vol. 4: *Franca bis Hermenegild* (Freiburg: Herder, 1995), 553.

### 1.2.1. Edward Schillebeeckx

Edward Schillebeeckx, ao abordar a historicidade da ressurreição de Jesus Cristo, assume uma linha de pensamento entre a corrente liberal e a teologia querigmática<sup>6</sup>. Para o teólogo dominicano, a fé deve ser acessível à razão histórica, que está centrada também no Jesus Histórico. E faz parte de suas posições teológicas a convicção de que a ressurreição pessoal de Jesus antecede qualquer experiência de fé.

Para Schillebeeckx, está demonstrado ser o querigma da ressurreição mais antigo que os relatos elaborados acerca das aparições e do sepulcro vazio. Aliás, a alusão a este último só ganha sentido quando vinculado àquelas. «A ressurreição de Jesus, isto é, o que aconteceu com ele pessoalmente após sua morte, não se pode identificar com a experiência pascal dos discípulos, não pode ser separada dessa ressurreição»<sup>7</sup>.

Segundo o teólogo holandês, a ressurreição de Jesus Cristo é um acontecimento trans-histórico aberto aos olhos da fé. Desta forma, Schillebeeckx segue uma via média entre o “objetivismo” (que entende a ressurreição como um evento puramente factual e verificável historicamente) e o “fideísmo” (que a considera exclusivamente como uma questão de fé subjetiva e sem conexão com a realidade), afirmando que a ressurreição diz algo sobre Jesus, sobre Deus, sobre os discípulos e sobre nós mesmos<sup>8</sup>.

Para Schillebeeckx, a ressurreição é um acontecimento trans-histórico, ou seja, um evento que transcende os limites da história ordinária e não pode ser completamente captado pelos critérios historiográficos comuns. Ele argumenta que a ressurreição só pode ser reconhecida e compreendida à luz da fé, pois não é um evento acessível aos sentidos humanos ou à análise histórica direta.

Em suma, no pensamento de Schillebeeckx, a ressurreição é um mistério que envolve tanto o campo da fé quanto da história, mas que não se reduz a nenhum dos dois

---

<sup>6</sup> A teologia liberal de Schillebeeckx é caracterizada por uma abordagem mais aberta e crítica em relação à tradição e aos dogmas da Igreja. Na sua reflexão o teólogo holandês buscou uma compreensão mais profunda da fé cristã através do diálogo com a cultura contemporânea e as ciências humanas.

A teologia querigmática, por outro lado, foca a proclamação do querigma, ou seja, a mensagem central do Evangelho.

<sup>7</sup> Edward Schillebeeckx, *Jesus: a história de um vivente* (São Paulo: Paulus, 2008), 651.

<sup>8</sup> Thorwald Lorenzen, *Resurrección y discipulado: El mensaje de la resurrección de Cristo para hoy*, (Salamanca: Sígueme, 2003), 108.

isoladamente. Ele convida à reflexão teológica e ao compromisso existencial, reafirmando a centralidade de Cristo para a fé cristã.

### 1.2.2. *Walter Kasper*

Kasper, teólogo católico alemão, trata da ressurreição de Jesus como centro da fé cristã, mas aborda a sua historicidade com cuidado, reconhecendo tanto o seu caráter histórico quanto a sua dimensão transcendente. Ele busca equilibrar a fé na ressurreição com uma análise teológica e histórica que respeite a singularidade do evento.

Segundo Kasper, a ressurreição deve ser entendida como a ação escatológica de Deus, que exalta Jesus e inaugura a salvação cristã. O teólogo destaca que, embora não haja testemunhos oculares diretos da ressurreição, a fé dos primeiros cristãos e os relatos do Novo Testamento são fundamentais para compreender esse evento como uma manifestação da ação divina na história.

A ressurreição de Jesus Cristo é o fundamento essencial da fé cristã, não podendo ser reduzida a um mero debate sobre evidências históricas ou fenômenos periféricos. A fé pascal não se sustenta apenas na constatação do sepulcro vazio, mas na experiência do Cristo vivo e exaltado à direita do Pai. Neste sentido, qualquer tentativa de deslocar esta realidade central para uma questão marginal enfraquece o coração da mensagem cristã. Como ressalta Kasper: “Com isso se despreza a discussão sobre a ressurreição, lançando-a para uma questão periférica e marginal. Porque a fé pascal não é primeiramente fé no sepulcro vazio, senão no Senhor exaltado e vivente”.<sup>9</sup>

Walter Kasper, ao afirmar que “a fé pascal não é primeiramente fé no sepulcro vazio, senão no Senhor exaltado e vivente”, está a pôr o foco da ressurreição em sua dimensão central e essencial: a experiência do Cristo ressuscitado e glorificado como o fundamento da fé cristã. Ele não descarta a importância do túmulo vazio, mas argumenta que este, por si só, não é suficiente para fundamentar a fé.

A fé cristã sempre afirmou a ressurreição de Jesus como um evento central e fundamental para a salvação. Esta convicção não se baseia apenas nos relatos das aparições do Ressuscitado, mas também em testemunhos litúrgicos e confessionais que

---

<sup>9</sup> Walter Kasper, *Jesus el Cristo* (Santander: Sal Terrae, 2013), 116.

remontam aos primeiros cristãos. Como evidencia Kasper: “Além disso, há uma série de fórmulas confessionais e hinos que, em vez de aludirem a aparições, testemunham diretamente a ressurreição de Jesus”.<sup>10</sup>

A questão da ressurreição de Jesus e do túmulo vazio tem sido objeto de intenso debate teológico e histórico. Neste sentido, como afirma Kasper:

“Mais importante é o facto de as narrativas pascais incluírem relatos sobre o achado do túmulo vazio, que nem sequer é mencionado na outra tradição; enquanto as tradições das aparições se referem originalmente à Galileia, os relatos sobre o túmulo têm naturalmente lugar em Jerusalém. Os relatos da Páscoa nos Evangelhos, especialmente os que dizem respeito ao túmulo, colocam problemas complexos. A questão fundamental é: serão narrativas históricas ou, pelo menos, narrativas com um núcleo histórico? Ou são antes lendas que exprimem a fé pascal em forma de narrativa? As narrativas pascais, especialmente as que dizem respeito ao túmulo, são um produto da fé pascal ou antes o ponto de partida histórico da fé?”.<sup>11</sup>

Esta citação de Walter Kasper reflete a profundidade e a complexidade de sua análise sobre a Ressurreição de Jesus, especialmente no que diz respeito aos relatos da Páscoa e ao túmulo vazio.

Kasper ressalta que a ressurreição não pode ser reduzida a um evento histórico no sentido estrito, mas também não pode ser descartada como mera lenda. Para o teólogo:

- A ressurreição é um evento histórico-teológico, que impactou profundamente os discípulos e deu origem à fé cristã.
- A historicidade dos relatos, como o túmulo vazio e as aparições, é relevante, mas deve ser entendida dentro do contexto maior da experiência de fé pascal.

Em suma, Kasper reafirma a ressurreição como o núcleo da fé cristã, mas convida os leitores a pensar sobre como história e teologia se entrelaçam nesse mistério.

A história e a teologia encontram-se na medida em que os eventos históricos são portadores de significados teológicos:

---

<sup>10</sup> Kasper, *Jesus el Cristo*, 194.

<sup>11</sup> Kasper, *Jesus el Cristo*, 195.

- A crucificação de Jesus é um evento histórico – Ele foi condenado e morto pelos romanos – mas é interpretada teologicamente como o sacrifício redentor que revela o amor de Deus.
- A ressurreição é experimentada pelos discípulos em eventos históricos específicos (túmulo vazio, aparições), mas é compreendida como a exaltação divina de Jesus e a superação definitiva da morte.
- Esse entrelaçamento significa que o evento histórico não pode ser separado de uma interpretação teológica: a ressurreição é tanto um acontecimento quanto uma revelação.

### 1.2.3. *Wolfhart Pannenberg*

Segundo Pannenberg, “a ressurreição está ligada à história concreta do homem Jesus de Nazaré. Seria uma ação de Deus no crucificado, pressupondo identificação entre o crucificado e o ressuscitado”.<sup>12</sup>

Para Pannenberg, a afirmação de que a ressurreição está ligada à “história concreta do homem Jesus de Nazaré” significa que a ressurreição não é um evento abstrato, separado da vida e da morte de Jesus, mas um ato de Deus que ocorre no contexto da história real e específica do ser humano Jesus.

Concordamos com Manuel Fraijó quando, ao falar sobre a importância do pensamento de Wolfhart Pannenberg sobre a historicidade da Ressurreição de Jesus, afirma:

“Neste século ninguém mais do que W. Pannenberg, constituiu todo o seu edifício teológico sobre a historicidade da ressurreição de Jesus. Pannenberg propôs-se falar responsabilmente sobre Deus. Por isso, é necessário relacioná-lo com a realidade total. Mas esta realidade ainda não chegou ao seu final. Surge, pois, a necessidade de que alguém nos antecipe esse final. Esse “alguém” é Jesus. Mas Jesus só antecipa o final se ressuscitou dos mortos. Portanto, o acesso a Deus, a possibilidade de falar responsabilmente d’Ele passa pela ressurreição do cadáver de Jesus”.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Wolfhart Pannenberg, *Teologia Sistemática*, 3 vols. (Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2009), 372.

<sup>13</sup> David Mesquiati Oliveira, “A ressurreição de Jesus na visão de Wolfhart Pannenberg: uma análise do discurso religioso,” *Unitas – Revista Eletrônica de Ciências das Religiões* 1 (jan.-jun. 2014), 132.

Pannenberg, ao abordar a historicidade da ressurreição de Jesus, destaca que a ressurreição não é um evento que transcende ou nega a história de Jesus, mas sim o ato culminante de Deus na história concreta desse homem.

Com a ressurreição de Jesus, Deus revela a sua identidade como o Deus da vida, valida o significado da cruz como um evento salvífico e inaugura o futuro escatológico, garantindo esperança para toda a humanidade.

## **2. Corporeidade: interação entre os aspectos físicos, espirituais e teológicos**

A corporeidade é uma dimensão estrutural da condição humana. Na teologia cristã, o corpo é, além disso, também manifestação da criação divina (o homem é «imagem e semelhança de Deus» (Gn 1,26). e «templo do Espírito Santo» (1 Cor 6,19).

Para falar da corporeidade, é oportuno estruturar a nossa exposição em torno dos dois termos que a língua alemã tem para designar o corpo: *Körper* corpo no sentido total e *Leib* corpo no sentido de carne.

A distinção terminológica entre *Leib* e *Körper* no pensamento filosófico e teológico alemão é de fundamental importância para a compreensão da relação entre corporeidade e existência humana. Ele afirma:

“O uso de dois termos distintos (*Leib e Körper*) não é gratuito. Ao contrário das línguas românicas, que traduzem ambos os termos como equivalentes de corpo (a exemplo do português), a língua alemã conserva a diferença entre o corpo animado, *Leib*, e o corpo físico qualquer, *Körper*. *Leib* tem origem na palavra do alemão medieval *lîp*, cujo uso era primeiramente indiferenciável entre “corpo” e “vida”, e só sucessivamente adquiriu o significado de corpo próprio e anímico, separando-se do sentido de vida, que por sua vez se tornou *Leben* no alemão contemporâneo. Já *Körper* é a germanização do latim *corpus* e, portanto, significa corpo morto ou corpo tomado como mera materialidade. Logo, *Körper* é uma generalidade: qualquer conteúdo que sensibilize a consciência, preencha uma forma extensa (tenha um *Dingschema*) e seja sólido, pode ser chamado de *Körper*”.<sup>14</sup>

O uso distinto de *Leib* e *Körper* na língua alemã reflete uma diferenciação conceitual profunda que é central para a fenomenologia husserliana e a filosofia do corpo.

---

<sup>14</sup> A. P. Barco, *A Concepção Husserliana de Corporeidade: A Distinção Fenomenológica entre Corpo Próprio e Corpos Inanimados* (Universidade Católica de Petrópolis; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1-2), acessado em 23 de maio de 2020, <http://hdl.handle.net/10316.2/32973>. [https://doi.org/10.14195/1984-6754\\_4-2\\_1](https://doi.org/10.14195/1984-6754_4-2_1).

Essa distinção, conforme descrito, carrega implicações fundamentais para compreender a corporeidade e a experiência humana.

A diferença entre *Leib* e *Körper* não é apenas linguística, mas reflete uma visão profunda da relação entre corpo e subjetividade. Enquanto *Leib* sublinha o corpo vivido e animado, *Körper* aponta para a sua dimensão objetiva e material. Essa distinção é essencial para compreender a corporeidade humana em sua totalidade, destacando como a fenomenologia transcende as limitações de abordagens puramente biológicas ou dualistas do corpo.

Na teologia cristã, a compreensão do corpo prende-se com os mistérios da Encarnação – «o Verbo fez-se carne e habitou entre nós» (Jo 1, 14) –, da Ressurreição – (o corpo de Cristo é, agora, um corpo ressuscitado, glorioso) – e da Igreja (“Corpo de Cristo”, sua cabeça”).<sup>15</sup> Falar do corpo é ainda falar do corpo glorioso: o corpo daqueles que, pela justiça e misericórdia de Deus, serão salvos e entrarão na eternidade na sua integridade, ou seja, com o corpo próprio. Em resumo, podemos dizer, em linguagem teológica, que o “Corpo Templo do Espírito”, o “Corpo Glorioso” e a Igreja, “Esposa de Cristo”, são o tripé em que assenta a interpretação cristã da corporeidade.

Todos estes “corpos”, em seus diversos aspetos, significados e representações, têm recebido diversas interpretações na teologia.

Há um debate contínuo sobre a natureza da ressurreição e a identidade do corpo ressuscitado. Alguns teólogos contemporâneos, como Walter Kasper, sugerem que a ressurreição envolve uma nova forma de corporeidade que surge no momento da morte.

### *2.1. Contributo de Walter Kasper sobre a corporeidade*

A compreensão da corporeidade em Kasper está ligada ao modo como ele articula a relação entre o humano e o divino na pessoa de Jesus Cristo.

A compreensão do conceito de "corpo" (*sôma*) na teologia bíblica é de fundamental importância para a antropologia cristã, diferenciando-se significativamente das concepções filosóficas gregas e materialistas. Ele afirma:

---

<sup>15</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 789.

“O "corpo" (*sôma*) não é apenas um conceito importante na Escritura, mas também um dos mais complexos. Segundo a Escritura, o corpo é tão essencial para o ser humano que, sem ele, não é possível qualquer existência depois da morte (cf. 1 Cor 15, 35 ss; 2 Cor 5, 1 ss). Para os hebreus, o corpo não é, como para os gregos, o túmulo do mal, do qual o verdadeiro ser humano deve primeiro libertar-se. O corpo é uma criação de Deus e designa sempre a totalidade do ser humano, não apenas uma parte dele. Mas esta totalidade do ser humano não é concebida como uma forma fechada em si mesma, como na Grécia clássica, nem como substância carnal, como no materialismo, nem como pessoa e personalidade, como no idealismo. O corpo é todo o ser humano na sua relação com Deus e com os seus semelhantes. O corpo é a possibilidade ou a realidade da comunicação”.<sup>16</sup>

Essa compreensão bíblica do corpo, como Walter Kasper também destaca, não apenas regista a unidade do ser humano, mas também desafia visões reducionistas da corporalidade, propondo um modelo que integra materialidade e transcendência.

Para Walter Kasper, a relação com Deus e com os outros seres humanos pode ser moldada de diferentes maneiras.

A teologia paulina apresenta uma visão do corpo que transcende uma compreensão meramente material, destacando seu papel na dinâmica espiritual da relação entre o ser humano e Deus. Como afirma:

“O corpo é o lugar onde o ser humano, consoante as circunstâncias, vive uma certa relação de domínio; é o lugar onde o ser humano está sujeito ao pecado, ao egoísmo, à cobiça, à ânsia de poder, etc. Ou coloca-se ao serviço do amor, da dedicação, da abnegação, etc. Para aquele que confessa Cristo, o corpo é o lugar onde essa obediência se concretiza. É por isso que Paulo diz que devemos servir a Deus com o corpo (cf. Rm 12,1f), que devemos glorificar a Deus com o nosso corpo (cf. 1 Cor 6,20). Por isso, o corpo pertence ao Senhor e o Senhor ao corpo (cf. 1 Cor 6,13). Conforme a relação de domínio e de serviço em que nos encontramos, o corpo é *sárquico* ou *pneumático*. Assim, o *corpo pneumático*, de que Paulo fala no capítulo sobre a ressurreição em 1 Coríntios (1 Cor 15), não é um corpo constituído por sabe-se lá que substância pneumática milagrosa. O *sôma pneumatikón* é antes um corpo marcado pelo pneuma, determinado inteiramente por Deus. Portanto, o pneuma não é aqui a matéria, a substância de que é feito este corpo, mas a dimensão do corpo: ele está na dimensão de Deus”.<sup>17</sup>

A visão do corpo na teologia de Kasper, influenciada pelo apóstolo Paulo, apresenta uma compreensão integral e transformadora. O corpo não é apenas um suporte físico ou uma prisão da alma, mas o lugar onde se realiza a relação humana com Deus, seja como espaço de luta contra o pecado, seja como instrumento de serviço e glorificação na perspectiva da redenção final.

---

<sup>16</sup> Kasper, *Jesus el Cristo*, 229.

<sup>17</sup> Kasper, *Jesus el Cristo*, 229- 230

A ressurreição de Cristo é o centro da fé cristã e tem profundas implicações antropológicas e escatológicas. No pensamento Paulino, a ressurreição não é apenas um retorno à vida biológica, mas uma transformação radical do ser humano na dimensão de Deus. Como afirma Kasper:

“Deste modo, podemos dizer definitivamente o que é o corpo pneumático do Ressuscitado (e dos ressuscitados): a totalidade do ser humano (isto é, não só a alma) que entrou de uma vez por todas na dimensão de Deus, que está completamente submetida ao reino de Deus. A corporeidade da ressurreição significa, portanto, que toda a pessoa inteira do Senhor está definitivamente com Deus. Mas a corporeidade da ressurreição significa também, por outro lado, que o Ressuscitado continua a relacionar-se com o mundo e conosco; e isto, certamente, como aquele que está agora próximo de Deus”<sup>18</sup>.

A descrição do corpo pneumático do Ressuscitado, como totalidade do ser humano inserida na dimensão de Deus, oferece uma visão profundamente cristológica e escatológica da ressurreição. Essa compreensão, fundamentada na teologia paulina e interpretada pelo teólogo Walter Kasper, apresenta implicações essenciais para a fé cristã e sua relação com a vida presente e futura.

Em síntese, a corporeidade da ressurreição não apenas afirma a redenção e glorificação da totalidade do ser humano, mas também assegura que essa transformação mantém Cristo em relação ativa com Deus e com o mundo. Esse corpo pneumático é a expressão máxima da vida em Deus, uma realidade já antecipada em Cristo e prometida a todos os que participam de sua vitória sobre a morte.

Essa perspectiva mostra como a teologia contemporânea continua a explorar e a reinterpretar a doutrina da ressurreição, buscando entender melhor a relação entre corpo e alma na vida após a morte.

## *2.2. O ser humano como unidade de corpo e alma: uma aproximação contemporânea*

A Antropologia Teológica Cristã procura compreender a identidade do ser humano à luz da revelação e da tradição teológica. Um dos aspectos fundamentais dessa reflexão é a unidade substancial de corpo e alma, contrapondo-se a visões dualistas ou reducionistas que tentam separar essas duas dimensões. A partir do pensamento de J. L. Ruiz de la Peña, Xavier Zubiri, Luis Ladaria, Karl Rahner, Joseph Ratzinger, Fiorenza e

---

<sup>18</sup> Kasper, *Jesus el Cristo*, 230

Metz, podemos construir uma abordagem teológica coerente e dialogar com as novas antropologias contemporâneas.

### *2.2.1. O ser humano como unidade indissociável: tradição e desafios*

A concepção cristã do ser humano sempre se opôs a uma visão dualista que separa corpo e alma como duas realidades distintas e independentes. Desde os Padres da Igreja, especialmente Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, a teologia cristã reafirmou que o ser humano é uma unidade substancial. Esta concepção foi desafiada pelo desenvolvimento de novas antropologias que sublinham, por exemplo, a dimensão material e histórica do ser humano.

Segundo J. L. Ruiz de la Peña, “as novas antropologias tendem a enfatizar a dimensão corporal e histórica do ser humano, afastando-se de concepções substancialistas da alma”.<sup>19</sup> Isto significa que as ciências humanas modernas passaram a compreender o ser humano cada vez mais a partir da sua experiência no mundo material e do seu condicionamento histórico-cultural. No entanto, Ruiz de la Peña adverte que “a teologia não deve rejeitar essas novas perspectivas, mas dialogar com elas para reafirmar a unidade do ser humano”.<sup>20</sup>

Neste sentido, Luis Ladaria também reforça essa visão ao afirmar que “a antropologia teológica deve evitar tanto um dualismo radical quanto um reducionismo materialista, reconhecendo que o ser humano é um ser corpóreo-espiritual em sua totalidade”.<sup>21</sup> A questão central, portanto, não está na negação das contribuições das ciências humanas, mas na capacidade da teologia de oferecer uma visão que abarque toda a complexidade do ser humano sem o fragmentar.

A tradição cristã reafirma que a alma não é apenas um princípio vital que anima o corpo, mas o princípio organizador do ser humano. O Concílio de Vienne (1311-1312) já havia declarado dogmaticamente a unidade substancial de corpo e alma, afastando interpretações platônicas que viam o corpo como uma ‘prisão’ da alma. No entanto, este

---

<sup>19</sup> Juan Luis Ruiz de la Peña, *As novas antropologias: um desafio à teologia* (Lisboa: Paulus, 1983), 42.

<sup>20</sup> Ruiz de la Peña, *As novas antropologias*, 42.

<sup>21</sup> Luis F. Ladaria, *Introdução à Antropologia Teológica* (São Paulo: Loyola, 2004), 69.

dogma precisa de ser constantemente reinterpretado para dialogar com as novas visões antropológicas, sem perder a sua essência.

### 2.2.2. *A unidade corpo-alma na perspectiva de Xavier Zubiri*

A reflexão filosófica contemporânea trouxe contribuições importantes para a compreensão do ser humano enquanto unidade, e Xavier Zubiri é um dos pensadores que aprofundaram essa visão. Para ele, “o ser humano não é uma justaposição de corpo e alma, mas uma única realidade radicalmente unitária”.<sup>22</sup>

Tal abordagem supera a concepção aristotélico-tomista de alma como "forma substancial" do corpo, propondo que a alma não é um princípio separado, mas a própria estrutura da realidade pessoal do ser humano. Zubiri reforça essa ideia ao afirmar que “a alma não é uma substância separada, mas a estrutura mesma da realidade pessoal”.<sup>23</sup>

Esta visão permite evitar o dualismo cartesiano, que separa a *res cogitans* (mente) da *res extensa* (corpo), e propõe uma concepção integrada da pessoa humana. Para Zubiri, a identidade humana não se encontra apenas na consciência ou no intelecto, mas na totalidade de seu ser corpóreo-espiritual, que se manifesta na relação com a realidade e com o transcendente.

### 2.2.3. *Corpo e alma como símbolo e mistério: a visão de Karl Rahner*

Karl Rahner, em sua teologia, privilegia a dimensão simbólica da existência humana. Ele argumenta que “o corpo não é um mero instrumento da alma, mas a sua expressão visível; o ser humano é, por essência, um ser simbólico”.<sup>24</sup>

Para Rahner, o ser humano não pode ser reduzido a uma entidade espiritual que habita um corpo, pois a sua corporeidade é constitutiva da sua identidade. Ele recorre ao conceito de "existência simbólica" para explicar que o ser humano se expressa através do seu corpo e do mundo material, o que significa que a sua salvação também deve abranger essa dimensão.

---

<sup>22</sup> Xavier Zubiri, *Sobre el hombre* (Madrid: Alianza Editorial, 1986), 465.

<sup>23</sup> Xavier Zubiri, *El hombre y Dios* (Madrid: Alianza Editorial, 1984), 43.

<sup>24</sup> Karl Rahner, “Para una teología del símbolo,” in *Escritos de Teología*, vol. 4 (Madrid: Taurus, 1966), 316.

Esta perspectiva tem implicações profundas para a teologia cristã, especialmente na compreensão da ressurreição e da encarnação. A Encarnação de Cristo é o maior testemunho da unidade do humano e do divino, do corpo e da alma. Se Deus se fez carne, isso significa que a corporeidade não é um obstáculo para a vida divina, mas o meio pelo qual Deus se comunica com o ser humano.

#### 2.2.4. *Joseph Ratzinger: o ser humano à luz da criação e da redenção*

Joseph Ratzinger reforça essa visão ao afirmar que “a unidade corpo-alma não é apenas um dado filosófico, mas uma realidade revelada, pois o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus”.<sup>25</sup>

A doutrina cristã da *imago Dei* (imagem de Deus) destaca que o ser humano é um ser relacional, chamado à comunhão com Deus e com os outros. Para Ratzinger, essa comunhão não se dá apenas no nível espiritual, mas envolve toda a realidade humana, incluindo a sua corporeidade.

Além disso, ele afirma que “a ressurreição de Cristo confirma essa unidade, pois não se trata da imortalidade de uma alma separada, mas da glorificação do ser humano integral”.<sup>26</sup> A ressurreição não é apenas um evento espiritual, mas envolve a transformação do ser humano inteiro, corpo e alma, para a vida eterna.

Em suma, a teologia cristã reafirma que o ser humano não pode ser reduzido a uma dimensão puramente biológica ou psicológica, mas deve ser compreendido em sua totalidade. Como destacam Fiorenza e Metz, “o homem é uma união de corpo e alma, não podendo ser fragmentado sem perder a sua identidade”.<sup>27</sup>

Desta forma, a Antropologia Teológica Cristã continua a ser um espaço de diálogo entre fé e razão, entre a tradição e os desafios contemporâneos. A identidade do ser humano está na sua totalidade corpóreo-espiritual e na sua vocação para a comunhão com Deus, que se manifesta plenamente na ressurreição de Cristo.

---

<sup>25</sup> Joseph Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos* (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982), 45.

<sup>26</sup> Ratzinger, *Teoría de los Principios Teológicos*, 45.

<sup>27</sup> Francis Fiorenza e Johann Baptist Metz, “O homem como união de corpo e alma”, in *Mysterium Salutis*, vol. 2/3 (Petrópolis: Vozes, 1970), 60.

### 2.3. *Creio na ressurreição da carne*

Esta verdade de fé, recitada no Credo, foi proclamada no concílio de Niceia (325) e de Constantinopla (381). Significa que o estado definitivo do ser humano não é o da alma espiritual separada do corpo, mas que os nossos corpos mortais retornarão à vida. Jesus Cristo foi o pioneiro (“primícias”), experimentou a morte e três dias depois ressuscitou. E, assim como Ele ressuscitou para a vida, assim acontecerá com cada ser humano que acredita em Cristo e vive de acordo os seus ensinamentos.

Diz o Catecismo: “A palavra ‘carne’ designa o homem na sua condição de fraqueza e mortalidade. ‘ressurreição da carne’ significa que, depois da morte, não haverá somente a vida da alma imortal, mas também os nossos «corpos mortais» (Rm 8,11) retomarão a vida”.<sup>28</sup>

Trata-se de uma dimensão que ultrapassa a razão humana. Aconteceu com Jesus e acontecerá com todos os “enxertados em Cristo”. Jesus ressuscitado apresentou-se aos apóstolos entrando com “as portas fechadas” (Jo 20, 19-20). O corpo ressuscitado (“corpo glorioso”) transcende as dimensões espaço-temporais terrenas, adquirindo uma dimensão completamente nova. Perguntamo-nos: na hora da morte, o que é que acontece? Que significa a “separação da alma do corpo”, uma antiga expressão de origem platónica? A resposta tradicional parece simples: na morte, o corpo inicia o processo de decomposição, ao passo que a alma, que é imortal, vai ao encontro do julgamento divino e espera um dia reunir-se ao seu corpo, o que acontecerá na hora da ressurreição, pois a alma é feita para “estar com” o corpo. Permanece, porém, uma dúvida legítima: qual é o estatuto ontológico da “anima separata” “antes” da “ressurreição da carne”? O que é feito da pessoa humana, que é também, e essencialmente, corpórea, como acima se mostrou? Se a alma espiritual pode subsistir sem corpo, parece vencer a doutrina do dualismo antropológico, rejeitado pela melhor antropologia filosófica e teológica. Em última instância, o corpo não passaria de um “invólucro” ou “tumba” da alma, como preconiza a doutrina orfopitagórica,<sup>29</sup> presente em todas as formas de reincarnacionismo.

---

<sup>28</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 990.

<sup>29</sup> A doutrina *orfopitagórica* combinava a visão mística da alma do orfismo (O orfismo foi uma corrente espiritual revolucionária na Grécia Antiga, desafiando a religião tradicional ao propor um caminho de salvação individual baseado na purificação da alma. Suas ideias influenciaram profundamente a filosofia, a religião e a mística ocidental), com o pensamento matemático e filosófico de Pitágoras, criando um sistema espiritual voltado para a busca da purificação e da libertação da alma do ciclo de renascimentos. (cf. *Orfismo e filosofia pitagórica* <[www.anaminecan.com/post/orfismo-pitagoras](http://www.anaminecan.com/post/orfismo-pitagoras)>; cf. Christoph Riedweg, *Empédocles y el Orfismo*, trans. Francesc Casadesús, *Taula*, n. 27-28 (1997): 33-59).

Seja como for, o destino último do corpo é ser “corpo glorioso”, ressuscitado para uma vida nova que foge ao nosso controle, vida esta inaugurada com a ressurreição de Jesus. Como afirma São Paulo, “a nossa fé seria vã se Cristo não tivesse ressuscitado”. É esta “certeza de fé” que justifica a prática cristã da oração pelas almas.

São Tomás de Aquino considera que “a doutrina sobre a ressurreição é natural em relação à causa final, porque a alma está feita para estar sempre junto ao seu corpo, e o corpo também para a sua alma”.<sup>30</sup> A alma e o corpo não podem estar eternamente separados. Esta doutrina ajuda-nos também a entender o dogma da gloriosa Assunção de Maria ao céu “em corpo e alma”.

São Tomás completa o raciocínio, afirmando que se trata de um corpo real, mas não de um corpo terrestre como o nosso: «o corpo ressuscitado será real e material, mas não terreno nem mortal». Isto significa que nunca mais o ser humano será sujeito ao espaço e ao tempo da nossa condição terrena.

### ***3. Sinais da Ressurreição de Jesus***

A ressurreição de Cristo constitui o mistério central da fé cristã, sendo objeto de reflexão teológica ao longo da história da Igreja. Na teologia contemporânea, a questão do sepulcro vazio emerge como um dos aspectos mais debatidos, pois se encontra na interseção entre a fé e a historicidade. A ressurreição não pode ser reduzida a um simples evento histórico nem a uma experiência puramente subjetiva dos discípulos; antes, ela se apresenta como um evento escatológico que inaugura uma nova criação e transforma radicalmente a existência humana.

O estudo do sepulcro vazio, portanto, não se limita a uma investigação arqueológica, mas deve ser abordado à luz da Revelação e da tradição eclesial.

Cristo ressuscitado não se transformou num “espírito”, mas num corpo transfigurado. Ao reassumir a condição humana interal, enobreceu a matéria.

---

<sup>30</sup> Tomás de Aquino, *Suma Contra os Gentios*, Livro IV, Capítulo 81, acessado em 26 de março de 2025, <https://johngrungardt.com/2023/04/14/beyond-human-death/>.

### 3.1. *O sepulcro vazio*

Quanto à ressurreição de Jesus, o sepulcro vazio é um *tópos* recorrente. Predominante na apologética clássica, está também presente na teologia contemporânea.

Apresentaremos, em primeiro lugar, a interpretação do sepulcro vazio no Evangelho de São João e, num segundo momento, a reflexão teológica de Joseph Ratzinger e Andrés Torres Queiruga.

### 3.2. *A interpretação do sepulcro vazio no Evangelho de São João*

O quarto Evangelho fala-nos do sepulcro vazio na cena dos “discípulos no túmulo”:

«No primeiro dia da semana, ao alvorecer, enquanto ainda estava meio escuro, Maria de Magdala foi ao sepulcro e viu que a pedra fora retirada do sepulcro. Ela correu, foi ter com Simão Pedro e o outro discípulo, aquele que Jesus amava, e disse-lhes: “tiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o puseram”. Então, Pedro saiu, como também o outro discípulo, e foram ao sepulcro. Ambos correram juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. Inclinou-se e viu as faixas deitadas ali. Todavia, não entrou. Chegou também Simão Pedro que o seguia: entrou no sepulcro e viu as faixas ali deitadas e o pano que cobria a cabeça; este não fora posto com as faixas, mas estava enrolado à parte, noutro lugar. Só então o outro discípulo, aquele que tinha chegado primeiro, entrou, por sua vez, no sepulcro; ele viu e acreditou. Com efeito, eles ainda não tinham compreendido a Escritura segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos». (Jo 20, 1-9).

Nenhum dos quatro Evangelhos narra o momento da ressurreição de Jesus, pois não foi presenciado por testemunhas; era um facto sobrenatural que, de si mesmo, escapava à experiência humana. E isto vem dar credibilidade ao evento da Ressurreição, pois, se se tratasse de uma ficção, seria de esperar uma descrição pormenorizada. O evangelista João começa com a verificação do sepulcro vazio feita por Maria Madalena, mas são os dois discípulos que fazem o reconhecimento do local e confirmam haver indícios eloquentes capazes de induzir à fé na ressurreição.

O Novo Testamento contém vários relatos sobre a ressurreição. Ora, o sepulcro vazio assoma aos olhos dos discípulos como o primeiro sinal de que Jesus, que fora colocado no sepulcro, já não estava presente.

O quarto Evangelho, como vimos, apresenta-nos três personagens: primeiro, Maria de Magdala e, depois, Pedro e João, o «discípulo amado» (Jo 20, 1-9). O texto

sublinha três dados significativos: o “primeiro dia da semana” (o domingo, para os cristãos), “enquanto ainda estava escuro” (de madrugada), “a pedra retirada do sepulcro”. O primeiro versículo da narrativa joanina (Jo 20,1) mostra o verdadeiro retrato da comunidade crente antes da experiência da ressurreição.

O “primeiro dia” é o dia posterior ao sábado, último dia da semana. Esta referência dá-nos a entender que a comunidade se mantinha fiel à prática judaica, observando o repouso sabático. A lei sinaítica ou de Moisés mandava guardar e santificar o sábado como dia exclusivo do Senhor e para o Senhor, pois foi no sétimo dia que Deus descansou dos trabalhos da Criação. Ora, o Antigo Testamento servia de pedagogia divina para os primeiros cristãos. Mas, segundo o evangelho de João, a observância da lei como que atrasa a experiência da ressurreição, que é, na verdade, uma nova Criação que se instaura. Daqui decorre a ênfase dada ao “primeiro dia”. A ressurreição aconteceu num domingo: foi no “primeiro dia da semana” que “Nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitou dos mortos”. E foi nesse dia, segundo a tradição cristã, que a comunidade dos discípulos de Jesus começou a fazer a experiência do encontro com o Ressuscitado.

O evangelista João enfatiza a ida de Maria Madalena ao sepulcro, cumprida a lei do repouso sabático: “Maria Madalena foi ao sepulcro de Jesus, bem de madrugada, quando ainda estava escuro” (v.1).<sup>31</sup> João só refere Maria Madalena<sup>32</sup> para, juntamente com os dois discípulos (Pedro e o “discípulo amado”), compor o “número três”<sup>33</sup>, dando ao evento um maior realce teológico. A ida ao sepulcro pode ser a atitude do discípulo convencido de que a morte venceu, já que o sepulcro é a última e definitiva morada dos mortos. Pode ir ao sepulcro por reverência a Jesus e para chorar a sua morte, sem ainda pensar na ressurreição.

O indicativo temporal “bem de madrugada” e o seu complemento enfático “quando ainda escuro”, mais que um dado cronológico, indiciam a mentalidade da

---

<sup>31</sup> Embora o quarto evangelho registre apenas a ida de Maria Madalena ao sepulcro, é mais provável que tenha sido um grupo de mulheres, como consta nos evangelhos sinóticos (cf. Mt 28, 1; Mc 16, 1; Lc 24, 1).

<sup>32</sup> São Cirilo de Alexandria retrata Santa Maria Madalena como uma personagem que seguiu a Jesus e a quem foi dada a graça da primeira aparição do Ressuscitado, tornando-se uma privilegiada anunciadora da Ressurreição do Senhor, a “Apóstola dos Apóstolos”. Maria Madalena foi uma mulher diligente, conhecedora das coisas do Senhor, de tal modo que não ficou em casa nem abandonou o sepulcro (cf. Cirilo di Alessandria, *Commento al Vangelo di Giovanni*, vol. 3, Livros IX-XII (Roma: Città Nuova, 1994).

<sup>33</sup> O número três, na Sagrada Escritura, no cristianismo e em muitas outras tradições, remete para perfeição (“omne trinum perfectum”) e santidade, como no caso da SS.ma Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) e das três virtudes teologais (fé, esperança e caridade).

comunidade cristã naquelas circunstâncias. A ausência de Jesus e a procura do seu corpo na morada dos mortos refletem mais uma situação de trevas espirituais do que uma ausência de luz física, ou seja, significam que a vida não está a triunfar no seio da comunidade cristã. As trevas aqui, denotam ausência de vida e de esperança.

Os seguidores e discípulos de Jesus que, desesperançados, choram a sua morte e continuam a observar a lei, como o repouso sabático, permanecem cegos, incapazes de compreender os sinais do Ressuscitado. A “cultura da morte” mantém-se na mente dos discípulos que, mesmo vendo a pedra do sepulcro removida, não acreditam na ressurreição de Jesus, continuando tristes. A pedra removida do sepulcro e a ausência do corpo de Jesus causam, num primeiro momento, um sentimento de espanto e de preocupação, em vez de alegria e de esperança. Por isso, Maria Madalena, preocupada, corre, vai ter com Simão Pedro e “o outro discípulo”, e exclama: «Tiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o puseram» (v.2). Esta constatação de Maria Madalena exprime a completa falência da comunidade cristã: sentem a falta de um cadáver, querem saber onde está o corpo morto de Jesus para cumprir o ritual judaico de visitar o corpo da pessoa que morreu, com a finalidade de reverenciá-lo, provavelmente com perfumes, e chorar junto dele.

Depois do primeiro anúncio de Maria Madalena aos discípulos, Pedro e João tomam a iniciativa de ir ao sepulcro para confirmar a veracidade das palavras dela (v.3), uma vez que a palavra de uma mulher naquela sociedade e naquele contexto cultural não era digna de credibilidade. O texto diz: «Ambos corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro» (v.4), o que mostra o grau de desânimo de Pedro, que oscilava na fidelidade ao Mestre em momentos decisivos: opôs-se-lhe na Última Ceia, no lava-pés (Jo 13, 6-8), e negou-o três vezes durante o processo criminal (Jo 18, 15-27). A falta de motivação de Pedro foi, certamente, marcada pelo remorso da negação e por outras incoerências, o que só será recuperado quando, pela força do Espírito Santo (no Pentecostes), for tocado pela presença do Ressuscitado na sua vida.

Pelo contrário, a pressa do “discípulo amado” revela a sua fidelidade ao Mestre, testada e comprovada aos pés da cruz (Jo 19, 25-27), característica da pessoa amada; somente quem teve uma autêntica e profunda experiência de amor a Jesus é capaz de se opor ao clima de morte presente no seio da comunidade cristã. Por isso, o evangelista

apresenta-o como discípulo anónimo; não lhe dá um nome, mas apenas um adjetivo: “amado”.

No quarto Evangelho, as personagens anónimas têm uma função paradigmática para a comunidade e para os leitores. Neste caso, o “ouvinte da Palavra” deverá identificar-se com a figura do “discípulo amado” para se tornar um “discípulo amado”. O “discípulo amado” chega primeiro e confirma que a informação de Maria Madalena é verídica: «Ele inclina-se e vê as faixas deitadas ali. Todavia, não entrou» (v.5), certamente à espera de Pedro, mais velho e superior a ele na hierarquia dos discípulos. O “não entrou”, na cultura angolana, especificamente no grupo étnico “Ovimbundo”,<sup>34</sup> tem um significado profundo que nos pode ajudar a perceber o motivo pelo qual o “discípulo amado” não entrou. De acordo com a narrativa do evangelho, João chega primeiro ao sepulcro, mas é Pedro quem entra primeiro. Isso pode parecer uma simples sequência de ações, mas, ao se refletir sobre isso à luz da cultura Ovimbundo, podemos perceber que este gesto possui uma significação mais profunda. No contexto cultural do grupo Ovimbundo, a autoridade dos mais velhos é altamente respeitada, e a pessoa mais velha é considerada a autoridade natural em qualquer situação. A sabedoria, a experiência de vida, o conhecimento das tradições e o papel de resolução de conflitos conferem aos mais velhos um lugar de destaque, sendo reconhecidos pela sua capacidade de guiar e preservar os valores essenciais da comunidade.

Ao refletirmos sobre o gesto de João e Pedro, vemos que, mesmo que João tenha chegado primeiro ao sepulcro, ele, em respeito à autoridade de Pedro – como figura de liderança e de experiência – não entra primeiro. Essa ação pode ser interpretada à luz da estrutura hierárquica e do respeito pela idade, típico da cultura Ovimbundo, onde a autoridade dos mais velhos é algo inquestionável. João, apesar de ser mais jovem e mais rápido, reconhece implicitamente a primazia de Pedro, que entra primeiro no sepulcro, como o mais velho e, portanto, o líder natural da comunidade dos discípulos.

“Depois de Pedro, o discípulo amado também entrou no sepulcro”. Tendo chegado primeiro, podia ter entrado logo, mas preferiu esperar que Pedro chegasse e fosse

---

<sup>34</sup> Os Ovimbundo, em Angola, são de origem “bantu”. Constituem cerca de 37% da população do país e falam a língua umbundo. Os Ovimbundos ocupam o planalto central angolano e a faixa costeira adjacente, incluindo as províncias do Huambo, Bié e Benguela. Antes da fixação dos portugueses em Benguela, viviam da agricultura de subsistência, caça e criação de gado bovino. Durante o século XX, muitos Ovimbundos tornaram-se cristãos, aderindo à Igreja Católica ou a confissões protestantes. A cristianização trouxe grandes benefícios ao povo Ovimbundo, como a alfabetização e o conhecimento da língua portuguesa.

o primeiro a entrar. Mais que uma preeminência hierárquica, porém, está aqui em jogo uma necessidade: quem necessitava de uma experiência mais forte era Pedro, pois, depois de Judas, fora aquele que mais fracassara. Já o discípulo amado tinha feito uma experiência autêntica com o Senhor durante toda a vida e, por isso, «viu e acreditou» (v.8), não se deixou vencer pelos sinais de morte vistos no sepulcro, mas fortaleceu a sua fé.

Numa outra leitura possível, o “discípulo amado” espera que Pedro chegue ao sepulcro e entre primeiro para confirmar pessoalmente, no local, que Maria Madalena dissera a verdade: «Chega também Simão Pedro que o seguia: ele entra no sepulcro e observa as faixas deitadas» (v.6). Ao entrar no sepulcro, Pedro confirma a ausência do corpo de Jesus e, certamente, faz uma longa reflexão sobre tudo o que tinha acontecido nos últimos dias. Ainda que a tradição diga que ele “viu” as faixas de linho, o evangelista emprega um verbo de significado mais denso: “contemplar” (em grego: “teorêo”), que denota um olhar contemplativo processado na mente e no coração, uma observação espiritual profunda (“teorese”), e não um simples “ver”.

«Viu e acreditou» (vv. 7-8). Porque começou a crer o discípulo? A explicação habitual é esta: um ladrão não deixaria ficar os panos, muito menos em ordem. Mas há mais dados a ter em conta: porque é que o evangelista atribui tanta importância à diferente posição dos panos? Enquanto as ligaduras e o lençol se encontravam estendidos no chão da pedra tumular, o pano que envolvera a cabeça do Senhor não estava espalmado no chão, mas estava “enrolado à parte, noutra lugar”, mantendo a forma da cabeça que envolvera.<sup>35</sup> Para Pedro, foi necessário mais tempo para interiorizar que Jesus ressuscitara e estava vivo. Os sinais exteriores apontam para isso; interiormente, ele já está “especulando” a sua fé, reconstruindo-a lentamente, uma vez que os acontecimentos do lava-pés e da negação de Jesus foram muito fortes e deixaram as suas expectativas bastante comprometidas.

«Ainda não tinham entendido a Escritura» (v. 9). Os discípulos não estavam psicologicamente predispostos a admitir a Ressurreição, pois esta podia ser fruto de uma alucinação. Só depois de confrontados com a realidade da ressurreição de Jesus é que se recordaram das Escrituras (Cf. 1 Cor 15, 4; Act 2, 24-32; Jo 2, 22) e as entenderam. A

---

<sup>35</sup> Veja-se a tradução da *Nova Bíblia dos Capuchinhos* ([Bíblia Online](http://www.capuchinhos.org/biblia-sagrada) [www.capuchinhos.org/biblia-sagrada](http://www.capuchinhos.org/biblia-sagrada)).

ressurreição era uma realidade projetada para o fim do mundo (Cf. Jo 11, 24). Apesar de Jesus ter anunciado a sua ressurreição ao terceiro dia, este só poderia ser o “dia final”, de acordo com a profecia de Oseias (Os 6,2). Por isso, face ao sepulcro vazio, é natural que só pensassem num roubo (vv. 2.13.15), não dando crédito às notícias das aparições (Cf. Mc 6, 11.13; Lc 24, 21-24; Jo 20, 25).

A fé de Simão Pedro, de Maria Madalena e dos demais discípulos será reformulada aos poucos, a cada “primeiro dia da semana”, quando se reunirem para a ágape fraterna. Só crê imediatamente quem ama e se sente amado, como aquele discípulo sem nome, a quem o evangelista quer que os seus leitores se assemelhem.

Da leitura de Jo 20,1-9 podemos concluir, então, que a ressurreição de Cristo não pode ser descrita, mas só pode ser experiência de um amor responsável e profundo.

Na perspectiva do quarto Evangelho, o sepulcro vazio apenas vem confirmar a fé na Ressurreição, fé que já podia ter acontecido se as Escrituras tivessem sido compreendidas a tempo. A questão do sepulcro vazio contém diversas interpretações e, por isso mesmo, é polissémica. Mais que prova direta, o sepulcro vazio é um sinal da Ressurreição, não dependendo dele a fé no Ressuscitado.

Para induzir à fé pascal, os textos escriturísticos expuseram outros fundamentos garantes da credibilidade da ressurreição: pregações de Jesus, testemunho do Antigo Testamento, intervenção do Ressuscitado. Mas o sepulcro vazio, mesmo sem ser objeto de fé, tem uma relação com a fé em si mesma. Para a primeira comunidade de Jerusalém, o sepulcro vazio era um sinal comprovativo da pregação apostólica sobre a ressurreição.

### *3.3. Os comentários de Ratzinger e Andrés Torres Queiruga sobre o Sepulcro Vazio*

A narrativa joanina sobre a ressurreição de Cristo (Jo 20,1-9) tem sido objeto de intensos debates teológicos contemporâneos. A questão do sepulcro vazio suscita diferentes interpretações, desde uma compreensão realista e histórica até uma leitura simbólica e existencial. Entre os teólogos que discutem essa temática, Joseph Ratzinger e Andrés Torres Queiruga apresentam perspectivas distintas sobre o significado do sepulcro vazio e sua relevância para a fé cristã.

### 3.3.1. O sepulcro vazio: Realidade Histórica ou Construção Simbólica?

Para Joseph Ratzinger, a ressurreição de Cristo é um evento real e transcendente que não nega a história, mas a plenifica. Ele argumenta que “(...) a ressurreição de Jesus, do ponto de vista da história do mundo, é pouco vistosa, é a semente mais pequena da história”.<sup>36</sup>

Nesta perspectiva, o sepulcro vazio não é apenas um símbolo, mas um testemunho concreto da glorificação corporal de Cristo. O evento da ressurreição é inseparável da condição corpórea do Ressuscitado, pois a sua permanência no sepulcro seria incompatível com a própria natureza da ressurreição. A Igreja antiga, ao interpretar o Salmo 16,10 segundo a versão dos Setenta, afirmou que «o corpo de Jesus não sofreu corrupção» (At 2,26-27). Assim, o sepulcro vazio é coerente com a promessa bíblica e com a proclamação da vitória sobre a morte.

Ratzinger critica abordagens modernas que relativizam o significado do sepulcro vazio, afirmando: “Se o sepulcro vazio, como tal, não pode certamente provar a ressurreição, [ele] permanece, porém, um pressuposto necessário para a fé na ressurreição, uma vez que esta se refere precisamente ao corpo e, por seu intermédio, à pessoa na sua totalidade”.<sup>37</sup>

A ausência de decomposição corporal é, portanto, um fator decisivo para a compreensão da ressurreição no cristianismo primitivo e na tradição da Igreja.

Por outro lado, Andrés Torres Queiruga adota uma abordagem mais simbólica e existencial. Para ele, a historicidade do sepulcro vazio é teologicamente secundária, pois a essência da ressurreição reside na experiência transformadora dos discípulos: “O dado narrativo não prova nem nega a facticidade do sepulcro vazio”.<sup>38</sup>

Segundo Queiruga, a fé pascal é sustentada não por um evento físico verificável, mas pela nova percepção da presença viva de Cristo na comunidade crente. A ressurreição

---

<sup>36</sup> Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré. Parte II: Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição* (Cascais: Princípia, 2011), 202.

<sup>37</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da Entrada em Jerusalém até a Ressurreição*, 207.

<sup>38</sup> Andrés Torres Queiruga, *Repensar a Ressurreição: A Diferença Cristã na Continuidade das Religiões e da Cultura* (São Paulo: Paulinas, 2004), 176.

não deve ser condicionada à comprovação do sepulcro vazio, pois a sua relevância reside na transformação espiritual e no impacto que teve sobre os seguidores de Jesus.

Para Queiruga, insistir na materialidade da ressurreição pode gerar dificuldades na recepção da mensagem cristã na cultura contemporânea. Ele argumenta que a ressurreição é mais uma ‘experiência de sentido’ do que um acontecimento físico, e que a sua verdade reside na continuidade da presença de Cristo na história, independentemente do estado do seu corpo após a morte.

### 3.3.2. *Ressurreição: Evento Histórico-Teológico ou Experiência de Fé?*

A teologia de Ratzinger sustenta que a ressurreição é um evento histórico e transcendental, que se inscreve na história sem se limitar a ela. Para ele, a corporeidade do Ressuscitado é real, glorificada e plenamente restaurada: “Se a ressurreição de Cristo não foi um evento real, então a fé cristã perde o seu fundamento”.<sup>39</sup>

O sepulcro vazio, portanto, é um dos sinais concretos da continuidade entre o Jesus histórico e o Cristo glorificado. Sem ele, a compreensão patrística da ressurreição como a vitória definitiva sobre a morte ficaria comprometida.

Por sua vez, Queiruga propõe uma releitura existencial da ressurreição, considerando-a como a continuidade do significado de Jesus na vida da comunidade. Ele defende que a compreensão moderna da ressurreição deve levar em conta as exigências da cultura contemporânea:

“A decisão depende, por um lado, da coerência global que for obtida por cada visão e, por outro, de sua capacidade para oferecer uma resposta às legítimas exigências da cultura atual”.<sup>40</sup>

A experiência pascal dos discípulos é, nessa visão, uma abertura radical ao mistério divino, independentemente da materialidade do evento da ressurreição.

---

<sup>39</sup> Cf. Joseph Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico*, 2ª ed. (Cascais: Principia, 2017, 222.

<sup>40</sup> Torres Queiruga, *Repensar a Ressurreição*, 175.

### 3.3.3. *Convergências e Divergências: Tradição e Atualização*

A análise das perspectivas de Ratzinger e Queiruga revela a tensão fundamental entre a tradição e a atualização da fé cristã. Ratzinger reforça a continuidade entre a experiência apostólica e a história, defendendo que a ressurreição tem um caráter ontológico e corpóreo. Queiruga, por sua vez, propõe uma reformulação da teologia da ressurreição, desvinculando-a da necessidade de um evento físico verificável.

Se, por um lado, a abordagem de Ratzinger reforça a objetividade da fé cristã e o seu enraizamento na história, por outro, Queiruga propõe um paradigma mais dinâmico e contextualizado, que privilegia a dimensão simbólica e existencial da ressurreição. O desafio da teologia contemporânea está em dialogar com ambas as abordagens sem perder de vista a essência do mistério pascal.

### 3.3.4. *O sepulcro vazio permanece um elemento central na reflexão teológica*

Sobre a ressurreição de Cristo. Enquanto Ratzinger sustenta a corporeidade glorificada do Ressuscitado como *um* dado necessário da fé, Queiruga enfatiza a ressurreição como experiência de sentido e presença. O diálogo entre essas perspectivas convida a teologia cristã a refletir sobre como comunicar a esperança pascal de maneira fiel à tradição e de forma relevante para a contemporaneidade.

## 4. *As aparições de Jesus*

As aparições de Jesus após a ressurreição constituem momentos cruciais na tradição cristã. Elas confirmam a realidade da Ressurreição, mostram a nova vida “conquistada” por Jesus e fortalecem a fé dos discípulos na missão que lhes foi confiada.

As aparições inserem-se nas experiências extraordinárias vividas depois da Ressurreição. A Sagrada Escritura contém relatos semelhantes ao longo da história. A questão não se centra tanto na sua verdade ou falsidade, mas situa-se no seu significado:

“Uma coisa é a verdade ou honestidade psicológicas desse tipo de experiências e outra, distinta, é o seu conteúdo real. (...) A fé na ressurreição implica por si mesma a impossibilidade de um sentido realista: o Ressuscitado, justamente pela sua glorificação,

que o introduz de maneira definitiva na transcendência divina, está acima de toda a possível percepção de carácter fisicamente constatável ou manipulável”.<sup>41</sup>

Ratzinger parte da tradição para interpretar as aparições de Jesus: elas “não são apenas professadas, mas também descritas concretamente. Como devemos imaginar as aparições do Ressuscitado, que não voltara à vida humana habitual, mas passara a um novo modo de ser homem?”.<sup>42</sup>

Há uma diferença clara entre a aparição do Ressuscitado a Paulo descrita nos Atos dos Apóstolos, por um lado, e as narrações dos evangelistas sobre os encontros dos apóstolos e das mulheres com o Senhor vivo, por outro.<sup>43</sup>

De acordo com as três versões apresentadas nos Atos dos Apóstolos sobre a conversão de Paulo, o encontro com Cristo ressuscitado compõe-se de dois elementos: uma luz «mais brilhante que o Sol» (26,13) e, conjuntamente, uma voz que fala a Saulo “em língua hebraica” (v.14). Enquanto a primeira versão refere que os companheiros ouviram a voz «sem verem ninguém» (9,7), na segunda versão lê-se o contrário: «eles viram a luz, mas não ouviram a voz de quem me falava» (22,9). A terceira versão, a propósito dos companheiros de viagem, diz apenas que todos, como Saulo, caíram por terra (26,14).<sup>44</sup>

A percepção dos companheiros de Saulo foi distinta da do próprio Saulo: Somente ele foi o destinatário direto de uma mensagem que significava uma missão; contudo, os próprios companheiros tornaram-se, de algum modo, testemunhas de um acontecimento extraordinário.

“Apesar das diferenças entre as três versões, torna-se evidente que a aparição (a luz) e a palavra estão juntas. O Ressuscitado, cuja essência é luz, fala como homem com Paulo na língua dele. A sua palavra, por um lado, é uma autoidentificação que simultaneamente significa identificação com a Igreja perseguida e, por outro, é uma missão cujo conteúdo haverá de manifestar-se depois”.<sup>45</sup>

---

<sup>41</sup> Torres Queiruga, *Repensar a Ressurreição*, 200.

<sup>42</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 215.

<sup>43</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 215-216.

<sup>44</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 215.

<sup>45</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 215.

Quanto às aparições de Jesus nos evangelhos, esclarece o teólogo alemão:

“As aparições de que nos falam os evangelistas são claramente de género diferente» em relação ao género da aparição narrada nos Atos dos Apóstolos. Ali, «o Senhor aparece homem como os outros homens: Ele caminha com os discípulos de Emaús, deixa que as suas chagas sejam tocadas por Tomé; mais, segundo Lucas, aceita uma porção de peixe que lhe oferecem para comer, a fim de demonstrar a sua verdadeira corporeidade. E, todavia, segundo estas narrações, Ele não é simplesmente um homem que voltou a ser como antes da morte”.<sup>46</sup>

Fazemos nossa a leitura feita por Ratzinger, impressionado com o facto de os discípulos, num primeiro momento, não o reconhecerem. Tal acontece não só aos discípulos de Emaús, mas também a Maria Magdala e, depois, junto do mar de Tiberíades: «ao romper do dia, Jesus apresentou-se na margem, mas os discípulos não sabiam que era Ele» (Jo 21,4). Só depois de o Senhor lhes ter ordenado que se fizessem de novo ao largo é que o discípulo predileto o reconheceu: «Então, o discípulo que Jesus amava disse a Pedro: “É o Senhor!”» (21,7). Trata-se, por assim dizer, de um reconhecimento a partir de dentro, que, todavia, permanece sempre envolvido em mistério. De facto, depois da pesca, quando Jesus os convida a comer, continua a registar-se uma estranha espécie de dissemelhança. «Nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar-lhe: “Quem és Tu?”, porque bem sabiam que era o Senhor» (21,12). «Sabiam-no a partir de dentro, não devido ao seu aspeto, nem graças ao olhar perscrutador deles».

É esta dialética de reconhecimento e não reconhecimento que, segundo Ratzinger, caracteriza a modalidade das aparições. Jesus entra com as portas fechadas, apresenta-se subitamente no meio deles. E do mesmo modo desaparece repentinamente, como no fim do encontro em Emaús. É plenamente corpóreo e, todavia, não está ligado às leis da corporeidade, manifestando uma total liberdade em relação aos vínculos do corpo e às leis do espaço e do tempo. Nesta dialética surpreendente de identidade e alteridade, de verdadeira corporeidade e liberdade em relação aos vínculos do corpo, manifesta-se a essência peculiar e misteriosa da nova existência do Ressuscitado. Com efeito, são válidas as duas coisas: ele é o mesmo, ou seja, um homem em carne e osso, e é também outro, o Novo, alguém que entrou num género diverso de existência.

A teologia moderna, ao discutir a ressurreição, muitas vezes se concentra na questão do sepulcro vazio, tentando tratá-lo como um dado puramente histórico. No

---

<sup>46</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 216.

entanto, quando analisamos as narrativas da ressurreição, percebemos que elas nos apresentam algo mais complexo e paradoxal: uma experiência desconcertante, mas que reflete uma verdade profunda. É nesse sentido que devemos considerar a dialética própria da existência do Ressuscitado, que não pode ser compreendida apenas sob a ótica de uma explicação simples e científica. A ressurreição não se apresenta de forma idealizada ou perfeitamente definida, mas de maneira que, ao contrário, revela sua autenticidade através da sua aparente contradição e complexidade. É nesta perspectiva que Ratzinger diz:

“Esta dialética, que faz parte da existência do Ressuscitado, é apresentada nas narrações de modo verdadeiramente desajeitado, mas é precisamente assim que emerge a sua veracidade. Se a ressurreição tivesse sido inventada, toda a insistência se concentraria na plena corporeidade, no reconhecimento imediato e, além disso, ter-se-ia idealizado talvez um poder particular como sinal distintivo do Ressuscitado. Mas, na contradição do experimentado que caracteriza todos os textos, no conjunto misterioso de alteridade e identidade, reflete-se um modo novo de encontro que apologeticamente aparece como desconcertante, mas por isso mesmo se revela ainda mais como descrição autêntica da experiência feita”.<sup>47</sup>

Por fim, saliente-se que os encontros com o Ressuscitado são distintos das experiências místicas, nas quais o espírito humano é por um momento elevado acima de si mesmo e contempla o mundo do divino e do eterno. A experiência mística é uma superação momentânea das capacidades normais da alma e das suas faculdades de percepção; mas não é um encontro com uma pessoa que, de fora, se aproxima de mim. Paulo distinguiu com grande clareza as suas experiências místicas como, por exemplo, a sua elevação até ao terceiro céu (cf. 2 Cor 12, 1-4), do encontro com o Ressuscitado no caminho de Damasco, que foi um acontecimento na história, um encontro com uma pessoa viva.

O anúncio da ressurreição de Jesus pelos apóstolos é também um sinal indicador de que Cristo ressuscitou. Este anúncio vem acompanhado pelo testemunho da fé em Jesus Ressuscitado, que “está vivo” e, pela força do Espírito, anima os discípulos na missão evangelizadora e na constituição da primeira comunidade cristã.

É a partir do anúncio apostólico que a ressurreição de Jesus se nos afigura como o fundamento da fé dos apóstolos e, posteriormente, da fé do cristão. A ressurreição

---

<sup>47</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 207.

inaugura uma “nova era”, o tempo da Igreja, o novo Povo de Deus, que continuará a sua caminhada com Jesus Cristo até à parusia.

Na linguagem de Ratzinger, a vida do ressuscitado não volta a ser *bios*, a forma biológica da nossa vida mortal intra-histórica, mas *zoê*, uma vida nova e definitiva que, por um poder superior, superou a condição mortal própria da história humana, como se depreende claramente dos relatos neotestamentários sobre a ressurreição. Esta nova vida é testemunhada na história, pois existe para a história. A pregação cristã é, no fundo a transmissão desse primeiro testemunho apostólico, que atesta a vitória do amor sobre a morte, capaz de mudar radicalmente a situação de todos. Este é o núcleo hermenêutico dos relatos bíblicos da ressurreição. Ratzinger não entra numa discussão detalhada de algumas questões contemporâneas, hoje mais difíceis que em épocas anteriores, alegando haver uma confusão indestrinçável entre argumentos históricos e reflexões filosóficas, geralmente pouco amadurecidas. De facto, algumas filosofias são suscitadas às vezes pelos próprios exegetas, no intuito de dar ao leigo a impressão de que se trata de “um achado bíblico elevado aos últimos limites da sofisticação”.<sup>48</sup>

Insistimos: Cristo, ao contrário do jovem de Naim ou de Lázaro, não voltou, depois da ressurreição, à vida terrena de antes, mas ressuscitou para uma vida definitiva não mais sujeita às leis da química e da biologia e, por isso mesmo, fora do alcance da morte, numa eternidade que só pode ser dom de Deus Criador, Amor Infinito. Por isso, os encontros com o Ressuscitado são descritos como “aparições”. Aquele que, uns dias antes, ainda estivera sentado com eles à mesa, já não é reconhecido pelos seus amigos ou continua a ser um estranho mesmo depois de reconhecido. Jesus só é visto e se torna reconhecível quando é Ele próprio que se dá a ver, fazendo com que os olhos e o coração dos discípulos se abram para além do mundo terreno da morte. O rosto do Amor eterno vence a morte e recria um mundo novo, o mundo do futuro, do porvir. Aqui radica a quase-impossibilidade de os evangelhos descreverem “clara e distintamente” os encontros com o Ressuscitado, parecendo até contradizer-se.

As aparições de Jesus após a ressurreição não devem ser vistas como relatos simples ou claros, mas como descrições que tentam traduzir a experiência paradoxal vivida pelos primeiros discípulos. A experiência de encontrar o Ressuscitado é cheia de tensões e contradições, que revelam algo da natureza transformadora e misteriosa da

---

<sup>48</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 226.

ressurreição. A dialética presente nessas aparições, com suas oscilações entre o tocável e o intocável, o reconhecível e o irreconhecível, expressa a realidade de um encontro que não pode ser reduzido a um simples retorno do mesmo, mas que aponta para algo completamente novo e ao mesmo tempo profundamente familiar. Como Ratzinger esclarece:

“Na realidade as aparições de Jesus exprimem com uniformidade surpreendente a dialética de suas afirmações que oscilam entre o tocar e o não tocar, entre o reconhecer e o não reconhecer, entre a identidade total do ressuscitado com o crucificado e a sua transformação total. Eles reconhecem o Senhor e, ao mesmo tempo, não reconhecem; tocam-no, mas ele continua o intocável; ele continua sendo o mesmo e é, mesmo assim, totalmente diferente. Trata-se sempre da mesma dialética; o que varia são os recursos estilísticos para revesti-las de palavras”.<sup>49</sup>

Importa, além disso, apreender a ligação entre o anúncio da ressurreição, tal como Paulo o formula, e o anúncio em uso nas primeiras comunidades cristãs pré-paulinas. Nestas últimas, podemos ver com clareza a importância da tradição que precede o Apóstolo e que ele, com grande respeito e solicitude, quer por sua vez transmitir. O texto da Primeira Carta aos Coríntios sobre a Ressurreição (cf. 1 Cor 15,1-11), põe em destaque a ligação entre “receber” e “transmitir”. Paulo dá muita importância à formulação literal da tradição. Por isso, no fim da passagem referida, salienta: «tanto eu como eles, é assim que pregamos» (1 Cor 15,11). Sublinha, deste modo, a unidade do querigma a todos os crentes<sup>50</sup>, sintetizada na fórmula evangélica proclamada na liturgia pascal: “O Senhor ressuscitou verdadeiramente e apareceu a Simão” (Lc 24,34).

## 5. *Síntese teológica conclusiva do capítulo I*

O primeiro capítulo revelou que o debate teológico sobre a ressurreição de Jesus permanece um tema central e incontornável na reflexão cristã, sendo abordado sob diferentes perspectivas: histórica, transcendental, corporal e simbólica. Diante da

---

<sup>49</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 227.

<sup>50</sup> Cf. Bento XVI, *A Alegria da Fé* (Paulinas Editora – Prior Velho, 2012), 41.

pluralidade de interpretações, percebe-se que a ressurreição é simultaneamente um evento que se insere na história e que a transcende, situando-se no cerne da fé cristã.

A análise da *historicidade da ressurreição* demonstrou que, para teólogos como Edward Schillebeeckx, Walter Kasper e Wolfhart Pannenberg, há uma tensão entre a abordagem histórico-crítica e a fé. A ressurreição não pode ser reduzida a um mero acontecimento do passado, pois ela inaugura uma nova dimensão da realidade, um evento de significado escatológico que redefine a própria compreensão da história.

No que se refere à *corporeidade da ressurreição*, verificou-se que a tradição cristã sempre afirmou a unidade do ser humano como corpo e alma, evitando tanto uma visão puramente espiritualista quanto uma interpretação materialista da ressurreição. O pensamento de Walter Kasper, Xavier Zubiri, Karl Rahner e Joseph Ratzinger reforça essa visão integral do ser humano, sublinhando que a ressurreição não anula a corporeidade, mas a eleva a uma nova condição transfigurada.

A reflexão sobre os *sinais da ressurreição*, especialmente o sepulcro vazio e as aparições, destacou que esses elementos, embora não constituam provas empíricas absolutas, são testemunhos essenciais da fé pascal. A interpretação do sepulcro vazio e das aparições nos Evangelhos e no pensamento de teólogos como Joseph Ratzinger e Andrés Torres Queiruga mostrou que a ressurreição deve ser compreendida como um evento que transforma a relação entre Deus e a humanidade, inserindo a criação no horizonte da redenção.

Desta forma, o estudo deste capítulo insere-se na problemática central da dissertação “*A Ressurreição de Jesus de Nazaré: Fundamento da fé cristã no pensamento de Joseph Ratzinger*”, pois evidencia que, para Ratzinger, a ressurreição não é apenas um evento ocorrido em um determinado momento da história, mas o ato fundante da fé cristã. Ela manifesta a vitória definitiva sobre a morte, revelando Cristo como o Filho de Deus e inaugurando uma nova realidade escatológica. Assim, a ressurreição de Jesus constitui o eixo central da teologia cristã e o fundamento último da esperança e da salvação.

## **CAPÍTULO II – A MORTE E A RESSURREIÇÃO DE JESUS DE NAZARÉ SEGUNDO JOSEPH RATZINGER**

A morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré representam o cerne da fé cristã e constituem o fundamento da esperança escatológica para toda a humanidade. No pensamento teológico de Joseph Ratzinger, esses eventos não são meramente factos históricos isolados, mas realidades que transcendem o tempo e inauguram uma nova ordem de existência. Ratzinger compreende a ressurreição de Cristo como o ponto culminante da revelação divina, onde a cruz, longe de ser um fracasso, manifesta o amor absoluto de Deus, e a ressurreição inaugura a vida definitiva, transformando a história e a condição humana.

Este capítulo tem como objetivo aprofundar a compreensão da morte e da ressurreição de Jesus de Nazaré na perspectiva de Joseph Ratzinger, destacando a centralidade desse mistério na teologia cristã e suas implicações para a fé, a antropologia e a missão da Igreja. A reflexão será conduzida a partir das principais obras do autor que abordam esse tema, incluindo *Introdução ao Cristianismo* (1968), e a trilogia *Jesus de Nazaré* (2007-2012), com especial ênfase no volume *Da Entrada em Jerusalém até a Ressurreição* (2011), *Obras Completas X: Resurrección y vida eterna*. (2021).

A estrutura do capítulo está organizada em quatro grandes secções. Inicialmente, será apresentada a morte de Jesus de Nazaré, destacando o seu significado teológico e a cruz como expressão máxima do amor divino. Em seguida, abordaremos a ressurreição como fundamento da fé cristã, analisando o seu carácter histórico e transcendente. A terceira parte discutirá as implicações da ressurreição para a compreensão cristã da vida e da morte, e, por fim, examinaremos a ressurreição como princípio constitutivo da Igreja e de sua missão no mundo.

Através desta abordagem, pretende-se evidenciar como Ratzinger interpreta a ressurreição não apenas como um evento do passado, mas como um acontecimento que permanece vivo na experiência da fé, sustentando a esperança cristã e orientando o destino último do homem em comunhão com Deus.

## 1. A morte de Jesus de Nazaré

A morte de Jesus Cristo constitui o evento central da fé cristã, transcendendo sua dimensão histórica para se inserir profundamente no mistério da redenção. No pensamento teológico de Joseph Ratzinger, a cruz de Cristo não se apresenta como um mero acidente histórico ou um fracasso, mas como a revelação suprema do amor divino e da obediência filial do Filho ao Pai. Em suas obras, especialmente *Introdução ao Cristianismo* e *Jesus de Nazaré: Da Entrada em Jerusalém até a Ressurreição*, Ratzinger reflete sobre a cruz como o ponto culminante da missão de Cristo, onde se expressa de forma radical o amor de Deus, o pecado do mundo é assumido e a humanidade é resgatada.

O Novo Testamento reafirma a perspectiva veterotestamentária de que a morte não é um bem em si mesma, mas um inimigo a ser vencido. Em 1 Coríntios 15:26, Paulo declara que «o último inimigo a ser destruído é a morte». No Apocalipse, a morte e o inferno são lançados no lago de fogo (Ap 20,13-14), significando que a morte será definitivamente abolida e a vida triunfará em Deus.<sup>51</sup> Essa visão contrapõe-se a outras explicações religiosas da realidade, como as tradições budistas que buscam extinguir o desejo de existir. Para o cristianismo, pelo contrário, a sede de ser é transformada na sede do próprio Deus, sendo esta a plenitude da salvação.<sup>52</sup>

A morte de Jesus na cruz não pode ser compreendida como um evento isolado ou meramente acidental dentro da história humana. Pelo contrário, Joseph Ratzinger, em sua obra *Jesus de Nazaré*, salienta que essa morte está profundamente inserida no desígnio salvífico de Deus, cumprindo as Escrituras e manifestando a plenitude da revelação divina. Ele afirma: “Tal morte não aconteceu por acaso; entra no contexto da história de Deus com o seu povo; dela recebe a sua lógica e o seu significado”.<sup>53</sup> Isso revela que a cruz não é apenas um sofrimento humano, mas um evento teológico que expressa a fidelidade divina à aliança e ao amor redentor.

---

<sup>51</sup> Joseph Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y vida eterna* (Bibliotecas de Autores Cristianos, 2021), 86-87.

<sup>52</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 86.

<sup>53</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da entrada em Jerusalém até à ressurreição*, 206.

Ratzinger também ressalta que a cruz de Cristo não é um acontecimento irracional ou meramente trágico, mas sim um evento dotado de um *logos*, uma lógica interna que brota da própria Palavra de Deus: “Um acontecimento que contém um *logos*, uma lógica, um acontecimento que provém da Palavra e entra na Palavra”.<sup>54</sup> Essa afirmação sublinha a unidade intrínseca entre a cruz e a revelação divina. O sofrimento e a morte de Jesus devem ser compreendidos à luz da Escritura, como cumprimento das profecias messiânicas e como expressão definitiva do amor salvífico de Deus pela humanidade.

Além disso, Ratzinger diferencia a morte de Cristo da morte comum do homem, que é consequência do pecado original e da ruptura com Deus. Ele escreve: “A morte de Jesus é de um outro género: não provém da presunção do homem, mas da humildade de Deus”.<sup>55</sup> Enquanto a morte humana é resultado da desobediência e da perda da graça original, a morte de Jesus é um ato supremo de amor e obediência ao Pai. Não é uma morte imposta pelo pecado, mas sim uma doação voluntária em favor da redenção do mundo. A cruz, portanto, é o lugar onde a humildade divina se manifesta de maneira mais radical, contrastando com a soberba humana.

Por fim, Ratzinger insere a paixão e morte de Jesus no contexto do Servo Sofredor de Isaías 53, destacando que o seu sofrimento tem caráter vicário e redentor: “A morte de Jesus não entra na sentença dada à saída do Paraíso, mas encontra-se nos cânticos do Servo de Deus”.<sup>56</sup> Essa associação é fundamental para entender que a cruz não é um mero castigo ou um fracasso humano, mas o cumprimento do desígnio divino para a salvação dos povos. O sofrimento do Justo torna-se caminho de reconciliação, iluminando a humanidade e restaurando a sua relação com Deus.

Ratzinger também reflete sobre o mistério do Sábado Santo, um dia marcado pelo silêncio e pela aparente ausência de Deus. Ele escreve: “Enquanto a Sexta-Feira Santa nos oferece pelo menos a visão do crucificado, no Sábado Santo vemos o dia da morte, «morte de Deus», o dia que antecipa e exprime a experiência inaudita da nossa época em que Deus está simplesmente ausente; o túmulo tira-O da nossa vista, Ele já não dá, já não fala; assim, já nem sequer há a necessidade de O contestar, pode-se simplesmente ignorá-l’O. “Deus está morto, e fomos nós que o matámos”.<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 206.

<sup>55</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 206.

<sup>56</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 206.

<sup>57</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 213-214

Essa reflexão insere-se em um contexto teológico mais amplo, onde a aparente ausência de Deus no Sábado Santo ressoa como a experiência moderna de indiferença religiosa. A humanidade contemporânea, frequentemente, não sente necessidade de contestar Deus, pois simplesmente O ignora. No entanto, esse silêncio não é definitivo; ele prepara a aurora da ressurreição, onde Deus se manifesta como o Vivente.

O Sábado Santo, então, é um tempo de prova para a fé. É o momento em que os fiéis são chamados a permanecer na esperança, confiando que mesmo no silêncio e na aparente ausência, Deus está operando a sua obra redentora. Cristo, ao descer à mansão dos mortos, alcança a condição mais extrema da existência humana para redimi-la por completo.

Sobre essa descida, Ratzinger destaca que Jesus “atravessou a porta da nossa solidão extrema quando, na sua Paixão, se afundou no abismo da nossa sensação de abandono. Onde já não se faz ouvir nenhuma voz é onde Ele está. Com isso, o inferno foi vencido, ou melhor: a morte, que antes era o inferno, deixou de existir. Morte e inferno deixaram de ser a mesma coisa, porque no meio da morte passou a haver vida, porque agora o amor mora no meio dela”.<sup>58</sup>

Essa afirmação revela que a cruz não apenas vence o pecado, mas transforma a própria realidade da morte. Antes, a morte era compreendida como separação definitiva de Deus; agora, tornou-se um lugar onde Cristo está presente, preenchendo-a com sua vida e amor. O inferno, entendido como afastamento absoluto de Deus, foi superado porque Cristo entrou nele e o iluminou com sua presença redentora.

Além disso, Ratzinger afirma que “a morte, porém, já não é o caminho para a solidão gélida, pois as portas do *sheol* estão abertas”.<sup>59</sup> Ratzinger continua: “Penso que é possível entender também nesta perspectiva as imagens dos Padres da Igreja que, à primeira vista, parecem tão mitológicas, a saber, aquelas que falam em ir buscar os mortos às profundezas e abrir os portões; torna-se compreensível até o texto aparentemente tão místico do Evangelho de São Mateus em que se lê que os túmulos se abriram e os corpos de muitos santos já falecidos ressuscitaram (Mt 27,52). A porta da morte ficou escancarada, desde que a vida, o amor, passaram a habitar na morte”.<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 218.

<sup>59</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 218-219.

<sup>60</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 219.

Essa visão teológica reforça que a morte, antes símbolo de separação e desolação, foi radicalmente transformada pela vitória de Cristo. O mistério pascal não apenas anuncia a ressurreição de Jesus, mas também revela que a morte não tem mais a última palavra. A presença do amor divino no meio da morte abre um horizonte de esperança para toda a humanidade.

### *1.1. A cruz como manifestação do amor de Deus*

A cruz, na teologia Ratzinger, representa o ápice da revelação do amor de Deus pela humanidade. Não se trata apenas de um evento histórico de sofrimento e injustiça, mas de um mistério salvífico no qual Deus se entrega radicalmente para resgatar o ser humano. O ato de Jesus na cruz não pode ser compreendido isoladamente; ele está inserido no contexto da missão divina de redenção e expressa, em sua plenitude, a verdade do amor que se doa totalmente.

A primeira palavra de Cristo na cruz – “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23,34) – é um testemunho direto do amor incondicional de Deus. Ratzinger observa que este pedido de perdão não é apenas um gesto de bondade humana, mas a manifestação concreta do que Jesus já havia ensinado no Sermão da Montanha. Ele não apenas ordenou amar os inimigos, mas viveu essa realidade até o extremo. O autor afirma: “Implora o perdão para aqueles que O crucificam e motiva este pedido: ‘Não sabem o que fazem’”.<sup>61</sup>

Essa ignorância, segundo Ratzinger, tem um papel fundamental na economia da salvação, pois, ao mesmo tempo que reduz a culpa dos perseguidores de Cristo, mantém aberta a possibilidade da conversão. Isso fica evidente na pregação de Pedro após a ressurreição, quando ele recorda que os líderes judeus e o povo agiram por ignorância ao condenar Jesus (At 3,17). Esse aspecto revela que o amor divino não apenas perdoa, mas também oferece continuamente uma oportunidade de redenção.

A relação entre ignorância e conversão, destacada por Ratzinger, reforça a ideia de que o amor de Deus não age de maneira arbitrária, mas respeita a liberdade humana e se oferece como luz para a consciência. Ele compara essa ignorância à experiência de São

---

<sup>61</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*,170.

Paulo, que, antes de sua conversão, perseguia os cristãos acreditando estar servindo a Deus. Como Paulo testemunha: «Mas alcancei misericórdia, porque agi por ignorância, sem ter fé ainda» (1Tm 1,13).<sup>62</sup>

A cruz, portanto, não é apenas um local de sofrimento extremo, mas um meio pelo qual Deus ilumina os corações obscurecidos pela ignorância e oferece o caminho para a verdade. Isso implica que o verdadeiro saber não está na simples erudição, mas na abertura ao mistério do amor divino: “Porventura não seremos cegos precisamente quando nos consideramos sábios?”<sup>63</sup>

Na perspectiva de Ratzinger, a cruz não deve ser vista apenas como um sacrifício substitutivo, mas como a realização da Nova Aliança entre Deus e os homens. Cristo, ao assumir a condição humana e sofrer injustamente, não responde com vingança, mas com amor total, selando um novo pacto entre Deus e a humanidade. Esse amor incondicional supera todas as expectativas humanas de justiça retributiva e revela-se como pura misericórdia.

A cruz torna-se, assim, o lugar onde a verdade e o amor se encontram (cf. Sl 85,11), e onde o verdadeiro significado da justiça divina se manifesta. Não é uma justiça punitiva, mas uma justiça restauradora, que reconcilia o mundo com Deus. Essa visão está em continuidade com a tradição patrística, na qual a cruz é vista como o “trono” de Cristo, onde Ele reina com o poder do amor que se entrega.

Outro aspecto essencial na teologia da cruz em Ratzinger é a redefinição do conceito de poder. No mundo, o poder é associado à força e ao domínio; na cruz, Deus manifesta um poder paradoxal: o poder do amor vulnerável.<sup>64</sup> Cristo vence, não pela violência, mas pelo dom total de si. Essa subversão da lógica humana evidencia que a verdadeira força divina está na entrega e no serviço, não na imposição e no controle.

A teologia da cruz em Ratzinger estrutura-se em torno da ideia de que Deus não salva a humanidade pela força ou pelo juízo condenatório, mas pelo amor que perdoa e transforma.<sup>65</sup> A cruz é a manifestação mais radical desse amor, pois nela Cristo oferece

---

<sup>62</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 171.

<sup>63</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 171.

<sup>64</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 150.

<sup>65</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 152.

o perdão mesmo àqueles que o rejeitam, mantendo sempre aberta a possibilidade da conversão.

O mistério da cruz, portanto, não pode ser reduzido a um sofrimento isolado ou a uma injustiça histórica; trata-se de uma revelação profunda do próprio ser de Deus, que é amor (1Jo 4,8). Como afirma Ratzinger: “A ignorância reduz a culpa, deixa aberta a estrada para a conversão”.<sup>66</sup> É nesse caminho de conversão que a cruz se torna não apenas um instrumento de morte, mas a porta para a verdadeira vida em Deus.

O ponto central da teologia da cruz está na compreensão de que Cristo, como justo sofredor, desce ao *sheol*<sup>67</sup> e, por meio de sua descida, Deus mesmo penetra o reino da morte. A cruz não é uma exaltação da morte, mas o meio pelo qual Deus supera a morte e a transforma.<sup>68</sup> Nesse sentido, a cruz ocupa o centro da mensagem cristã, não como uma subvalorização da vida, mas como um caminho para a vida verdadeira através do amor e da entrega.

A morte manifesta-se em três dimensões distintas: 1) como a vaidade de uma vida vazia e aparente; 2) como um fenômeno biológico inevitável; 3) como um ato de entrega no amor.<sup>69</sup> A experiência do amor é fundamental para compreender a relação entre vida e morte. O verdadeiro sentido da vida revela-se no amor, que implica uma renúncia ao egoísmo e um despojamento do eu.<sup>70</sup>

Neste contexto, a morte de Cristo deve ser compreendida à luz do amor que se entrega plenamente. A cruz representa a expressão suprema do amor divino que vence a morte. Assim, a morte de Jesus não é simplesmente um evento trágico, mas a plena manifestação do amor que se entrega e transforma a própria morte em vida.<sup>71</sup>

Por fim, a visão cristã da morte está ancorada na esperança da ressurreição. A fé cristã não busca o sofrimento, mas reconhece que a vida não atinge a sua plenitude sem

---

<sup>66</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 171.

<sup>67</sup> Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI) menciona o *Sheol* em alguns de seus escritos teológicos, especialmente ao refletir sobre a morte, o inferno e a redenção em Cristo. Na sua obra *Introdução ao Cristianismo*. Neste livro, Ratzinger trata do significado do Credo cristão e menciona o artigo “desceu à mansão dos mortos” (*Sheol*, em hebraico). Ele explica que esse conceito bíblico não deve ser entendido como um inferno no sentido moderno, mas como um estado de separação de Deus, do qual Cristo liberta os justos.

<sup>68</sup> Joseph Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y vida eterna* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2021), 87.

<sup>69</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 88.

<sup>70</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 88.

<sup>71</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 89.

a experiência da paixão.<sup>72</sup> Fugir do sofrimento equivale a fugir da vida. O Ocidente moderno, ao tentar evitar a dor a todo o custo, acaba por rejeitar a cruz e, conseqüentemente, a verdade da existência humana.<sup>73</sup> A verdadeira resposta à questão da morte e da vida encontra-se na vida eterna, que é o dom do amor absoluto revelado em Cristo.<sup>74</sup>

### *1.2. O escândalo da cruz e a crise da fé*

Um dos pontos fundamentais da teologia de Ratzinger é a compreensão da cruz como um "escândalo" para a razão humana. O apóstolo Paulo já havia afirmado que a cruz é «loucura para os gentios e escândalo para os judeus» (1Cor 1,23), e Ratzinger retoma essa reflexão ao destacar que a morte de Cristo contraria todas as expectativas messiânicas tradicionais.

Para os judeus da época, o Messias deveria ser um rei poderoso, libertador de Israel, alguém que triunfaria sobre seus inimigos. A ideia de um Messias crucificado era inaceitável, pois a cruz era vista como sinal de maldição (cf. Dt 21,23). Para os gentios, especialmente os gregos, a cruz era irracional, pois representava fraqueza e derrota. No entanto, Ratzinger afirma que é justamente nesse paradoxo que se revela a verdadeira sabedoria de Deus: “Na cruz, Deus parece oculto, e essa ocultação torna-se o maior desafio para a fé: crer em um Deus que morre de maneira tão humilhante”.<sup>75</sup>

Além disso, Ratzinger observa que:

“Para um grande número de cristãos, sobretudo para aqueles que não estão familiarizados com a fé, o sentido da cruz aparece dentro de um processo que diz respeito a um direito lesado e restabelecido. Ela seria a forma de reconciliar a justiça infinitamente lesada de Deus por meio de um desagravo igualmente infinito”.<sup>76</sup>

No entanto, ele ressalta que:

“Na Bíblia, a cruz não aparece como elemento de um mecanismo do direito lesado; pelo contrário, a cruz representa nela a radicalidade do amor que se entrega sem reservas, num

---

<sup>72</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 94.

<sup>73</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 95.

<sup>74</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 95.

<sup>75</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 182.

<sup>76</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 204.

processo em que alguém é aquilo que faz e faz aquilo que é; ela é a expressão de uma vida que consiste em ser totalmente para os outros”.<sup>77</sup>

Assim, a cruz torna-se um divisor de águas para a fé cristã. Ela exige um salto de confiança em um Deus que não se manifesta em esplendor e glória visível, mas na fraqueza e no sofrimento.

### *1.3. O clamor de Jesus e a obediência ao Pai*

O clamor de Jesus na cruz, “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46), é um dos momentos mais enigmáticos da Paixão. Ratzinger esclarece que essa frase não deve ser interpretada como um sinal de desespero, mas como um ato supremo de obediência e entrega ao Pai. Jesus cita o Salmo 22, que começa com um clamor de abandono, mas termina com uma proclamação de confiança em Deus. Ratzinger escreve: “Este clamor não é a negação de Deus, mas a mais profunda conformidade com Ele: é o momento em que Jesus assume o abandono do pecador para abrir o caminho da reconciliação”.<sup>78</sup>

Ratzinger recorre à Sagrada Escritura, com destaque no Novo Testamento:

“Mateus e Marcos narram-nos que, à hora nona, Jesus exclamou com voz forte: 'Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonaste?' (Mt 27, 46; Mc 15, 34). Transmitem o brado de Jesus numa mistura de hebraico com aramaico e depois traduzem-no para o grego. Segundo Ratzinger, 'Esta oração de Jesus nunca cessou de estimular os cristãos a questionarem-se e refletirem: como podia o Filho de Deus ser abandonado por Deus? Que significa esse brado?'”<sup>79</sup>

Jesus cita o Salmo 22, que começa com um lamento, mas termina em confiança. Assim, o seu brado revela a plenitude da comunhão com Deus no ato redentor. O abandono sentido na cruz não significa separação do Pai, mas a solidariedade de Cristo com a humanidade pecadora. Dessa forma, longe de ser uma negação, essa experiência confirma a missão salvífica de Jesus.

---

<sup>77</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 205.

<sup>78</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada a Jerusalém à Ressurreição*, 175.

<sup>79</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada a Jerusalém à Ressurreição*, 175.

#### 1.4. A morte de Jesus e o plano divino

Outro ponto central da teologia de Ratzinger é a ideia de que a cruz é o verdadeiro trono de Jesus. Enquanto no mundo a realeza está associada ao poder terreno, Jesus reina de maneira completamente diferente: a sua realeza manifesta-se no serviço e na doação de si mesmo. Ele afirma: “A cruz é o seu trono, de onde atrai o mundo a Si. Desse lugar do extremo dom de Si mesmo, desse lugar de um verdadeiramente divino, Ele, a seu modo – um modo que nem Pilatos, nem os membros do Sinédrio puderam compreender –, domina como o verdadeiro rei”.<sup>80</sup>

Isso significa que a cruz não é um fim, mas um começo. A morte de Jesus não é uma derrota, mas o momento em que Ele realiza plenamente sua missão. Ele torna-se rei não pelo uso da força, mas pelo dom total de si mesmo. Além disso, Ratzinger destaca que a cruz transforma o sentido da morte. Antes, a morte era vista como um destino inevitável e definitivo, mas em Cristo, ela torna-se uma passagem para a vida eterna. Ele escreve: “A cruz muda a morte de um fim inevitável para uma passagem, um novo início na comunhão com Deus”.<sup>81</sup> Esta transformação da morte tem implicações profundas para a vida cristã. Se Cristo passou pela morte e a venceu, então aqueles que creem n’Ele já não precisam de temer a morte. Ela deixa de ser um beco sem saída e torna-se um caminho para a vida plena em Deus.

Na teologia de Ratzinger, a morte de Jesus não é um evento isolado ou um mero sofrimento humano, mas um evento teológico central que expressa a fidelidade divina e a plenitude do amor redentor. A cruz não é um fracasso, mas a manifestação suprema do amor de Deus, onde Cristo se entrega totalmente para resgatar a humanidade. O mistério pascal transforma a própria realidade da morte, abrindo um horizonte de esperança e reconciliação com Deus.

---

<sup>80</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada a Jerusalém à Ressurreição*, 174.

<sup>81</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada a Jerusalém à Ressurreição*, 175.

## 2. *O Mistério Pascal e a Centralidade da Ressurreição, fundamento da fé cristã.*

A ressurreição de Jesus, segundo Joseph Ratzinger, é o fundamento essencial da fé cristã. Ele enfatiza que, sem a ressurreição, “a fé cristã estará morta” e Jesus seria apenas “uma personalidade religiosa falhada”.<sup>82</sup>

Além disso, ele destaca que a ressurreição de Cristo não é apenas um evento isolado, mas “algo de verdadeiramente novo, que muda o mundo e a situação do homem”.<sup>83</sup> Dessa forma, a ressurreição não é um mero retorno à vida, mas um acontecimento que altera a história e a existência humana.

Ratzinger também ressalta a complexidade do testemunho histórico sobre a ressurreição, observando que “não era fácil exprimi-lo”, pois os discípulos depararam com “um fenômeno totalmente novo para elas, porque ultrapassava o horizonte das suas experiências”.<sup>84</sup>

Ratzinger salienta que a ressurreição não deve ser entendida como um simples retorno à vida terrena, como ocorreu com Lázaro, mas sim como uma transformação radical da existência de Cristo. Ele transcende a esfera do mundo físico e entra em um novo modo de ser. O autor rejeita tanto uma interpretação puramente simbólica quanto a noção de um milagre físico isolado, argumentando que a ressurreição é um evento real que ocorre entre Jesus e Deus no poder do Espírito Santo. As aparições do Ressuscitado não são a ressurreição em si, mas um reflexo desse acontecimento transcendente.

A menção do sepultamento de Jesus tem um significado crucial: ela demonstra que Cristo realmente experimentou a morte. No entanto, o túmulo vazio não é o centro da fé na ressurreição; o que importa é que Jesus vive em uma nova realidade. O evento da ressurreição é descrito como a vitória definitiva sobre a morte, superando a corrupção do corpo, conforme anunciado no Antigo Testamento (Salmo 16,10). Dessa forma, Ratzinger argumenta que a ressurreição de Cristo não é uma violação das leis naturais, mas a manifestação do poder criador de Deus, que transcende as limitações materiais.

---

<sup>82</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada a Jerusalém à Ressurreição*, 197.

<sup>83</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada a Jerusalém à Ressurreição*, 198.

<sup>84</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada a Jerusalém à Ressurreição*, 198.

Por fim, Ratzinger ressalta que a fé na ressurreição é, antes de tudo, uma afirmação da existência real de Deus e de sua soberania sobre a criação. A ressurreição confirma o "sim" incondicional de Deus à matéria e à criação, revelando a sua capacidade de transformar e renovar. Essa fé implica uma responsabilidade humana diante de Deus e uma esperança concreta na superação da morte.

### 2.1. A experiência dos discípulos e o evento transformador.

A experiência dos discípulos com Cristo ressuscitado constitui um evento transformador que redefiniu não apenas suas vidas individuais, mas também a história do cristianismo. Joseph Ratzinger, em *Introdução ao Cristianismo*, destaca que a Ressurreição não pode ser compreendida como um mero retorno à vida biológica, mas como um salto ontológico, uma entrada definitiva na vida de Deus.<sup>85</sup>

Os discípulos, inicialmente abatidos pela morte de Jesus, passam por uma transformação radical após os encontros com o Ressuscitado. O medo cede lugar à coragem, e a desesperança à convicção inabalável da vida nova em Cristo. Ratzinger destaca que esses encontros não foram meras alucinações ou projeções psicológicas, mas uma experiência real e objetiva, sustentada por sinais tangíveis como o partir do pão e o toque nas chagas.<sup>86</sup>

Essa transformação está em consonância com o que ensina a *Dei Verbum*, que sublinha a Revelação divina não apenas como transmissão de verdades, mas como um encontro vivo com Cristo.<sup>87</sup> A experiência pascal dos discípulos configura um marco fundante da Igreja, pois a partir desse evento nasce a missão apostólica, sustentada pelo Espírito Santo, como ensina a encíclica *Redemptoris Missio*.<sup>88</sup>

---

<sup>85</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 222.

<sup>86</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 225.

<sup>87</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática "Dei Verbum" sobre a Revelação Divina*, ed. Bilingue Petrópolis: Vozes, 1966, n.2.

<sup>88</sup> João Paulo II, *Missão de Cristo Redentor: Carta Encíclica "Redemptoris Missio"*, 2ª ed. Lisboa: Edições Paulinas, 1991, n.23.

## 2.2. O caráter singular da Ressurreição: mais do que um retorno à vida terrena.

A ressurreição de Cristo distingue-se radicalmente de outros relatos bíblicos de retorno à vida, como os casos de Lázaro ou do filho da viúva de Naim. Ratzinger, em *Jesus de Nazaré*, enfatiza que esses eventos foram simples revivificações, em que a pessoa retomava a sua vida mortal e, mais tarde, morreria novamente. A ressurreição de Jesus, no entanto, é a irrupção de uma nova realidade: não um simples retorno, mas a transfiguração definitiva de sua humanidade na glória de Deus.<sup>89</sup>

Essa singularidade é ressaltada pelo *Catecismo da Igreja Católica*, que afirma que a Ressurreição é “a culminação da Encarnação” e a inauguração de uma nova ordem da existência.<sup>90</sup> O Corpo glorioso de Cristo transcende as leis do tempo e do espaço, revelando uma nova dimensão do ser humano destinado à plenitude em Deus.

Ratzinger reforça que “na ressurreição de Jesus, foi alcançada uma nova possibilidade de ser homem”<sup>91</sup> é “o começo da nova criação”, em que a humanidade é elevada a um novo patamar de existência. Essa compreensão também é confirmada pela *Lumen Gentium*, ao afirmar que Cristo é “o primogênito de entre os mortos”, sendo a sua Ressurreição a garantia da esperança cristã de participar da vida eterna.<sup>92</sup>

Assim, a ressurreição de Jesus é um evento singular e definitivo, um salto qualitativo na história da humanidade, que inaugura a vida eterna e transforma radicalmente a compreensão cristã da existência.

A Ressurreição de Cristo manifesta-se como o ápice da economia salvífica de Deus, superando a mera revivificação e inaugurando a plenitude da nova criação. Diferente dos relatos bíblicos de retorno à vida, a ressurreição de Jesus não é um restabelecimento da existência terrena, mas a transfiguração definitiva da humanidade na glória divina. Seu Corpo ressuscitado já não está sujeito às limitações da carne mortal, mas participa da realidade eterna de Deus, tornando-se princípio e modelo da glorificação dos fiéis.

---

<sup>89</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 199.

<sup>90</sup> Catecismo da Igreja Católica, 1992, n. 648-650.

<sup>91</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 199.

<sup>92</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática “Lumen Gentium”* (21 de novembro de 1964), Cidade do Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1966, n.48.

Neste evento singular e escatológico, a humanidade é chamada a uma nova ordem do ser, pois, como afirma a Tradição da Igreja, Cristo ressuscitado é o «primogénito de entre os mortos» (Cl 1,18), antecipando em Si mesmo o destino final dos que n'Ele creem. Assim, a ressurreição não apenas confirma a vitória sobre o pecado e a morte, mas inaugura o caminho para a participação plena na vida divina, cumprindo a promessa da redenção e da comunhão eterna com Deus.

A experiência dos discípulos com o Ressuscitado não se limita a um evento histórico, mas inaugura um novo horizonte ontológico. Como destaca Ratzinger, a Ressurreição não é um mero retorno à vida biológica, mas a irrupção definitiva da vida divina na história, transformando radicalmente a existência humana. Esse encontro pascal não foi uma ilusão subjetiva, mas um acontecimento real e fundante, que conferiu aos discípulos uma certeza inabalável e os impulsionou à missão. Nele, a fé cristã encontra seu centro, pois a Ressurreição de Cristo revela a plenitude da revelação divina e inaugura a comunhão escatológica com Deus. Assim, a experiência pascal não apenas molda a identidade da Igreja, mas constitui-a como portadora da verdade que dá sentido à história e à existência humana.

### *2.3. A Ressurreição na compreensão bíblica e teológica*

A ressurreição de Jesus Cristo ocupa um lugar central na fé cristã, sendo o fundamento sobre o qual se estrutura a esperança da vida eterna e a redenção da humanidade. Desde os primeiros séculos, a tradição cristã tem procurado compreender e transmitir esse evento de maneira fidedigna, baseando-se no testemunho das Escrituras e na experiência da comunidade de fé. Ratzinger, em sua reflexão sobre a ressurreição, destaca que esse evento não é apenas um facto isolado, mas um desdobramento da promessa de Deus e o cumprimento definitivo das Escrituras.<sup>93</sup>

O testemunho da Escritura acerca da ressurreição pode ser analisado a partir de duas perspectivas principais: a confessional e a narrativa. A tradição confessional, expressa de maneira emblemática em 1 Coríntios 15, 3-8, representa o cerne da fé apostólica e reflete uma transmissão primitiva e estruturada da mensagem cristã. Essa

---

<sup>93</sup> Cf. Joseph Ratzinger, *Obras Completas VI/2: Jesús de Nazaret. Escritos de Cristología* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2021), 784-785.

tradição destaca que a ressurreição de Cristo aconteceu “segundo as Escrituras”, evidenciando a sua relação com as promessas veterotestamentária.<sup>94</sup>

Por outro lado, a tradição narrativa, encontrada nos Evangelhos, busca descrever os acontecimentos pascais em seus detalhes históricos e teológicos.<sup>95</sup> As narrativas da ressurreição não apenas testemunham a realidade do evento, mas também respondem a questionamentos e objeções, reafirmando a autenticidade do testemunho apostólico. Essa abordagem tem um papel fundamental na catequese e na formação da identidade cristã, assegurando a continuidade da tradição recebida.

A ressurreição de Cristo, portanto, não é apenas um evento extraordinário, mas constitui o coração da fé cristã e a realização da esperança messiânica. O testemunho bíblico e teológico dessa realidade continua a inspirar a vivência cristã, reforçando a certeza de que, em Cristo ressuscitado, se manifesta a plenitude da redenção e a promessa da vida eterna.

#### 2.4. O testemunho da Escritura

Ratzinger, na sua obra *Jesus de Nazaré II*, trata a ressurreição de Cristo como o evento central da fé cristã, interpretando-a não apenas como um facto histórico, mas como um evento meta-histórico que inaugura uma nova dimensão da existência humana. Segundo Ratzinger, “na ressurreição de Jesus, não foi revitalizado um indivíduo qualquer, morto num determinado momento, mas verificou-se um salto ontológico que toca o ser enquanto tal, foi inaugurada uma dimensão que nos interessa a todos e que criou, para todos nós, um novo âmbito da vida: o estar com Deus”.<sup>96</sup> Nesse sentido, a Escritura apresenta um testemunho coerente e unitário acerca da Ressurreição de Cristo, fundamentado tanto nas narrativas evangélicas quanto na tradição apostólica.

---

<sup>94</sup> Cf. Ratzinger, *Obras Completas VI/2*, 785.

<sup>95</sup> Cf. Ratzinger, *Obras Completas VI/2*, 785.

<sup>96</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 223.

### 3. *Importância dos dois tipos de testemunho presentes no Novo Testamento*

Ratzinger, em sua profunda reflexão teológica sobre a ressurreição de Jesus, destaca a relevância dos dois modos fundamentais de testemunho presentes no Novo Testamento: a tradição sob a forma de profissão de fé e a tradição sob a forma de narrativa.<sup>97</sup> Ele argumenta que essas duas perspectivas, embora distintas, são intrinsecamente complementares e indispensáveis para a inteligência da fé cristã.

#### 3.1. *Tradição sob a forma de profissão de fé*

A profissão de fé ocupa um lugar central na tradição cristã, sendo compreendida por Joseph Ratzinger como a expressão essencial da identidade e unidade da Igreja. Em sua obra *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Ratzinger enfatiza que a profissão de fé não apenas proclama a soberania de Cristo, mas também atesta a histórica realidade de sua ressurreição. Assim, essa confissão configura-se como um elo entre a experiência apostólica e a comunidade crente ao longo dos séculos.

Ratzinger destaca que a profissão de fé sintetiza e conserva o núcleo do evento pascal em breves fórmulas que garantem a transmissão fiel da tradição apostólica. Segundo Ratzinger,

“A tradição sob a forma de profissão de fé sintetiza o essencial em breves fórmulas que pretendem conservar o núcleo do acontecimento. São a expressão da identidade cristã, a ‘profissão’ propriamente dita, graças à qual nos reconhecemos mutuamente e nos podemos reconhecer diante de Deus e dos homens”.<sup>98</sup>

Desta forma, a profissão de fé assume um duplo papel: afirmar a veracidade histórica da ressurreição e consolidar a identidade cristã.

Um dos exemplos apresentados por Ratzinger é a aclamação dos discípulos de Emaús ao retornarem a Jerusalém, proclamando que Cristo ressuscitou e apareceu a Simão (Lc 24,34). Ele interpreta essa proclamação não apenas como um relato narrativo, mas como uma verdadeira profissão de fé que atesta a realidade do evento pascal: “Com base no contexto, esta frase é aqui, antes de mais, uma espécie de breve narrativa, mas já

---

<sup>97</sup>Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 212.

<sup>98</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 203.

está destinada a tornar-se uma aclamação e uma profissão de fé na qual o essencial aparece afirmado: o próprio acontecimento e a testemunha que é o seu garante”.<sup>99</sup>

Ratzinger também realça a importância da profissão de fé paulina, especialmente na Carta aos Romanos 10,9, onde se articulam duas fórmulas fundamentais: «Jesus é o Senhor» e «Deus ressuscitou-O de entre os mortos». Para ele, essa conjunção revela tanto a confissão da divindade de Cristo quanto a afirmação histórica de sua ressurreição:

“A profissão de fé tem duas partes: afirma-se que Jesus é ‘o Senhor’ e, deste modo, com base no significado veterotestamentário da palavra ‘Senhor’, evoca-se a sua divindade; junta-se-lhe a profissão do acontecimento histórico fundamental: Deus ressuscitou-O de entre os mortos”.<sup>100</sup>

Além disso, a tradição de fé transmitida por Paulo na Primeira Carta aos Coríntios (15,1-11) é considerada essencial para a unidade e a continuidade da Igreja. Ratzinger destaca que Paulo não propõe uma doutrina própria, mas insere-se na cadeia de recepção e transmissão da fé apostólica:

“Paulo sublinha, com grande vigor, que não propõe palavras suas: «Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi» (15,3). Paulo insere-se, conscientemente, na cadeia de recepção e transmissão. Tratando-se de uma realidade essencial, da qual tudo depende, requer-se sobretudo fidelidade”.<sup>101</sup>

Por fim, Ratzinger salienta que a profissão de fé é também enriquecida pela experiência pessoal dos apóstolos, especialmente de Paulo, cuja vivência do Cristo Ressuscitado confere um caráter apostólico à transmissão da fé: “Na versão da Primeira Carta aos Coríntios, o texto transmitido foi ampliado por Paulo, que acrescentou, para além do mais, a referência ao seu encontro pessoal com o Ressuscitado”.<sup>102</sup>

Diante desta análise, fica evidente que, para Ratzinger, a profissão de fé é o eixo central da soteriologia cristã, unindo a confissão da soberania de Cristo com a proclamação de sua ressurreição. Essa fé, transmitida desde os apóstolos, é a base da identidade cristã e garante a continuidade da Igreja ao longo da história.

---

<sup>99</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 203.

<sup>100</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 203-204.

<sup>101</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 204.

<sup>102</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 205.

### *3.2. Tradição sob a forma de narrativa*

Contrastando com a profissão de fé, Ratzinger analisa as narrativas das aparições do Ressuscitado, que representam diversas tradições oriundas de distintos contextos e comunidades, como a de Jerusalém e a da Galileia. Ele observa que essas narrativas, ainda que não idênticas em todos os detalhes, fornecem a expressão concreta da experiência pascal e servem de base para o desenvolvimento posterior da profissão de fé.

Ratzinger destaca a pluralidade das narrativas da ressurreição nos quatro Evangelhos. Nenhum dos evangelistas descreve a ressurreição em si, mas sim as manifestações do Ressuscitado aos seus discípulos. Ele analisa também o desfecho abrupto do Evangelho de Marcos, que termina com o temor das mulheres, mas que implica o conhecimento das aparições a Pedro e aos Doze, confirmando assim a tradição da profissão de fé primitiva.<sup>103</sup>

Outro aspecto ressaltado por Ratzinger é o papel determinante das mulheres no testemunho da ressurreição. Em contraste com a tradição judaica, que não aceitava mulheres como testemunhas legais, os Evangelhos evidenciam que foram elas as primeiras a encontrar o Ressuscitado. Embora a Igreja esteja edificada sobre Pedro e os Onze, Ratzinger salienta que é através das mulheres que se abre a porta para o testemunho pascal: elas permaneceram junto a Jesus até a cruz e foram as primeiras a recebê-lo como o Vivente.<sup>104</sup>

Em síntese, Ratzinger demonstra que tanto a profissão de fé quanto as narrativas da ressurreição são essenciais para a compreensão da fé cristã. A profissão de fé condensa a verdade central do mistério pascal, enquanto as narrativas fornecem o substrato histórico e existencial que enriquece e confere forma à experiência da ressurreição.

### *3.3. As narrativas pascais nos Evangelhos e sua historicidade*

A Ressurreição de Cristo ocupa o centro da fé cristã, e as narrativas pascais nos Evangelhos testemunham a sua realidade histórica e transcendental. Ratzinger sublinha que, apesar das variações nos detalhes entre os relatos evangélicos, todos convergem no

---

<sup>103</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 205.

<sup>104</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 212-214.

testemunho essencial do Cristo ressuscitado. Para ele, a ressurreição não pode ser reduzida a um mito ou a uma experiência subjetiva dos discípulos, mas constitui um evento real que inaugura uma nova forma de existência.<sup>105</sup>

A historicidade da ressurreição sustenta-se em três elementos principais: as aparições do Ressuscitado, o túmulo vazio e a transformação radical dos discípulos. A resistência inicial dos seguidores de Jesus a compreender esse mistério reforça que a experiência pascal não foi uma criação psicológica ou um produto da fé, mas um acontecimento inesperado que os impulsionou a proclamar a Boa Nova. A referência de Marcos à perplexidade dos discípulos diante da ideia de ressurreição (Mc 9,10) evidencia que essa compreensão se deu de forma gradual e não a partir de um conceito pré-existente ou artificialmente construído.<sup>106</sup>

Ratzinger rejeita interpretações puramente simbólicas da ressurreição e sustenta que o testemunho apostólico é o fundamento da fé cristã. Ele destaca que as testemunhas oculares não criaram a fé na ressurreição, mas tiveram suas vidas transformadas por esse evento, que lhes foi imposto com uma força irresistível.<sup>107</sup> Nesse contexto, é fundamental compreender a natureza da vida do Ressuscitado. Ratzinger explica que:

“Torna-se óbvio que a vida do Ressuscitado não volta a ser *bios*, ou seja, não assume a forma biológica da nossa vida mortal intra-histórica, mas sim *zoë*, uma outra vida nova, definitiva, uma vida que ultrapassou o âmbito da morte na história do *bios*, que foi superado por um poder superior”.<sup>108</sup>

Assim, a ressurreição de Jesus não representa um simples retorno à existência terrena, mas a irrupção de uma nova realidade divina na história humana, onde a vida verdadeira e definitiva se manifesta.

Além disso, a centralidade do testemunho de Pedro confirma a estrutura da Igreja como comunidade fundamentada na fé no Ressuscitado. “Se ser cristão significa essencialmente acreditar na Ressurreição, então a missão petrina apresenta-se como a confirmação do papel de Pedro na construção da Igreja”.<sup>109</sup> Dessa forma, a fé pascal é

---

<sup>105</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 211-212.

<sup>106</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 198-199.

<sup>107</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 211-212.

<sup>108</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 222-223.

<sup>109</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 212.

não apenas uma dimensão espiritual, mas a realidade sobre a qual se ergue toda a identidade cristã.

Em suma, a teologia de Ratzinger reforça a inseparabilidade entre a historicidade e a transcendência da ressurreição. Não se trata de um mero evento do passado, mas de uma realidade viva que continua a transformar a história. A experiência dos primeiros cristãos e a continuidade da Igreja através dos séculos atestam que a ressurreição de Cristo não é apenas uma crença, mas a própria essência da fé cristã.

#### *3.4. A tradição paulina e a fé na Ressurreição (1Cor 15, 3-8)*

Na visão de Ratzinger, a tradição paulina desempenha um papel crucial na transmissão do kerigma da Ressurreição. Em 1 Coríntios 15, 3-8, Paulo apresenta uma das mais antigas confissões de fé na Ressurreição, destacando a lista de testemunhas que viram Cristo ressuscitado. Para Ratzinger, este texto é fundamental, pois demonstra que a fé na Ressurreição não surgiu como um desenvolvimento tardio da teologia cristã, mas esteve presente desde o início como o cerne da pregação apostólica. Ele afirma que “a fé pascal de Paulo não provém de especulações teológicas, mas do encontro com o Ressuscitado”.<sup>110</sup>

A afirmação de Paulo de que Cristo apareceu a Pedro, aos Doze, a mais de quinhentos irmãos, a Tiago e, por fim, a ele mesmo, reforça a continuidade e confiabilidade da tradição apostólica. Ratzinger destaca que “a Igreja primitiva não fundamentou a sua fé em um pensamento mitológico, mas em um evento que aconteceu e transformou seus protagonistas”.<sup>111</sup>

A lista de testemunhas citadas por Paulo reforça a confiabilidade da tradição apostólica, mostrando que a fé da Igreja primitiva não se baseava em mitos, mas na transformação causada pelo encontro com o Cristo ressuscitado.

---

<sup>110</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 204-205.

<sup>111</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 205.

#### ***4. A ressurreição como cumprimento das Escrituras e da promessa de Deus***

A ressurreição de Cristo constitui o evento central da fé cristã, no qual se realiza o desígnio salvífico de Deus revelado progressivamente ao longo da história da aliança. Como sublinha Ratzinger, a ressurreição não deve ser compreendida como um acontecimento isolado ou meramente contingente, mas como a plenitude da promessa divina já inscrita nas Escrituras do Antigo Testamento. Em Cristo, toda a história de Israel alcança o verdadeiro significado, pois Ele é a chave hermenêutica última da Revelação.

Desde os primórdios da Igreja, os discípulos interpretaram a ressurreição à luz das Escrituras, conforme evidenciado nos discursos apostólicos nos Atos dos Apóstolos e nas epístolas paulinas. O Salmo 16,10 «Não permitirás que teu santo veja a corrupção» e a figura do Servo Sofredor de Isaías 53 são testemunhos proféticos que encontram sua realização plena na Páscoa de Cristo.<sup>112</sup> Esta leitura tipológica demonstra que a Ressurreição é o clímax de um desígnio divino que atravessa toda a história da salvação, não um evento inesperado, mas a consumação da economia redentora.

A ressurreição de Cristo inaugura uma nova ontologia da existência humana e uma nova ordem do ser. Não se trata de um simples retorno à vida biológica, mas da irrupção de uma realidade nova, na qual o corpo glorificado de Cristo manifesta a vitória definitiva sobre a morte e a corrupção. Esse evento não apenas confirma a identidade divina de Jesus, mas também estabelece o fundamento escatológico da esperança cristã: o cosmos inteiro está chamado à transfiguração em Cristo ressuscitado.<sup>113</sup>

Desta forma, a ressurreição não é apenas um evento do passado, mas permanece como a realidade fundante da fé cristã, que confere sentido à existência e orienta o crente para a plenitude escatológica. Em Cristo ressuscitado, a humanidade encontra seu destino último: a comunhão eterna com Deus na participação da vida divina. A Páscoa do Senhor, portanto, não é apenas um acontecimento a ser confessado, mas uma realidade que transforma o próprio ser do cristão, chamando-o a viver na lógica da nova criação inaugurada pelo Ressuscitado.

---

<sup>112</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 208-210.

<sup>113</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 223.

## 5. O caráter ontológico e escatológico da ressurreição

A ressurreição de Cristo, no pensamento de Joseph Ratzinger, é um evento que transcende a mera historicidade e se coloca como a irrupção definitiva da nova criação. Ontologicamente, não se trata apenas de um retorno à vida biológica, mas de um salto qualitativo do ser humano, uma metamorfose do existir. Escatologicamente, a ressurreição é o cumprimento da promessa divina, a antecipação do *éschaton* na história, inaugurando o Reino definitivo de Deus. Como afirma Ratzinger, “a ressurreição de Jesus ultrapassa a história, mas deixou o seu rasto na história”.<sup>114</sup>

### 5.1. A ressurreição como um evento histórico e meta-histórico

A ressurreição de Cristo ocupa um lugar central na fé cristã, constituindo-se não apenas como um evento passado, mas como um acontecimento que transcende o tempo e a história. Joseph Ratzinger, em suas obras *Jesus de Nazaré: Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição* e *Introdução ao Cristianismo*, sublinha que a ressurreição não pode ser compreendida apenas como um evento histórico dentro da temporalidade, mas também como um evento meta-histórico que inaugura uma nova ordem do ser. Como ele afirma: “O que aconteceu não é um simples milagre, mas o início de uma nova ordem do ser”.<sup>115</sup>

A ressurreição é histórica na medida em que se insere em um tempo e espaço concretos, testemunhada pelos apóstolos e registada na Tradição da Igreja. O testemunho apostólico é fundamental para a compreensão do evento, pois os discípulos, que antes estavam amedrontados, tornam-se anunciadores corajosos da ressurreição de Cristo. Esse dado histórico encontra respaldo em documentos essenciais do Magistério, como a *Constituição Dogmática Dei Verbum*, que reafirma que “o que foi transmitido pelos Apóstolos inclui tudo aquilo que contribui para uma vida santa e para o aumento da fé do povo de Deus”,<sup>116</sup> e o *Catecismo da Igreja Católica*, que sublinha que “a Ressurreição de

---

<sup>114</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 223.

<sup>115</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 199.

<sup>116</sup> Concílio Ecumênico Vaticano II, *Dei Verbum: Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina*, 18 de novembro de 1965, acessado em 25 de março de 2025

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html), n. 8.

Cristo é um objeto de fé, ao passo que é uma intervenção transcendente do próprio Deus na criação e na história”.<sup>117</sup>

No entanto, como aponta Ratzinger, a ressurreição de Cristo não pode ser reduzida a uma simples revivificação, como ocorreu com Lázaro. O próprio Lázaro retornou à vida tal como a conhecemos, sujeito novamente à morte. Cristo, por outro lado, ressuscitou para uma nova forma de existência que transcende as leis naturais conhecidas. Nesse sentido, a ressurreição é um salto ontológico, uma transformação radical que inaugura um novo modo de ser, tornando-se o princípio da nova criação. Ratzinger escreve: “Jesus não voltou a uma vida humana normal deste mundo, como Lázaro [...], mas passou a um novo modo de existência”.<sup>118</sup>

Essa compreensão está em sintonia com os documentos do Magistério, como a declaração *Dominus Iesus*, que reafirma que “a ressurreição de Jesus é a confirmação definitiva da sua missão divina e a plenitude da revelação”.<sup>119</sup> Além disso, a *Gaudium et Spes* destaca que “Cristo ressuscitou, destruindo a morte com sua morte e trazendo vida nova para todos os homens”.<sup>120</sup>

Ratzinger também sugere que a física moderna pode oferecer analogias para compreender essa nova forma de existência. As teorias sobre dimensões adicionais e realidades além da percepção humana ajudam a ilustrar que a ressurreição de Cristo não deve ser entendida como um retorno a esta realidade,<sup>121</sup> mas como uma transição para uma dimensão de ser que transcende as categorias físicas conhecidas. Esta abordagem, longe de reduzir a ressurreição a um fenômeno científico, reforça a ideia de que a realidade é maior do que aquilo que podemos medir e observar empiricamente.

Portanto, a ressurreição de Cristo é um evento histórico e meta-histórico, um acontecimento singular que se insere no tempo e no espaço, mas que, ao mesmo tempo, os transcende, inaugurando uma nova dimensão da existência. Nela, a história e a eternidade encontram-se, e o mundo criado encontra a sua plenitude definitiva em Cristo ressuscitado.

---

<sup>117</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 1997, n. 647.

<sup>118</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 199.

<sup>119</sup> Congregação para a Doutrina da Fé, *Dominus Iesus*. Vaticano 2000, n.15.

<sup>120</sup> Concílio Vaticano II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Vaticano 1965, n.22.

<sup>121</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 219.

## 5.2. O corpo ressuscitado: identidade e transformação.

A teologia paulina, ao descrever o corpo ressuscitado como um «corpo espiritual» (1 Cor 15,44), não aponta para uma negação da materialidade, mas para uma transfiguração da corporeidade em um novo modo de ser. Joseph Ratzinger, profundamente enraizado na tradição patrística e na exegese teológica, salienta que “na ressurreição de Cristo não se tratasse apenas do milagre de um cadáver reanimado”,<sup>122</sup> mas de uma radical transformação da existência humana. Essa compreensão ilumina o mistério pascal e projeta a esperança cristã na consumação escatológica.

Na sua reflexão cristológica, Ratzinger salienta que o Cristo ressuscitado é o mesmo Jesus de Nazaré, mas a sua corporeidade foi elevada a uma nova realidade ontológica.<sup>123</sup> Ele continua reconhecível em sua identidade, como evidenciado pelas aparições aos discípulos (Lc 24,39; Jo 20,27), mas já não está submetido às leis da física ordinária: pode atravessar portas fechadas (Jo 20,19), desaparecer repentinamente (Lc 24,31) e manifestar-se segundo uma lógica que transcende o espaço-tempo. Aqui, a corporeidade gloriosa não representa a dissolução do corpo, mas a sua plenitude, a sua integração definitiva na esfera do divino.

Este paradigma revela a profunda tensão entre continuidade e novidade, identidade e transfiguração, que permeia a própria esperança cristã. Como afirma São Paulo: «Nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta» (1 Cor 15,51-52). Ratzinger interpreta essa passagem à luz da teologia da ressurreição, destacando que a redenção não aniquila a criação, mas a eleva à sua plenitude em Deus.<sup>124</sup> Assim, a promessa escatológica não consiste na dissolução do ser humano, mas na sua glorificação em Cristo, em conformidade com a sua imagem (Fl 3,21).

Dessa forma, a ressurreição não é um retorno à vida biológica, mas a irrupção do definitivo, do eterno. Em Cristo, a humanidade é chamada a participar dessa nova realidade, onde a matéria não é abolida, mas transfigurada em comunhão plena com Deus. Essa visão, enraizada na fé apostólica e aprofundada pela reflexão de Ratzinger, sustenta

---

<sup>122</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 199.

<sup>123</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 225.

<sup>124</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 223.

a esperança cristã na ressurreição final e na plena realização do desígnio divino para toda a criação.

### 5.3. A ressurreição como início da nova criação.

A ressurreição é o começo da nova criação. Cristo, como «primícias dos que dormem» (1 Cor 15,20), inaugura uma realidade que se completará no fim dos tempos. Ratzinger enfatiza que “a ressurreição não é um evento isolado, mas o início de um movimento que culminará na transfiguração do mundo”.<sup>125</sup>

A nova criação inaugurada pela ressurreição manifesta-se tanto na transformação interior do crente quanto na esperança escatológica da redenção de toda a realidade. Como refere Ratzinger, “a ressurreição é a irrupção do definitivo no tempo, o ato que abre a história para a sua consumação escatológica”.<sup>126</sup> Neste sentido, a nova criação não é apenas uma realidade futura, mas algo que já se inicia na existência da Igreja, comunidade do Ressuscitado, chamada a ser sinal e antecipação do Reino.

A teologia da nova criação encontra paralelos na cosmologia contemporânea, que discute a possibilidade de um universo em constante evolução e transformação. A esperança cristã, contudo, aponta para um horizonte teológico: não apenas uma alteração nas estruturas do cosmos, mas a plena reintegração da criação com o Criador, onde «Deus será tudo em todos» (1 Cor15,28).

Desta forma, a ressurreição de Cristo é o fundamento e a garantia de que a nova criação já está em curso, convidando a humanidade a entrar na vida definitiva que Deus preparou desde toda a eternidade.

---

<sup>125</sup> Joseph Ratzinger, *Escatologia: Morte e Vida Eterna* (São Paulo: Loyola, 2002), 152.

<sup>126</sup> Ratzinger, *Escatologia: Morte e Vida Eterna*, 160.

## **6. Síntese teológica conclusiva do capítulo II**

A morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré, segundo a perspectiva teológica de Joseph Ratzinger, constituem o centro da fé cristã e o evento culminante da história da salvação. Esses acontecimentos transcendem a simples historicidade e inauguram uma nova ordem existencial, onde a redenção se manifesta como a plenitude do amor divino e da promessa escatológica.

A morte de Cristo na cruz não deve ser vista como um fracasso, mas como a expressão suprema do amor absoluto de Deus. Para Ratzinger, a cruz é o ponto de intersecção entre a justiça e a misericórdia divinas, onde o Filho assume sobre si o pecado do mundo para reconciliar a humanidade com o Pai. Esse sacrifício revela a dimensão redentora do sofrimento, transformando a morte, antes temida como aniquilação, em passagem para a vida definitiva. O Sábado Santo, marcado pelo silêncio divino, ressoa como um momento de aparente abandono, mas antecipa a alvorada da ressurreição, na qual o amor de Deus triunfa de maneira definitiva sobre o pecado e a morte.

A ressurreição de Cristo, por sua vez, não é meramente um evento histórico, mas um acontecimento meta-histórico que inaugura uma nova dimensão da existência humana. Ratzinger enfatiza que a ressurreição não se limita a um retorno à vida biológica, mas representa uma transformação ontológica, um salto qualitativo na condição humana, constituindo-se Cristo como as primícias da nova criação.

A experiência dos discípulos com o Ressuscitado, atestada nas Escrituras, confirma a veracidade do evento e a sua capacidade transformadora. As aparições de Cristo, o túmulo vazio e a radical mudança na vida dos apóstolos reforçam a centralidade da ressurreição na identidade cristã. Como "primogênito dentre os mortos" (Cl 1,18), Cristo ressurreto se torna fundamento da fé, garantia da redenção e fonte da esperança na plenitude da vida em Deus.

No aspecto escatológico, a ressurreição de Jesus é a irrupção definitiva do Reino de Deus na história, inaugurando uma nova ordem do ser. A corporeidade glorificada do Ressuscitado evidencia a tensão entre continuidade e transfiguração, oferecendo um paradigma para a esperança cristã na ressurreição final. Como evento que transcende o tempo, a Páscoa de Cristo dá sentido à caminhada da Igreja e orienta o destino último da humanidade, rumo à comunhão definitiva com Deus.

Desta forma, a morte e a ressurreição de Cristo constituem não apenas o centro da revelação divina, mas também a base sobre a qual a Igreja edifica a sua missão e a sua esperança. A cruz, que parecia derrota, revela-se a maior vitória, e a ressurreição, longe de ser um simples milagre, é a inauguração da nova criação. Nela, Deus cumpre sua promessa definitiva: a vida triunfa sobre a morte, e o homem é chamado à plena participação na glória divina.

### **CAPÍTULO III – A RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO: FUNDAMENTO DA FÉ CRISTÃ E PORTA DA NOVA CRIAÇÃO**

Na análise que fizemos no capítulo anterior sobre a cristologia de Joseph Ratzinger, foi possível verificar como ele entende esse evento como a confirmação da identidade divina de Jesus. Para o autor, a ressurreição é simultaneamente um evento histórico e transcendente, marcando uma nova dimensão da existência e inaugurando a vida eterna.

Este terceiro capítulo explorará a ressurreição de Cristo como o fundamento da fé cristã e como a porta para uma nova criação, segundo o pensamento teológico de Joseph Ratzinger.

O capítulo está dividido em três secções principais, cada uma abordando aspetos fundamentais: 1. A ressurreição como fundamento da fé cristã; 2. O seu papel como porta para a nova criação; 3. Implicações para a vida cristã.

#### ***1. Ressurreição, como fundamento da fé cristã***

Para Ratzinger, “A ressurreição de Jesus foi a evasão para um género de vida totalmente novo, para uma vida já não sujeita à lei do morrer e do transformar-se, mas situada para além disso – uma vida que inaugurou uma nova dimensão de ser homem”.<sup>127</sup>

Ratzinger ressalta que “por isso, a ressurreição de Jesus não é um acontecimento singular que possamos menosprezar e que pertença apenas ao passado, mas sim uma espécie de ‘mutação decisiva’ (expressão equívoca, mas usada aqui analogicamente), um salto de qualidade”.<sup>128</sup> Dessa forma, a ressurreição não pode ser vista como um evento isolado ou simplesmente um facto passado, mas como a instauração de uma nova realidade que afeta toda a humanidade.

---

<sup>127</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 199.

<sup>128</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 199.

Ratzinger sublinha que a ressurreição não pode ser reduzida a um símbolo ou um mito, nem interpretada como um mero retorno à vida biológica, mas deve ser compreendida como um evento que transcende a história, inserindo-se na dinâmica da Revelação divina. Ele enfatiza: “Por isso, na nossa pesquisa sobre a figura de Jesus, a ressurreição é o ponto decisivo”.<sup>129</sup> A ressurreição, portanto, não é um facto isolado, mas a culminância do mistério pascal que confirma de modo irrevogável a divindade de Cristo e sua missão redentora.

Na tradição cristã, a ressurreição de Cristo é vista como o acontecimento decisivo que fundamenta a fé e a identidade cristã. Joseph Ratzinger, em sua reflexão teológica, salienta que a Ressurreição não é apenas um evento isolado no passado, mas o centro da história da salvação e a chave para a compreensão da identidade de Jesus. Segundo ele, a Ressurreição manifesta a entrada de Cristo em uma nova forma de existência, inaugurando um novo modo de ser humano e transformando radicalmente a relação entre Deus e o mundo.

São Paulo expressa essa verdade de maneira categórica ao afirmar: «E se Cristo não ressuscitou, é inútil a vossa fé; estais ainda nos vossos pecados» (1 Cor 15,17). A citação de São Paulo neste contexto não é meramente acidental, mas profundamente significativa. Em sua teologia, Paulo apresenta a ressurreição como o eixo central da fé cristã, sem a qual todo o edifício da vida cristã desmoronaria. Ratzinger concorda com essa visão, destacando que a fé cristã não é baseada em uma ideia ou uma ética, mas em um acontecimento real e transformador: a vitória de Cristo sobre a morte.

Esta perspectiva paulina sobre a ressurreição revela três grandes aspetos teológicos fundamentais, que Ratzinger também explora em sua obra:

- i. Confirmação da divindade de Cristo – A Ressurreição é a prova definitiva de que Jesus é verdadeiramente o Filho de Deus. Em sua obra *Introdução ao Cristianismo*, Ratzinger faz notar que a divindade de Cristo não é uma hipótese filosófica, mas uma realidade manifestada pela Ressurreição.<sup>130</sup> Como diz São Paulo: «estabelecido como Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela sua ressurreição dos mortos» (Rm 1,4).

---

<sup>129</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 198.

<sup>130</sup> Ratzinger, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*, 219.

- ii. Coroamento do plano salvífico – Para Ratzinger, a ressurreição representa a vitória definitiva sobre o pecado e a morte, tornando-se o ápice do plano de Deus para a salvação da humanidade. Ele argumenta que, por meio desse evento, Cristo inaugura uma nova criação, na qual a morte deixa de ter a última palavra. Esse é o cumprimento da promessa divina de restaurar a comunhão entre Deus e os homens.
- iii. Base do querigma – Desde os primeiros séculos, o anúncio da ressurreição foi o coração da evangelização e da vida litúrgica da Igreja. Ratzinger reforça que o cristianismo não se fundamenta em um ensinamento moral, mas na proclamação de que Cristo está vivo. Esse querigma, testemunhado pelos apóstolos e transmitido pela Tradição da Igreja, é o fundamento sobre o qual se constrói toda a fé cristã.

Desta forma, a ressurreição, segundo a visão de Joseph Ratzinger e a teologia paulina, não é apenas um evento do passado, mas uma realidade que transforma a existência humana e define a identidade cristã. É na Ressurreição que se encontra a verdadeira esperança, pois nela se revela a plenitude do amor de Deus e a promessa da vida eterna.

A este respeito, Ratzinger afirma:

“A ressurreição é um acontecimento fundamental, quase um axioma prévio (cfr. 1Cor 15,4), com base no qual Paulo pode formular o seu anúncio (querigma) sintético: aquele que foi crucificado, e que assim manifestou o amor imenso de Deus pelo homem, ressuscitou e está vivo entre nós”.<sup>131</sup>

Ratzinger descreve a ressurreição como um “acontecimento fundamental” e “um axioma prévio”, seguindo a lógica do pensamento de São Paulo. Essa visão, reiterada por Ratzinger, destaca que a Ressurreição é o centro da mensagem cristã, sobre a qual se baseiam a pregação, a esperança e a identidade dos cristãos.<sup>132</sup>

No que diz respeito ao querigma, Ratzinger destaca o anúncio sintético do apóstolo Paulo, que vincula Cruz e ressurreição:

---

<sup>131</sup> Bento XVI, *Testamento Espiritual: Permanecei Firmes na Fé* (Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2023), 105.

<sup>132</sup> Cf. Bento XVI, *Testamento Espiritual: Permanecei firmes na fé*, 106.

- *Cruz*: Jesus crucificado é a revelação do amor infinito de Deus pela humanidade, um amor que desce à condição humana e assume o sofrimento e a morte.

- *Ressurreição*: a vitória de Jesus sobre a morte é o selo divino que confirma a sua missão redentora e inaugura uma nova era. Ele não está mais entre os mortos, mas vive, e a sua presença continua a ser experimentada na vida da Igreja.<sup>133</sup>

Além disso, a ressurreição não pode ser dissociada da comunidade de fé. Segundo Ratzinger, o querigma paulino expressa essa realidade de forma clara e poderosa: “Aquele que foi crucificado, e que assim manifestou o amor imenso de Deus pelo homem, ressuscitou e está vivo entre nós”.<sup>134</sup> Esta mensagem sintetiza a essência do Evangelho, ligando o mistério pascal ao plano salvífico de Deus. Para Ratzinger, a experiência pascal dos discípulos foi decisiva para a constituição da Igreja e para a transmissão autêntica da fé. Ele põe em evidência que a ressurreição não se restringe a um evento particular, mas transforma a história da humanidade, tornando-se o fundamento da eclesiologia cristã. Dessa maneira, a Igreja não é uma construção meramente sociológica, mas o testemunho vivo da realidade do Ressuscitado, aquele que permanece presente em sua comunidade.

Assim, a ressurreição de Cristo não pode ser vista como um evento isolado ou meramente retrospectivo, mas como a chave de interpretação da fé cristã e da própria existência humana. Para Ratzinger, ela inaugura uma nova ordem do ser, desvela a plenitude do amor trinitário e fundamenta a escatologia cristã na promessa da vida eterna.<sup>135</sup> Sem a ressurreição, a fé perderia sua consistência ontológica e salvífica, pois é nela que se manifesta a vitória definitiva do amor divino sobre a morte e o pecado.

Em resumo, podemos dizer que a ressurreição é o coração da fé em Cristo. Ela não apenas confessa a identidade de Cristo como Filho de Deus, mas também abre a vida para a esperança. Por meio dela, os fiéis experimentam a certeza de que a morte não é o fim, mas o começo de uma nova vida em comunhão com Deus.

---

<sup>133</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 219.

<sup>134</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 225.

<sup>135</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 219.

## 2. *Ressurreição e identidade de Cristo*

Joseph Ratzinger destaca que a ressurreição é o evento que autentica a identidade de Jesus como Filho de Deus. Na obra *Jesus de Nazaré, da Entrada em Jerusalém à Ressurreição*, ele considera “a Ressurreição como uma intervenção direta de Deus”,<sup>136</sup> confirmando que a vida, a morte e as palavras de Jesus são a expressão plena do amor divino.

A teologia de Joseph Ratzinger sobre a Ressurreição de Cristo é profundamente cristológica e eclesial, pondo em evidência que este evento não é apenas um acontecimento do passado, mas uma realidade viva que transforma a compreensão da identidade de Jesus. A Ressurreição, segundo Ratzinger, é um “aparecimento misterioso”, que não segue as leis normais da existência terrena, mas inaugura um novo modo de ser. Ratzinger afirma que “Ele [Jesus] não é identificável com os olhos de uma vida terrena; só é reconhecível no âmbito da fé”, destacando que a experiência do Ressuscitado não se dá por uma constatação meramente empírica, mas por meio da fé iluminada pela graça.

No relato dos discípulos de Emaús, Ratzinger observa que Cristo se faz presente e reconhecido através da Palavra e da Eucaristia: “quando interpreta as Escrituras para os caminantes, faz-lhes arder o coração, e quando o pão é repartido abre-lhes finalmente os olhos”. Aqui, ele evidencia a continuidade entre a história terrena de Jesus e a sua presença ressuscitada, manifestando-se na Palavra e no sacramento. A Igreja, portanto, é o lugar onde o Ressuscitado continua acessível, conforme Ratzinger afirma: “encontramos o Ressuscitado na Palavra e no sacramento; o culto divino é o lugar onde Ele Se torna tocável e Se dá a conhecer como o Senhor vivo”.<sup>137</sup>

Outro aspecto essencial na teologia de Ratzinger é a compreensão de que a Ressurreição de Cristo não é um simples retorno à vida biológica, mas um evento ontológico, que inaugura uma nova forma de existência. Ele afirma que “o Senhor vivo” não é um morto que foi lembrado, mas aquele que está verdadeiramente presente e ativo na história. Dessa forma, a identidade de Cristo Ressuscitado expressa-se em sua presença

---

<sup>136</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 197.

<sup>137</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 224.

constante: “Ele continua a caminhar connosco, continua a encontrar-nos desorientados e sem coragem, mas continua também a ter o poder de fazer com que vejamos”.<sup>138</sup>

Ratzinger também salienta a tensão entre conhecimento e reconhecimento na experiência pascal. Isto é, a identidade do Ressuscitado não se encaixa nas categorias humanas normais. Da mesma forma, ao afirmar que “eles reconhecem o Senhor, ao mesmo tempo não O reconhecem; tocam n'O, mas Ele continua a ser o intocável; Ele continua a ser o mesmo e, mesmo assim, é totalmente diferente”,<sup>139</sup> destaca-se a transformação radical operada pela ressurreição, que torna Cristo acessível e, ao mesmo tempo, transcendente.

A ressurreição, segundo Ratzinger, é a suprema confirmação de que Jesus é verdadeiramente o Filho de Deus. Ele apresenta três pontos centrais que expressam essa realidade:

1. A ressurreição não é um simples evento biológico, mas ontológico, inaugurando uma nova forma de vida.
2. Ela é a manifestação da vitória definitiva do amor de Deus, pois Jesus vence a morte não pela força, mas pela entrega total de si mesmo.
3. O Ressuscitado transcende tempo e espaço, revelando sua verdadeira natureza divina.

Desta maneira, para Ratzinger, a ressurreição não é um milagre isolado, mas o centro da fé cristã, pois confirma que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, aquele que venceu a morte e inaugurou uma nova criação.

Como expressa Ratzinger:

“Aquele que estava no túmulo já não está lá, vive, e é realmente Ele, que passara para o outro mundo de Deus, revelou-se suficientemente poderoso para lhes mostrar, de forma palpável, que era Ele mesmo quem se encontrava na frente deles, que n'Ele o poder do amor se revelara realmente mais forte do que o poder da morte”.<sup>140</sup>

Além disso, Ratzinger enfatiza que a ressurreição de Cristo não representa apenas um evento individual, mas é um salto ontológico que inaugura uma nova dimensão da

---

<sup>138</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 224.

<sup>139</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 223-224.

<sup>140</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 225.

existência, que abrange toda a humanidade. Ele escreve: “Essencial é o dado de que, com a ressurreição de Jesus, não foi revitalizado um indivíduo qualquer, morto num determinado momento, mas verificou-se um salto ontológico que toca o ser enquanto tal, foi inaugurada uma dimensão que nos interessa a todos e que criou, para todos nós, um novo âmbito da vida: o estar com Deus”.<sup>141</sup> Dessa forma, a ressurreição não é apenas um acontecimento histórico, mas a instauração de um novo estado de existência que transforma a relação entre Deus e a humanidade.

Em conclusão, o pensamento de Ratzinger sobre a ressurreição e a identidade de Cristo reflete uma visão profundamente teológica e espiritual. Ele reafirma que Cristo Ressuscitado é acessível na Palavra, na Eucaristia e na comunidade de fé. A ressurreição é a plena revelação da identidade de Jesus como o Senhor vivo, que permanece presente e ativo na história da Igreja e do mundo.

### **3. A fé como resposta ao Ressuscitado**

A fé, etimologicamente derivada do latim *fides*, significa adesão completa e absoluta a algo considerado verdadeiro. No pensamento de Joseph Ratzinger, a fé cristã representa a resposta do ser humano ao Deus que se revela historicamente, tendo o seu centro na confissão de Jesus como o Cristo. Essa confissão não é apenas um ato intelectual, mas uma adesão existencial e relacional ao Cristo vivo, que transforma a vida do crente.

Ratzinger faz notar que a fé cristã é inseparável do evento da ressurreição. Em sua obra *Introdução ao Cristianismo*, ele descreve a fé como um ato de entrega confiante ao mistério de Deus revelado na Páscoa de Cristo. Para Ratzinger, a ressurreição é o eixo central da fé cristã: “Acredito naquele que por mim sofreu e por mim ressuscitou”. Esta afirmação demonstra que crer em Cristo Ressuscitado é o cerne da resposta cristã.

A fé cristã estrutura-se sobre o mistério central da encarnação e ressurreição de Cristo, no qual a razão última do ser se revela na história. Segundo Ratzinger, a profissão de fé não se limita a um assentimento intelectual, mas é a resposta ao evento singular da

---

<sup>141</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 223.

manifestação de Deus em Jesus de Nazaré. O escândalo do Credo reside precisamente na afirmação de que “o homem Jesus, um indivíduo que foi executado por volta do ano 30 na Palestina, é o Cristo (o ungido, o escolhido) de Deus, e, mais do que isso, o próprio Filho de Deus, o centro e o momento decisivo de toda a história humana”.<sup>142</sup>

Esta afirmação, longe de ser um dado histórico relegado ao passado, impõe-se como eixo da história e da existência. A fé no Ressuscitado não é uma simples veneração de um mestre do passado, mas o reconhecimento de que aquele que foi crucificado está vivo e governa a história. Tal proclamação, conforme Ratzinger, desafia a lógica humana, pois “parece simultaneamente pretensioso e insensato declarar que uma figura isolada, que com o distanciamento crescente deveria desaparecer cada vez mais nas névoas do passado, é o centro decisivo de toda a história”.<sup>143</sup> No entanto, a fé cristã fundamenta-se na convicção de que o Logos eterno não permaneceu no âmbito da pura ideia, mas “a razão que sustenta todo o ser fez-Se carne, isto é, entrou na história e individualizou-Se nela”.<sup>144</sup>

A ressurreição de Cristo, portanto, não representa apenas a superação da morte, mas a consumação da história em um evento que transforma toda a concepção da existência. O Verbo de Deus, que é princípio e fim de todas as coisas, não permanece à margem do tempo, mas insere-se nele e redime-o. Neste sentido, Ratzinger sublinha que “aquele que cinge a história e a carrega nas suas mãos passou a ser um ponto dentro dela”,<sup>145</sup> indicando que a eternidade se fez imanente sem perder sua transcendência.

Desse modo, a fé cristã desloca a compreensão da razão suprema do ser. A partir da ressurreição, “a razão suprema de todo o ser já não se encontrará, a partir desse momento, na visão do espírito que se eleva sobre o individual e o limitado para alcançar o geral”,<sup>146</sup> mas na Pessoa do Ressuscitado. Ele é o ponto de convergência entre Deus e o mundo, entre o tempo e a eternidade, entre o finito e o infinito.

A resposta da fé no Ressuscitado, então, não se dá apenas com uma adesão teórica, mas como um encontro transformador que insere o crente na dinâmica do evento pascal.

---

<sup>142</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 143.

<sup>143</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 143.

<sup>144</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 143.

<sup>145</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 143.

<sup>146</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 143-144.

Crer no Ressuscitado significa reconhecer que Deus entrou na história, assumiu-a e transfigurou-a, tornando-se o seu centro definitivo e o fundamento da esperança cristã.

Outro ponto relevante no pensamento de Ratzinger é o papel da cruz como expressão visível da fé. Ele afirma que “o sinal da cruz é um testemunho da Fé”, pois remete à Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. Nesse sentido, a cruz não é apenas um símbolo de sofrimento, mas também um sinal da esperança e da vitória sobre a morte. Como diz Ratzinger, “a cruz é simultaneamente sinal de paixão e de ressurreição”.<sup>147</sup>

A cruz, para Ratzinger, é um testemunho de amor e esperança. Ele ressalta que “ela [a cruz] é praticamente a ponte através da qual podemos atravessar o abismo da morte e todas as ameaças do mal – a ponte que nos leva a Ele”.<sup>148</sup> A cruz, portanto, não é um fim em si mesma, mas um caminho que conduz ao encontro com o Ressuscitado.

A experiência da fé não é meramente subjetiva, mas um chamamento ao relacionamento real com Cristo vivo. Ratzinger escreve: “Nós podemos invocá-l’O, e Ele chama-nos”.<sup>149</sup> Esta reciprocidade mostra que a fé é uma resposta ativa à iniciativa divina. O ato de crer implica entrar em comunhão com Deus, mediado pelo Espírito Santo, que conduz a Cristo, o qual, por sua vez, nos abre o caminho ao Pai: “O Espírito Santo conduz-nos a Cristo, e Cristo abre a porta que conduz ao Pai”.<sup>150</sup>

Por fim, a fé cristã, conforme o pensamento de Ratzinger, sintetiza-se no reconhecimento do Cristo ressuscitado como centro da história da salvação. O Tau, mencionado por ele, simboliza essa realidade: “O Tau<sup>151</sup>, com a sua forma de cruz, resume num único sinal todo o testemunho da Fé”.<sup>152</sup> A cruz e a Ressurreição não são apenas eventos do passado, mas realidades que moldam a existência cristã, chamando os fiéis a uma resposta de adesão profunda ao mistério pascal.

---

<sup>147</sup> Joseph Ratzinger, *Introdução ao Espírito da Liturgia*, (Prior Velho, Paulinas, 2006), 131.

<sup>148</sup> Ratzinger, *Introdução ao Espírito da Liturgia*, 132.

<sup>149</sup> Ratzinger, *Introdução ao Espírito da Liturgia*, 132.

<sup>150</sup> Ratzinger, *Introdução ao Espírito da Liturgia*, 132.

<sup>151</sup> Na teologia cristã, especialmente na tradição franciscana e na espiritualidade católica: O Tau como Cruz; Ele representa a cruz na qual Cristo foi crucificado, sendo identificado com o formato da cruz descrito no Antigo Testamento (Ez 9,4); Uso por São Francisco de Assis: Francisco adotou o Tau como um sinal de humildade e conversão, assinando cartas com ele; Símbolo de Proteção e Salvação: Na Bíblia, aparece em Ezequiel (9,4-6), onde Deus manda marcar com um Tau aqueles que serão poupados da destruição. (cf. *O Tau franciscano - Carisma*, Franciscanos Carisma, Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil - OFM, <https://www.franciscanos.org.br> (acessado em 26 de março de 2025)).

<sup>152</sup> Ratzinger, *Introdução ao Espírito da Liturgia*, 133.

Dessa maneira, a fé, segundo Ratzinger, é muito mais do que uma crença intelectual; é uma adesão pessoal ao Cristo ressuscitado, que transforma a vida do crente e o conduz a um relacionamento vivo com Deus. Assim, crer no Ressuscitado é assumir um compromisso existencial e responder ao chamamento divino com amor e esperança.

Em suma, a ressurreição de Cristo, conforme refletida por Joseph Ratzinger, constitui o eixo central da fé cristã, não apenas como um evento histórico singular, mas como a inauguração de uma nova realidade ontológica e escatológica. Ela confirma de modo definitivo a identidade de Jesus como o Filho de Deus, a consumação do plano salvífico e o fundamento do querigma apostólico. Mais do que a mera vitória sobre a morte biológica, a ressurreição manifesta a irrupção da vida divina na história, inaugurando um novo modo de ser que transcende as limitações do tempo e do espaço. Desse modo, a fé cristã não se baseia em um ideal abstrato ou em um ensinamento moral isolado, mas na adesão pessoal e existencial ao Cristo vivo, cuja presença continua a ser experimentada na Palavra, na Eucaristia e na comunhão da Igreja. Sem a ressurreição, a fé perderia sua base ontológica e sua eficácia salvífica, pois é nela que se revela a plenitude do amor de Deus e a promessa irrevogável da vida eterna.

#### **4. *Porta da Nova Criação***

A teologia de Joseph Ratzinger é profundamente marcada pela centralidade da Ressurreição de Cristo como o evento que inaugura uma nova criação. Para ele, a Ressurreição não é apenas a superação da morte de um indivíduo, mas a irrupção de uma nova ordem do ser, na qual Deus renova radicalmente a existência humana e cósmica. Esta perspectiva une três dimensões fundamentais: cristológica, escatológica e antropológica, articulando a Ressurreição como o centro do mistério da fé.

A cristologia de Ratzinger salienta a ressurreição como o cumprimento do mistério de Cristo. Em *Jesus de Nazaré*, ele afirma que “a ressurreição de Jesus não é um acontecimento singular que possamos menosprezar e que pertença apenas ao passado, mas sim uma espécie de «mutação decisiva» (expressão equívoca, mas usada aqui analogicamente), um salto de qualidade”.<sup>153</sup> A Páscoa revela a identidade plena de Cristo

---

<sup>153</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 199.

como Filho de Deus e Senhor da história, pois, ao ressuscitar, Ele não retorna simplesmente à vida terrena, mas inaugura uma nova forma de existência.

Ratzinger insiste em que a ressurreição de Cristo não é um facto isolado, mas um acontecimento que redefine toda a criação. Ele é o “novo Adão” (1 Cor 15,45), o princípio de uma humanidade recriada. O corpo glorioso de Cristo transcende as leis da matéria e do tempo, apontando para uma realidade que se estende a todos os que n’Ele creem. Nesse sentido, a cristologia de Ratzinger é profundamente pascal: Cristo não é apenas o Crucificado, mas o Ressuscitado, e é n’Ele que o destino da criação se cumpre.

A ressurreição, para Ratzinger, é o ponto de interseção entre a história e a escatologia. Ele argumenta que a nova criação inaugurada pela Páscoa de Cristo não é um evento apenas futuro, mas algo que já começou na história. Em *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*: “A ressurreição de Jesus é a irrupção escatológica no meio do tempo, o início de um futuro já presente na fé e nos sacramentos”.<sup>154</sup>

Esse pensamento baseia-se na tradição paulina, especialmente em 1 Cor 15, onde a Ressurreição de Cristo é chamada de “primícias” da nova humanidade. A escatologia cristã, para Ratzinger, não consiste em um mero evento final, mas em um processo já em andamento. A Igreja, como Corpo de Cristo, é o lugar onde essa nova criação se manifesta sacramentalmente, antecipando a plenitude da comunhão com Deus.

A transfiguração do cosmos também está no horizonte escatológico da Ressurreição. O mundo atual, marcado pela corrupção e pela morte, não será simplesmente destruído, mas transformado. A fé na Ressurreição leva à esperança na «nova criação» (Ap 21,1), na qual Deus será «tudo em todos» (1 Cor 15,28). Assim, a Ressurreição é tanto uma promessa quanto uma realidade já iniciada na história.

Se Cristo é o novo princípio e a ressurreição é o início do tempo escatológico, então a antropologia cristã precisa de ser reformulada à luz desse evento. Ratzinger salienta que o cristão, pelo Batismo, já participa dessa Nova Criação. Ele escreve que “ser cristão significa ser inserido na forma de existência de Cristo ressuscitado”.<sup>155</sup>

Esta inserção ocorre especialmente na Eucaristia, que é o sacramento do corpo glorificado de Cristo e, portanto, uma antecipação do mundo futuro. A vida cristã não é

---

<sup>154</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 244.

<sup>155</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 97.

apenas uma espera passiva pela consumação escatológica, mas uma conformação ativa ao Ressuscitado. Assim, a ressurreição não apenas ilumina o destino último do ser humano, mas transforma radicalmente a existência presente.

A ressurreição, na teologia de Ratzinger, é a chave para compreender não apenas a identidade de Cristo, mas o destino da humanidade e da criação. Ela inaugura uma nova ordem do ser, na qual a comunhão plena com Deus se torna realidade. Como evento escatológico, a ressurreição já começou a transfigurar o mundo, e essa nova criação manifesta-se na vida da Igreja e na santidade dos fiéis.

Portanto, a Páscoa de Cristo não é apenas um evento do passado, mas a “porta da nova criação”, que nos convida a viver desde já na realidade do Reino de Deus. A esperança cristã não se baseia em um futuro incerto, mas na certeza de que Aquele que ressuscitou é o mesmo que conduz a história à sua plenitude.

## 5. *Corporeidade glorificada*

A corporeidade glorificada no pensamento de Joseph Ratzinger insere-se na fé cristã sobre a ressurreição dos mortos, particularmente na tradição da Igreja e na reflexão teológica sobre a continuidade e a transformação do corpo humano na vida eterna. Ratzinger salienta que a ressurreição não deve ser compreendida simplesmente como a reanimação do cadáver, mas como uma nova forma de existência em que a identidade pessoal é preservada por meio da unidade entre alma e corpo.

Ratzinger distingue entre a corporeidade terrena e a corporalidade glorificada, utilizando a terminologia de Hans-Eduard Hengstenberg. Ele afirma que “digna de consideração é a distinção de Hans-Eduard Hengstenberg entre ‘corporeidade’ (*Körperlichkeit*), que passa, e ‘corporalidade’ (*Leiblichkeit*), que ressurge, um conceito bastante semelhante ao (εἶδος τὸ χαρακτηρίζον τὸ σῶμα, εἶδος τὸ σωματικόν «Forma que caracteriza o corpo, forma corpórea») de Orígenes”.<sup>156</sup> Esta distinção sugere que o corpo terreno perece, mas o corpo ressuscitado mantém a identidade da pessoa de forma transformada.

---

<sup>156</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 266.

A ressurreição não se reduz a uma mera recomposição dos elementos físicos do corpo. Para Ratzinger,

“após a morte, o corpo não permanece simplesmente de certa forma como uma casca abandonada da alma; mas em uma nova formação, a partir da matéria-prima, surge algo novo. A partir desse ponto, toda a identidade entre corpos só poderia ser identidade em virtude de ter sido tirada da matéria-prima, que é única”.<sup>157</sup>

Segundo Ratzinger, “Embora o corpo restante (= cadáver) do corpo anteriormente animado mantenha uma relação especial com o último, não é simplesmente idêntico a ele”.<sup>158</sup> Ou seja, há uma continuidade, mas não uma identidade material absoluta entre o corpo terrestre e o corpo ressuscitado.

Ele acrescenta que, “desta forma, é ‘apropriado’, mas não ‘necessário’, que a ressurreição se conecte a ele (Hugueny)”,<sup>159</sup> indicando que a ressurreição pode, mas não precisa de depender fisicamente do corpo anterior. No entanto, em consonância com a tradição da Igreja, Ratzinger ressalta que “a ressurreição não negligencia as ‘reliquias’ do antigo corpo terrestre, na medida em que elas ainda existem claramente como tais”.<sup>160</sup>

Ratzinger, ao desenvolver o pensamento sobre a corporeidade glorificada, faz menção da concepção grega de homem:

“A concepção grega parte do princípio de que o ser humano é formado por duas substâncias originalmente estranhas entre si, sendo uma (o corpo) perecível e a outra (a alma) imperecível, de modo que esta última continua a existir independentemente de qualquer outro ser. Na realidade, só a separação do corpo, que lhe é estranho, abriria à alma a possibilidade de ser realmente ela mesma. Os raciocínios bíblicos, pelo contrário, pressupõem a unidade indivisa do ser humano, tanto assim que a Bíblia nem tem palavra para designar apenas o corpo (separado e distinto da alma); por outro lado, o termo ‘alma’ refere-se, na grande maioria dos casos, ao ser humano inteiro, tal como ele existe com a sua corporeidade”.<sup>161</sup>

Ratzinger explica:

“A ressurreição dos mortos (não dos corpos!) de que fala a Bíblia refere-se, portanto, à salvação do ser humano uno e indiviso, e não apenas ao destino de uma metade do homem (eventualmente até secundária). Fica claro, portanto, que o ponto central da fé na

---

<sup>157</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 266.

<sup>158</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 266.

<sup>159</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 266.

<sup>160</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 266.

<sup>161</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 255.

ressurreição não consiste na ideia da devolução do corpo, à qual ela ficou reduzida, praticamente, no nosso pensamento”.<sup>162</sup>

A teologia cristã, com base em 1 Coríntios 15 e no Apocalipse, atribui diversas qualidades ao corpo ressuscitado. Ratzinger menciona que, “como propriedades dos corpos ressuscitados, a teologia menciona espiritualidade (1 Cor 15,44), a imortalidade (15,53ss), a incorruptibilidade (15,42.53), a impassibilidade (Ap 7,16ss; 21,4), a subtileza (Mt 28,2ss; Jo 20,19 e Fp 3,21), a agilidade e a clareza (1Cor 15,43)”.<sup>163</sup>

Entretanto, os corpos dos condenados não compartilham todas essas qualidades. Ratzinger afirma que “dessas qualidades, os corpos dos condenados possuem apenas a imortalidade e a incorruptibilidade; enquanto eles certamente carecem de impassibilidade”.<sup>164</sup> Esta distinção escatológica reforça a diferença fundamental entre a ressurreição para a glória e a ressurreição para a condenação.

Apesar da transformação radical, o corpo ressuscitado continua sendo um verdadeiro corpo humano. Ratzinger destaca que, “apesar da transformação fundamental que sofre, o corpo ressuscitado continua sendo um verdadeiro corpo humano, e a diferença entre os sexos também é mantida”.<sup>165</sup> No entanto, ele adverte que “investigações mais detalhadas sobre o seu modo de existência devem ser rejeitadas como inúteis”,<sup>166</sup> pois a natureza exata da vida ressuscitada transcende a compreensão humana.

A reflexão de Ratzinger sobre a corporeidade glorificada equilibra a tensão entre continuidade e transformação na ressurreição. O corpo terreno dissolve-se, mas a sua identidade é preservada e elevada a uma nova realidade. Como ele mesmo enfatiza, “fundamentalmente, no fluxo geral do devir, a unidade da alma que molda o corpo é suficiente e também garante em extensão suficiente a unidade corporal”.<sup>167</sup>

A reflexão de Joseph Ratzinger sobre a corporeidade glorificada propõe uma síntese entre a continuidade e a transformação do ser humano na ressurreição. Ao rejeitar tanto uma visão meramente materialista quanto uma abordagem puramente espiritualista, ele sublinha a unidade indivisível do ser humano e a redenção integral que ocorre na ressurreição dos mortos. Inspirando-se na teologia paulina e joanina, Ratzinger demonstra

---

<sup>162</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 255.

<sup>163</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 266.

<sup>164</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 266.

<sup>165</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 266.

<sup>166</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 266.

<sup>167</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 266.

que a corporeidade não é abolida, mas transfigurada, alcançando a sua plenitude em comunhão com Deus.

Dessa forma, a corporeidade glorificada não representa um retorno ao estado biológico anterior, mas sim uma nova forma de existência no Espírito. O corpo, ao ser elevado à incorruptibilidade, mantém sua identidade pessoal, mas livre das limitações da condição terrena. Tal compreensão reafirma a dignidade do corpo humano e sua vocação última para a eternidade, oferecendo uma perspectiva profundamente cristológica e escatológica da esperança cristã.

## 6. *Esperança Glorificada*

A Ressurreição também é o fundamento da esperança cristã. Em *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna: Morte e Vida Eterna*, Ratzinger reflete sobre como a Ressurreição aponta para o cumprimento último da história humana e da criação,<sup>168</sup> quando Deus será “tudo em todos” (1 Cor 15,28). Essa esperança glorificada sustenta a confiança dos crentes na promessa de vida eterna. O autor afirma:

“A esperança na ressurreição dos mortos começou por ser a forma básica da esperança bíblica na imortalidade; no Novo Testamento, ela não se manifesta propriamente como uma ideia complementar a uma ideia de imortalidade que a precedesse e fosse independente dela. Antes tratava-se de um enunciado do ser humano”.<sup>169</sup>

Ratzinger aponta que a esperança na ressurreição dos mortos constitui o núcleo da esperança bíblica na imortalidade. Isso significa que, diferentemente de outras tradições religiosas ou filosóficas que entendem a imortalidade como a sobrevivência da alma separada do corpo, o Antigo e o Novo Testamento dão ênfase a uma visão integrativa do ser humano, onde corpo e alma serão restaurados em uma nova criação. Essa visão é teologicamente fundamentada em:

O Deus da Aliança – A esperança na ressurreição baseia-se na fidelidade de Deus, que é Senhor da vida e da morte, prometendo restaurar a criação e vencer o pecado e a morte (cf. Is 26,19; Ez 37). No Antigo Testamento, a fé na ressurreição dos mortos surge

---

<sup>168</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 171.

<sup>169</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 254-255.

em época tardia e é afirmada com clareza apenas no período dos Macabeus (cf. Dn 12,2; 2Mc 7,9.14.23). Durante séculos, Israel viveu uma espiritualidade da Aliança centrada na fidelidade de Deus no presente, sem uma concepção explícita da vida após a morte. No entanto, a esperança na ressurreição está implícita na promessa divina de restaurar a criação e de vencer o pecado e a morte (cf. Is 26,19; Ez 37).<sup>170</sup>

Ratzinger destaca que essa espiritualidade da Aliança demonstrava, inicialmente, uma fé enraizada na confiança em Deus, sem necessidade de uma retribuição futura. A crença na ressurreição emerge como resposta ao problema do sofrimento dos justos, especialmente no contexto da perseguição macabeia. A visão de Ezequiel sobre os ossos secos (cf. Ez 37) simboliza essa esperança escatológica de restauração, que se desenvolve até encontrar a sua plenitude na ressurreição de Cristo.<sup>171</sup>

Assim, a revelação bíblica manifesta um progresso na forma de compreender a vida após a morte, culminando na fé cristã, onde a ressurreição não é apenas uma ação de Deus sobre os mortos, mas a realização definitiva da comunhão eterna com Ele, em Cristo.

- Cristo Ressuscitado – No Novo Testamento, a ressurreição de Jesus torna-se o fundamento dessa esperança, pois Ele é «as primícias dos que morreram» (1 Co 15,20), garantindo que a promessa da ressurreição se estende a todos os que n’Ele creem.

A ressurreição, assim, não é apenas uma ideia sobre o futuro, mas uma afirmação sobre a própria essência do ser humano, chamado à comunhão plena com Deus em corpo e alma.

Ratzinger destaca que a ressurreição não é uma adição posterior à ideia de imortalidade, mas a expressão mais completa da visão cristã do ser humano. Isso significa:

- Unidade do Ser Humano – Ratzinger afirma: “A tradição bíblica rejeita a dicotomia radical entre corpo e alma. A ressurreição expressa que o ser humano é

---

<sup>170</sup> *Nuovo Dizionario di Teologia*, ed. Giuseppe Barbaglio e Severino Dianich (Roma: Edizioni Paoline, 1979), 1320-1321.

<sup>171</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 90-95.

essencialmente uma unidade integrada e que a salvação não diz respeito apenas à alma, mas ao ser humano inteiro”.<sup>172</sup>

- Plenitude do Ser – A ressurreição é a realização escatológica da vocação humana: viver em comunhão com Deus numa criação glorificada, onde a matéria é plenamente transfigurada pela glória divina (Rm 8, 18-23).

Neste sentido, o conceito de ressurreição afirma a dignidade da existência corporal e material, projetando-a para a plenitude na comunhão eterna com Deus. A Esperança Glorificada refere-se à consumação final da história da salvação, onde Deus será “tudo em todos” (1 Cor 15,28).<sup>173</sup> Essa esperança glorificada está intrinsecamente ligada à ressurreição, como:

- Transformação e Glória – Em 1 Cor 15,42-44, Paulo descreve a ressurreição como uma transformação do corpo mortal num corpo glorioso. Esse “corpo espiritual” não é a negação da corporeidade, mas a sua transfiguração plena.
- Participação na Vida Divina – A ressurreição final insere o ser humano na vida trinitária de Deus, em uma comunhão gloriosa e sem fim. A esperança glorificada é, portanto, o cumprimento da promessa de Deus de fazer «novas todas as coisas» (Ap 21,5).
- Nova Criação – A ressurreição não é apenas individual, mas cósmica. Toda a criação é incluída na promessa de glorificação, reafirmando a visão bíblica de que Deus redime não apenas os indivíduos, mas todo o universo.

A reflexão de Ratzinger sobre a ressurreição sublinha que esta não é apenas um evento futuro, mas uma realidade que redefine a identidade e o destino humano à luz da promessa de Deus. A esperança na ressurreição dos mortos é o fundamento da esperança cristã porque aponta para a plenitude da vida em comunhão com Deus, superando a morte e inaugurando a glória eterna. A articulação teológica com a esperança glorificada reforça que essa ressurreição é o ápice da história da salvação, onde o ser humano e toda a criação participarão plenamente da vida divina.

---

<sup>172</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 255-256.

<sup>173</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 172.

Segundo Ratzinger,

“Não temos possibilidade de imaginar o novo mundo, nem temos qualquer tipo de afirmações concretas que nos ajudem a imaginar de alguma forma como o homem se relacionará com a matéria no novo mundo e como será o “corpo ressuscitado”. Mas temos a certeza de que a dinâmica do cosmos conduz a um objetivo, a uma situação em que a matéria e o espírito se entrelaçarão mutuamente de uma forma nova e definitiva. Esta certeza é ainda hoje, e precisamente hoje, o conteúdo concreto da crença na ressurreição da carne”.<sup>174</sup>

Para Ratzinger, a ressurreição da carne não é um simples retorno à vida biológica tal como a conhecemos, mas a plenitude da união entre matéria e espírito numa nova realidade transfigurada.<sup>175</sup> Esta perspectiva teológica reforça a esperança cristã na consumação final, onde a criação alcançará a sua plena realização em Deus. Assim, ainda que os detalhes desta nova existência permaneçam um mistério, a fé aponta para um horizonte escatológico em que tudo será renovado e glorificado na comunhão definitiva com o Criador.

Em suma, a reflexão de Joseph Ratzinger sobre a corporeidade glorificada revela uma síntese entre continuidade e transformação na ressurreição dos mortos. Rejeitando tanto um dualismo radical entre corpo e alma quanto uma visão puramente materialista, ele enfatiza a unidade integral do ser humano e sua plena redenção em Deus. A ressurreição não representa um simples retorno à existência terrena, mas uma elevação da corporeidade à sua forma definitiva, transfigurada pela glória divina. Nesse sentido, o corpo ressuscitado mantém a identidade pessoal, livre das limitações da condição presente, e torna-se plenamente permeável à vida do Espírito. Essa perspectiva reafirma a dignidade do corpo humano e sua vocação última para a eternidade, onde matéria e espírito alcançarão sua harmonia perfeita na comunhão com Deus, conforme a promessa da salvação consumada.

## **7. Implicações para a vida cristã**

Joseph Ratzinger, nas obras *Introdução ao Cristianismo* e *Jesus de Nazaré: Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, abordou a Ressurreição de Cristo como o

---

<sup>174</sup> Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 172.

<sup>175</sup> Cf. Ratzinger, *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna*, 172.

núcleo da fé cristã. Desta posição do autor, procurei, de seguida, acentuar as profundas implicações teológicas e práticas para a vida cristã. Segundo Ratzinger, “a Ressurreição não é apenas um acontecimento, mas também um mistério que transforma a existência humana”.<sup>176</sup>

### 7.1. *Vida como testemunho*

Para Ratzinger, a ressurreição é a validação da identidade divina de Cristo e a verdade central da fé. Sem a ressurreição, o cristianismo perde o seu significado. O teólogo alemão reafirma que Jesus é o Filho de Deus e que a sua mensagem é verdadeira.

Ratzinger faz o seguinte apelo:

“Se ouvirmos as testemunhas com coração atento e nos abirmos aos sinais com que o Senhor não cessa de autenticar as suas testemunhas e de Se atestar a Si mesmo, então saberemos que Ele verdadeiramente ressuscitou; a Ele nos entregamos e sabemos que assim caminhamos pela estrada justa. Com Tomé, metamos a nossa mão no lado trespassado de Jesus e professemos: «Meu Senhor e meu Deus!» (Jo 20,28)”.<sup>177</sup>

Este parágrafo desafia o leitor de Ratzinger a viver uma fé que vá além da mera dúvida, ancorada numa relação pessoal com Cristo Ressuscitado, confiando na sua presença viva e atuante.

Ratzinger, como teólogo e pastor, apela para o cultivo de uma fé viva, que una razão, coração e ação. A ressurreição é apresentada não apenas como um dogma, mas como uma realidade transformadora que interpela e conduz à comunhão com Deus em Cristo. É uma teologia que apela à experiência pessoal e à vivência prática do Evangelho, alicerçada na certeza da vitória de Cristo sobre a morte.

A ressurreição, portanto, não é apenas uma superação da morte, mas a entrada de Cristo numa nova dimensão de existência, que ilumina e transforma toda a história humana, chamando os cristãos a viverem como sinais da nova criação.

Ratzinger sublinha que a ressurreição confere a Pedro uma missão específica, que se estende a toda a Igreja: “Se ser cristão significa essencialmente ter fé no Ressuscitado, então a função particular do testemunho de Pedro é uma confirmação da tarefa que lhe foi confiada de ser a rocha sobre a qual é construída a Igreja”.<sup>178</sup> A fé na ressurreição,

---

<sup>176</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 222.

<sup>177</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 224.

<sup>178</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 221.

portanto, não é apenas um assentimento intelectual, mas uma realidade que estrutura a missão e a identidade da Igreja.

A ressurreição não é meramente um facto do passado, mas um acontecimento que se manifesta continuamente na vida da Igreja. Ratzinger argumenta que “as profissões de fé pressupõem as narrações e desenvolvem-se a partir delas; concentram o núcleo daquilo que é apresentado”.<sup>179</sup> Assim, o testemunho cristão não se fundamenta apenas em afirmações dogmáticas, mas na vivência concreta da fé que nasce do encontro com Cristo ressuscitado.

A narrativa da ressurreição apresenta um paradoxo: Cristo é o mesmo, mas totalmente diferente. Os discípulos de Emaús não O reconhecem até que Ele se revele na partilha do pão, demonstrando que o Ressuscitado transcende a realidade histórica, mas continua presente na vida dos crentes. Ratzinger descreve essa realidade afirmando que “o encontro com o Ressuscitado se dá num nível totalmente novo; ele tenta descrever o indescritível valendo-se do simbolismo da liturgia”.<sup>180</sup> Assim, a ressurreição inaugura uma nova forma de presença divina, que transforma os fiéis e os torna testemunhas vivas da fé.

O testemunho do Novo Testamento não apresenta a ressurreição como um simples retorno à vida biológica, mas como a entrada numa nova dimensão de existência. “Cristo, ao contrário do jovem de Naim ou de Lázaro, não voltou, depois da ressurreição, à vida terrena que levava antes. Ele ressuscitou para a vida definitiva”.<sup>181</sup> Esta nova vida implica uma transformação total, onde o crente já não vive para si mesmo, mas em Cristo.

Dessa forma, a vida cristã torna-se um testemunho visível da ressurreição. A missão dos discípulos não se reduz a lembrar os ensinamentos de Jesus, mas a viver na realidade transformadora do Ressuscitado, anunciando com a própria vida que Cristo vive. Assim, a ressurreição não é apenas um evento passado, mas uma realidade presente que conforma a identidade e a missão da Igreja em cada época da história.

O pensamento de Ratzinger sobre a ressurreição enfatiza que a fé cristã não se fundamenta em uma mera lembrança do passado, mas em um encontro real e transformador com Cristo ressuscitado. Este encontro dá origem a uma nova forma de

---

<sup>179</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição* 222.

<sup>180</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 224.

<sup>181</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 223.

vida, onde cada cristão se torna testemunha da ressurreição através de sua própria existência. Assim, a ressurreição não é apenas um artigo de fé, mas a fonte de toda a vida cristã, conferindo-lhe sentido.

## 7.2. *Missão e evangelização*

Missão e evangelização são o coração da Igreja, uma resposta ao amor de Deus e uma proclamação da verdade de Cristo. Trata-se de levar a Boa Nova a todos os povos, não apenas por palavras, mas pelo testemunho de uma vida transformada pelo encontro com o Evangelho.

A ressurreição de Cristo é o evento central da fé cristã e o fundamento sobre o qual se sustenta toda a missão evangelizadora da Igreja. Ratzinger, ao afirmar que “sempre de novo começamos o nosso tempo com a Ressurreição, o encontro com o Ressuscitado, e, do encontro com o Ressuscitado, saímos para o mundo”,<sup>182</sup> destaca que a evangelização não é apenas um ato de transmissão de uma doutrina, mas a resposta viva e concreta a um encontro transformador.

A missão cristã nasce, portanto, da experiência do Cristo ressuscitado. Os discípulos, antes temerosos e desorientados, tornam-se testemunhas ousadas após encontrarem o Senhor vivo. O mesmo ocorre ao longo da história da Igreja: a evangelização autêntica surge de um encontro pessoal e comunitário com Cristo, que impulsiona os fiéis a saírem de si mesmos para anunciar a Boa Nova ao mundo.

No pensamento de Ratzinger, essa realidade expressa-se liturgicamente no Domingo, o “dia da ressurreição”, que marca o início do tempo cristão e o ritmo da vida eclesial. O Domingo não é apenas uma recordação de um evento passado, mas a renovação constante do mistério pascal, que dá sentido à vida cristã e sustenta a missão da Igreja. Assim, a celebração dominical não se encerra em um rito, mas desdobra-se como envio missionário: quem participa do mistério pascal é chamado a testemunhá-lo no mundo.<sup>183</sup>

---

<sup>182</sup> Bento XVI, *Encontro do Papa Bento XVI com o Clero de Roma, Sala Paulo VI, 14 de fevereiro de 2013*, vídeo, [49 minutos e 30 segundos], disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=903c5JziUhY>.

<sup>183</sup> Bento XVI, *Encontro do Papa Bento XVI com o Clero de Roma*, vídeo.

Um dos grandes desafios contemporâneos para a evangelização, segundo Ratzinger, é a tentação do relativismo. Na *Dominus Iesus*, ele faz notar que “a missão da Igreja continua a ser tão necessária hoje como no passado” e que “não há salvação fora de Cristo”.<sup>184</sup> Aqui, ele reafirma que o anúncio do Evangelho não pode ser diluído em uma visão pluralista onde Cristo é apenas uma opção entre outras.

A ressurreição de Cristo é o evento que universaliza a missão cristã. Como Bento XVI destaca, “a evangelização não é simplesmente uma questão de transmissão de conteúdos, mas sim de um encontro com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte”.<sup>185</sup>

Essa dimensão missionária da ressurreição também responde às inquietações mais profundas da humanidade. O homem, marcado pela busca de sentido e pela angústia diante da morte, encontra na ressurreição de Cristo a resposta definitiva à sua condição. Como Ratzinger afirma, “a Páscoa de Cristo não apenas confirma a vitória sobre a morte, mas inaugura uma nova realidade onde a vida eterna se torna acessível”.<sup>186</sup> Essa é a mensagem essencial do Evangelho e o núcleo da missão evangelizadora: anunciar ao mundo que Cristo vive e que n’Ele está a plenitude da vida.

Para Ratzinger, a evangelização exige autenticidade e testemunho. Em sua visão, a credibilidade da missão cristã não vem apenas de argumentos racionais, mas da santidade e coerência dos evangelizadores. Isso fica claro na *Porta Fidei*, onde ele afirma que “somente através de crentes transformados pela graça é que o mundo pode ser verdadeiramente evangelizado”.<sup>187</sup>

Ele também ressalta que a missão cristã não pode restringir-se a estratégias institucionais, mas deve partir de uma verdadeira experiência de fé. No Ano da Fé, ele exortou a Igreja a redescobrir a alegria da evangelização, afirmando que “a fé se fortalece quando é compartilhada”.<sup>188</sup>

---

<sup>184</sup> Congregação para a Doutrina da Fé, *Declaração "Dominus Iesus" sobre a Unicidade e a Universalidade Salvífica de Jesus Cristo e da Igreja* (Vaticano: 6 de agosto de 2000), n. 22, acessado em 25 de março de 2025,

[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20000806\\_dominus-iesus\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html).

<sup>185</sup> Bento XVI, *A alegria de ser cristão* (2012), disponível em [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20120627.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20120627.html).

<sup>186</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Parte II*, 197-198.

<sup>187</sup> Bento XVI, *Porta Fidei* (2011), n. 6, disponível em [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_ben-xvi\\_motu-proprio\\_20111011\\_porta-fidei.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html).

<sup>188</sup> Bento XVI, *Porta Fidei*, n.7.

No pensamento de Ratzinger, a missão e a evangelização não são simples atividades da Igreja, mas derivam diretamente do mistério da ressurreição. O Cristo vivo é a fonte e o conteúdo da missão. Como ele ensina, “evangelizar não é transmitir uma ideologia, mas comunicar uma vida nova”.<sup>189</sup> Assim, a evangelização só pode ser autêntica quando nasce da experiência do encontro com Cristo ressuscitado, conduzindo o mundo à comunhão com Deus. Como na experiência dos primeiros discípulos, a Igreja é chamada, em cada geração, a recomençar seu tempo a partir da ressurreição e a sair ao encontro do mundo, levando a luz do Cristo vivo a todos os povos.

### 7.3. Eucaristia e ressurreição

A Eucaristia e a ressurreição estão intrinsecamente ligadas no pensamento teológico de Joseph Ratzinger. Para ele, a Eucaristia não é apenas uma recordação da Paixão e Morte de Cristo, mas uma experiência autêntica da presença do Ressuscitado, tornando-se o encontro mais íntimo com Cristo glorificado.

No seu livro *Introdução ao Espírito da Liturgia*, Ratzinger sublinha que a transformação do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Cristo é possível precisamente porque Cristo ressuscitou. Citando São Paulo, o teólogo alemão salienta que “Paulo expõe perentoriamente a transformação do pão e do vinho em Corpo e Sangue de Cristo como um facto de ser o Ressuscitado, Ele próprio, que está aqui, oferecendo-se-nos para comer”.<sup>190</sup> Isso significa que a Eucaristia é o meio pelo qual os fiéis têm acesso ao Cristo glorioso, antecipando a plena comunhão escatológica.

Ratzinger também destaca que

“A experiência dos discípulos de Emaús reflete a estrutura do culto cristão: primeiro, a liturgia da Palavra, quando Cristo explica as Escrituras, e depois a liturgia eucarística, quando Ele parte o pão e se torna reconhecido. Essa narrativa simboliza como a Igreja continua a encontrar o Senhor ressuscitado na Palavra e no Sacramento”.<sup>191</sup>

A liturgia, segundo Ratzinger, é o espaço privilegiado onde Cristo vivo se torna acessível aos fiéis, pois é no culto divino que Ele se dá a conhecer como o Senhor vivo.

---

<sup>189</sup> Bento XVI, *A alegria de ser cristão*, 2012.

<sup>190</sup> Ratzinger, *Introdução ao Espírito da Liturgia*, 63-64.

<sup>191</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 224.

O fundamento da liturgia, para Ratzinger, está enraizado no mistério pascal. Ele nota que o Cristo ressuscitado continua a encontrar os fiéis desorientados e sem coragem, assim como aconteceu com os discípulos de Emaús. No entanto, a presença real de Cristo na Eucaristia transforma a experiência dos fiéis, abrindo seus olhos e inflamando seus corações para a realidade da ressurreição. Assim, a celebração eucarística não é apenas uma memória simbólica, mas a expressão concreta da nova realidade instaurada pela vitória de Cristo sobre a morte.

Ratzinger rejeita qualquer reducionismo que veja a ressurreição como uma mera recordação subjetiva. Ele afirma que “a experiência do Ressuscitado é diferente do encontro com um ser humano nesta nossa história” e que os relatos da ressurreição são “mais do que cenas litúrgicas mais ou menos disfarçadas”, pois revelam o fundamento da liturgia cristã.<sup>192</sup> Dessa forma, a liturgia cristã baseia-se na certeza da ressurreição e torna-se o lugar onde o Ressuscitado continua a manifestar-Se e a transformar os fiéis.

A relação entre a Eucaristia e a ressurreição, conforme o pensamento de Ratzinger, revela a unidade profunda entre Cristo glorificado e a vida da Igreja. A Eucaristia não é um mero rito simbólico, mas o meio pelo qual os cristãos participam da nova vida inaugurada pela ressurreição de Cristo. Assim, a celebração eucarística é tanto a memória da Páscoa de Cristo quanto a antecipação da plenitude escatológica, onde os fiéis encontrarão definitivamente o Senhor ressuscitado.

Dessa forma, no entender de Ratzinger, a Eucaristia é o ponto de encontro entre o tempo e a eternidade, pois nela Cristo glorioso torna-se presente de modo real e eficaz. O culto cristão, portanto, é o espaço privilegiado onde os fiéis têm acesso à experiência do Ressuscitado, alimentando-se do Seu Corpo e Sangue, fortalecendo a esperança na vida eterna e unindo-se cada vez mais ao mistério pascal de Cristo.

Em suma, a ressurreição de Jesus Cristo não é apenas um evento histórico, mas o centro da fé cristã, que dá sentido à vida, à missão e à identidade da Igreja. Em Ratzinger, ela manifesta-se como a transformação definitiva da existência humana, inaugurando uma nova realidade na qual Deus não está distante, mas presente e atuante. A vida cristã, portanto, não se reduz à adesão a uma doutrina, mas consiste no encontro vivo e transformador com o Ressuscitado, que impele os fiéis a testemunharem essa verdade com a própria vida. A missão da Igreja, impulsionada pelo Espírito do Ressuscitado, é

---

<sup>192</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 224.

levar ao mundo essa nova vida, proclamando que Cristo venceu a morte e está presente na Eucaristia, na Palavra e na comunidade dos crentes. Dessa forma, a fé na ressurreição não é apenas um assentimento intelectual, mas uma realidade existencial que redefine o tempo, a história e o destino humano, abrindo a todos a esperança da vida eterna em comunhão com Deus.

### **8. *Síntese teológica conclusiva do capítulo III***

A ressurreição de Jesus Cristo, conforme compreendida por Joseph Ratzinger, revela-se como o alicerce inabalável da fé cristã e a porta de entrada para a Nova Criação. Como analisado ao longo deste capítulo, a ressurreição transcende uma mera intervenção divina na história para se tornar o centro da existência cristã, na qual se fundamenta toda a esperança da redenção. Esse evento não apenas confirma a identidade divina de Cristo, mas também inaugura uma nova realidade, onde a humanidade é chamada à participação plena na vida divina.

No primeiro aspecto abordado, demonstrou-se como a ressurreição constitui o cerne da fé cristã, não sendo apenas uma verdade entre outras, mas a base sobre a qual repousa todo o edifício da teologia cristã. A confissão pascal da Igreja primitiva atesta que, sem a ressurreição, a fé perderia a sua força salvífica e a sua dimensão escatológica. A fé cristã, portanto, não se sustenta em um ideal filosófico ou ético, mas na experiência real do Cristo vivo, que continua a fazer-se presente na Palavra, na Eucaristia e na comunidade eclesial.

No segundo ponto, discutimos como a ressurreição se configura como a porta para a Nova Criação. A corporeidade glorificada de Cristo evidencia uma realidade transformada, onde não há ruptura, mas plenificação da condição humana. Ratzinger rejeita tanto um dualismo radical entre corpo e alma quanto uma concepção puramente materialista da ressurreição, sublinhando a unidade do ser humano e do seu chamamento à participação definitiva na vida de Deus. Desse modo, a ressurreição de Cristo inaugura um novo horizonte, onde a matéria e o espírito, em perfeita harmonia, alcançam sua plenitude no âmbito da redenção.

Por fim, exploramos as implicações desse evento para a vida cristã. A ressurreição não é apenas um acontecimento passado, mas uma realidade presente que transforma a existência dos crentes. A vida cristã desenrola-se como um encontro constante com o Ressuscitado, que renova a história e impele a Igreja a anunciar a esperança da vida eterna. A missão eclesial não consiste apenas na transmissão de doutrinas, mas no testemunho vivo da ressurreição, que se manifesta na Eucaristia, na Palavra e na vida comunitária. Dessa forma, a fé na ressurreição redefine o tempo e a história, orientando a humanidade para sua vocação final: a plena comunhão com Deus.

Em suma, a ressurreição de Jesus Cristo é, no pensamento de Joseph Ratzinger, o fundamento absoluto da fé cristã e o início da Nova Criação. Ao reafirmar a dignidade da corporeidade e a unidade do ser humano, ela ilumina o destino último da humanidade e confirma a promessa irrevogável da salvação. Assim, viver a fé na ressurreição significa participar da nova realidade inaugurada por Cristo, testemunhando com a própria vida a esperança e a plenitude que dela emanam.

## CONCLUSÃO

A Ressurreição de Jesus Cristo, como fundamento da fé cristã, constitui o núcleo central da teologia de Joseph Ratzinger. A sua reflexão profunda e sistemática sobre este evento histórico e transcendente revela não apenas a sua importância no desvelar do mistério de Cristo, mas também a sua relevância para a vida da Igreja e de cada cristão. A ressurreição não é um elemento periférico da fé, mas o acontecimento que ilumina toda a mensagem cristã, conferindo-lhe coerência e plenitude.

Através desta investigação, foi possível compreender como Ratzinger interpreta a ressurreição como a realização da promessa divina de salvação e a inauguração de uma Nova Criação. Ele sublinha que a ressurreição é um evento que transcende as limitações da história, sem, no entanto, perder o seu caráter histórico. Para Ratzinger, o túmulo vazio e as aparições do Ressuscitado não são meros símbolos, mas testemunhos de uma realidade transformadora: a vitória de Cristo sobre a morte e a participação na vida eterna. Este evento revela não apenas o triunfo de Cristo sobre o mal e a morte, mas também oferece aos crentes a garantia da sua própria ressurreição e da transformação total do cosmos.

No diálogo com teólogos contemporâneos, verificou-se que o pensamento de Ratzinger ocupa um lugar singular, integrando com equilíbrio a dimensão histórica e teológica da ressurreição. A sua abordagem ressalta a continuidade entre o Jesus histórico e o Cristo ressuscitado, afirmando que este evento não apenas confirma a identidade de Jesus como Filho de Deus, mas também lança luz sobre a vocação e a missão do cristão. A ressurreição, portanto, não é apenas uma confirmação da identidade divina de Jesus, mas também a base para a compreensão da vida cristã, que é uma vida marcada pela participação na vitória sobre a morte e pelo compromisso com o reino de Deus.

Por fim, esta dissertação destacou como a ressurreição é, para Ratzinger, o fundamento da vida cristã em todas as suas dimensões: a fé, que encontra no Ressuscitado a sua resposta definitiva; a esperança, que aponta para a plenitude escatológica da comunhão com Deus; e a caridade, que, alimentada pela Eucaristia, se torna o testemunho vivo da ressurreição no mundo. Assim, a ressurreição, para Ratzinger, molda a vida do cristão, transformando-o em um sujeito de esperança e ação, comprometido com a missão de anunciar o Evangelho e viver o amor de Cristo.

A teologia de Ratzinger oferece uma contribuição inestimável para a compreensão da ressurreição de Jesus Cristo como a chave da fé cristã e como a porta que conduz à Nova Criação. Este estudo reforça a centralidade deste evento na vida da Igreja, chamando cada cristão a viver como testemunha do Ressuscitado, com uma fé viva, uma esperança inabalável e uma caridade transformadora. A ressurreição, enquanto realidade salvífica, permanece como o horizonte último da existência humana, o fundamento da missão da Igreja e a antecipação da glória futura, onde Deus será tudo em todos.

Em resposta à pergunta central que orientou esta investigação, a ressurreição de Jesus Cristo fundamenta a fé cristã no sentido de que ela não apenas ratifica a verdade da revelação divina, mas também inaugura uma nova ordem de existência que transcende o temporal, oferecendo aos cristãos uma esperança escatológica e um modelo de vida em Cristo. A ressurreição molda a vida do cristão, pois é a fonte de sua identidade, a garantia da sua salvação e o impulso para viver de acordo com os princípios do Reino de Deus, proclamando, pela fé, a vitória sobre o mal e a morte e, pela caridade, vivendo como sinais visíveis dessa vitória no mundo.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Obras de Joseph Ratzinger

Bento XVI. *A Alegria da Fé*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2012.

Bento XVI. *A Alegria de Ser Cristão*. 2012. Disponível em [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20120627.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20120627.html).

Bento XVI. *Carta Encíclica Spe Salvi*. Prior Velho: Paulinas, 2007.

Bento XVI. *Encontro do Papa Bento XVI com o Clero de Roma, Sala Paulo VI, 14 de fevereiro de 2013*. Vídeo, [49 minutos e 30 segundos]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=903c5JziUhY>.

Bento XVI. *Porta Fidei*. 2011. n. 6. Disponível em [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_ben-xvi\\_motu-proprio\\_20111011\\_porta-fidei.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html).

Bento XVI. *Testamento Espiritual: Permanecei Firmes na Fé*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2023.

Ratzinger, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico*. Cascais: Principia, 2017.

Ratzinger, Joseph. *Introdução ao Espírito da Liturgia*. Lisboa: Paulinas, 2006.

Ratzinger, Joseph. *Jesus de Nazaré: Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*. Cascais: Principia, 2011.

Ratzinger, Joseph. *Obras Completas VI/2: Jesús de Nazaret: Escritos de Cristología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2021.

Ratzinger, Joseph. *Obras Completas X: Resurrección y Vida Eterna: Contribuciones a la Escatología y a la Teología de la Esperanza*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2021.

Ratzinger, Joseph. *Teoría de los Principios Teológicos*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982.

## 2. Documentos do Concílio Ecuménico Vaticano II

*Constituição Dogmática “Lumen Gentium”* (21 de novembro de 1964). Cidade do Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1966.

*Constituição Dogmática Lumen Gentium* (21 de novembro de 1964). Cidade do Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1966.

*Dei Verbum: Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina*. 18 de novembro de 1965. Acedido em 25 de março de 2025.

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html).

*Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Vaticano 1965.

## 3. Documentos pontifícios

Congregação para a Doutrina da Fé, *Declaração “Dominus Iesus” sobre a Unicidade e a Universalidade Salvífica de Jesus Cristo e da Igreja* (Vaticano: 6 de agosto de 2000),

n. 15, acedido em 25 de março de 2025,

[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20000806\\_dominus-iesus\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html).

João Paulo II. *Missão de Cristo Redentor: Carta Encíclica “Redemptoris Missio”*. 2ª ed. Lisboa: Edições Paulinas, 1991.

## 4. Outra Bibliografia

Aquino, Tomás de. *Summa contra gentiles*. Torino: Marietti, 1946.

Barbaglio, Giuseppe, e Severino Dianich, eds. *Nuovo Dizionario di Teologia*. Roma: Edizioni Paoline, 1979.

Cirilo di Alessandria. *Commento al Vangelo di Giovanni*, vol. 3, Libri IX-XII. Roma: Città Nuova, 1994.

- Fiorenza, Francis, e Johann Baptist Metz. “O Homem como União de Corpo e Alma”. In *Mysterium Salutis*, vol. 2/3, 60–85. Petrópolis: Vozes, 1970.
- Hubaut, Michel. *Do Corpo Mortal ao Corpo de Luz: Fundamentos e Significado da Ressurreição*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2014.
- Kasper, Walter. *Jesús el Cristo*. Santander: Sal Terrae, 2013.
- Koselleck, Reinhart. *O Conceito de História*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- Ladaria, Luis F. *Introdução à Antropologia Teológica*. São Paulo: Loyola, 2004.
- Oliveira, David Mesquiati. “A Ressurreição de Jesus na Visão de Wolfhart Pannenberg: Uma Análise do Discurso Religioso.” *Unitas – Revista Eletrônica de Ciências das Religiões* 1 (jan.-jun. 2014).
- Pannenberg, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. 3 vols. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2009.
- Rahner, Karl. “Para Una Teología del Símbolo.” In *Escritos de Teología*, vol. 4, 316–328. Madrid: Taurus, 1966.
- Riedweg, Christoph. *Empédocles, Orfismo*. Trans. Francesc Casadesús. *Taula* 27-28 (1997): 33-59.
- Ruiz de la Peña, Juan Luis. *As Novas Antropologias: Um Desafio à Teologia*. Lisboa: Paulus, 1983.
- Schillebeeckx, Edward. *Jesus: A História de um Vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.
- Schmidt, Karl, ed. *Lexikon für Theologie und Kirche*, vol. 4: Franca bis Hermenegild. Freiburg: Herder, 1995.
- Silva, S. P. M. da. *Entre Historie e Geschichte: A Escolha Semântica e Epistemológica de Leopold von Ranke (1795–1886) pelo Conceito de História*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.
- Torres Queiruga, Andrés. *Repensar a Ressurreição: A Diferença Cristã na Continuidade das Religiões e da Cultura*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- Zubiri, Xavier. *El Hombre y Dios*. Madrid: Alianza Editorial, 1984.
- Zubiri, Xavier. *Sobre el Hombre*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

## 5. Sites da Internet

Barco, A. P. *A Concepção Husserliana de Corporeidade: A Distinção Fenomenológica entre Corpo Próprio e Corpos Inanimados*. Universidade Católica de Petrópolis; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1-2. Acessado em 23 de maio de 2020. <http://hdl.handle.net/10316.2/32973>. [https://doi.org/10.14195/1984-6754\\_4-2\\_1](https://doi.org/10.14195/1984-6754_4-2_1).

*Nova Bíblia dos Capuchinhos*. Bíblia Online. Acessado em [www.capuchinhos.org/biblia-sagrada](http://www.capuchinhos.org/biblia-sagrada).

*O Tau franciscano - Carisma*. Franciscanos Carisma, Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil - OFM. Acessado em 26 de março de 2025. <https://www.franciscanos.org.br>.